

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES - CCTA**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**LARISSA ANGÉLICA DE SANTANA MADRUGA PONCE DE LEON AGUIAR**

**ALERTA NACIONAL: as mulheres enquanto notícia no telejornalismo policial**

**JOÃO PESSOA**

**2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES - CCTA**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**AUTORA: LARISSA ANGÉLICA DE SANTANA MADRUGA PONCE DE  
LEON AGUIAR**

**ALERTA NACIONAL: as mulheres enquanto notícia no telejornalismo policial**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Jornalismo, área de concentração em “Produção Jornalística”, linha de pesquisa “Processos, Práticas e Produtos”.

Orientador: Prof. Dr. Laerte José Cerqueira Da Silva

**JOÃO PESSOA**

**2021**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A282a Aguiar, Larissa Angélica de Santana Madruga Ponce de Leon.

Alerta Nacional : as mulheres enquanto notícia no telejornalismo policial / Larissa Angélica de Santana Madruga Ponce de Leon Aguiar. - João Pessoa, 2021.  
141 f.

Orientação: Laerte José Cerqueira da Silva.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo policial. 2. Alerta Nacional. 3. Patriarcado. I. Silva, Laerte José Cerqueira da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)



## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos quatorze dias do mês de dezembro de 2021, às 14 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <http://meet.google.com/mgt-ouaa-znk>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **LARISSA ANGÉLICA DE SANTANA MADRUGA PONCE DE LEON AGUIAR**, sob a matrícula **20191000110**, cuja pesquisa intitula-se “**ALERTA NACIONAL: as mulheres enquanto notícia no telejornalismo policial**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

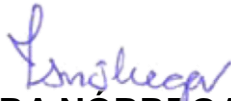
### AVALIAÇÃO:

( X ) Aprovado(a) ( ) Reprovado(a) ( ) Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

### COMISSÃO EXAMINADORA:

  
Prof(a). Dr(a). **LAERTE JOSÉ CERQUEIRA DA SILVA**  
Presidente

  
Prof(a). Dr(a). **ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO**  
Examinador(a) Interno(a)

  
Prof(a). Dr(a). **ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA**  
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Dedico este trabalho à Juan Diego, meu primogênito (*in memoriam*), que precedentemente inspirou meu retorno aos bancos da Academia.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer no âmbito de um trabalho acadêmico é reconhecer que a despeito da solidão do processo de escrita, clichê que é a mais pura verdade, muito embora eu tenha dividido este ato com meu filho por madrugadas a dentro, entre mamadas, choros, sorrisos, algumas vezes febre, e o cursor piscando insistentemente em uma folha em branco, há pessoas que tornam esse fardo mais leve.

Como cristã católica acredito que nenhuma dessas pessoas estaria em nosso caminho não fosse a providência divina, por isso antes de qualquer coisa ou qualquer um, agradeço a DEUS pelas oportunidades que ELE me concede, mesmo diante de minha pequenez. Gratidão também a minha Virgem Maria, cujo colo maternal tantas vezes me acalentou e sustentou nos momentos de maior dificuldade até aqui.

Ao meu pai Luiz, que sempre apontou para o estudo como o caminho correto a seguir, dando-me sempre o norte e o conselho certo, rezando para que eu vencesse cada uma de minhas batalhas.

À minha mãe Lúcia, por ser a maior entusiasta e investidora dos meus estudos e dos meus sonhos, por sempre acreditar que eu posso ir mais longe do que eu mesma acredito e por nunca desistir de mim.

À minha irmã Luciana, primeira Mestre de minha família (de ambos os lados), minha consultora de elaboração de artigos e professora de metodologia favorita, minha incentivadora e meu maior exemplo de que a educação é a principal arma que temos para conquistar nossos objetivos.

Ao meu marido Diêgo por ter sido o primeiro a acreditar que não seria loucura me submeter a uma seleção de mestrado grávida de seis meses e depois por confiar que eu conseguiria cursar todas as disciplinas com um bebê de colo e ainda amamentando. Sim, eu consegui! Conseguimos!

Ao meu Diêgo Filho, maior presente que recebi, minha riqueza e minha herança para esta terra, por quem eu desejo sempre ser melhor a cada dia, o motivo de todas as pausas desta pesquisa, as pequenas e as longas, faria tudo outra vez. Espero que um dia você tenha orgulho de sua mãe tanto quanto eu já tenho de você, meu pequeno Mestrando.

Ao meu sobrinho José Bernardo, afilhado amado, sua chegada no início desse caos que é a pandemia de covid-19 me fez ter esperanças em dias melhores mesmo diante de tantos desafios. Também espero ser exemplo para você, meu bebê sorriso.

À minha avó Irene Santana (*in memoriam*) que perdi durante este trajeto e que sempre teve por mim muito afeto e orgulho por eu ter a mesma formação profissional de minha mãe, sua filha.

Às minhas colegas de trabalho, Danielle Lucena, Emanuella Pontes e Luciana Nóbrega por compreenderem minhas ausências e suprirem todas elas.

Aos meus colegas de curso que compartilharam comigo as agruras e as alegrias da pesquisa científica: Bob Vagner, Felipe Nunes, Luís Eduardo Meira, Marcella Machado, Robson Roque e Vitor Daniel. Aprendi com cada um de vocês, ainda que em silêncio ou

que tenhamos trocado poucas palavras, pude enxergar em cada um o potencial maravilhoso do ser humano.

Mas não poderia deixar de fazer um agradecimento especial a quem esteve mais próximo: Iara Alves, uma grata surpresa que as frias terras de Campina Grande me trouxeram cujas palavras de afeto deixam o coração mais quente; Tatiana Ramalho (Tati), incansavelmente pronta a ajudar, orientar, responder questionamentos a qualquer hora do dia, da noite ou da madrugada; José Primitivo, cuja proximidade devo a Escola de Frankfurt, com quem pude apreender boas referências bibliográficas; Samara, cuja leveza da dança se transporta para a alma e para os textos que fluem como se as palavras também dançassem; Felícia, com quem dividi livros e conselhos sobre a pesquisa devido a similitude de nossos trabalhos que nos levou a uma aproximação natural e harmoniosa; Sílvia, uma diva da reportagem que sempre admirei e com quem pude conviver e aprender a praticidade e a objetividade para lidar com os problemas.

A todos os professores com quem tive a honra de conviver durante esta jornada, em especial a Zulmira Nóbrega, que sabe conduzir ao mesmo tempo com amor e pulso firme esse Programa de Pós-Graduação, exigindo de nós como uma mãe que só quer bem aos filhos, e a professora Glória Rabay, que presenciou a defesa do meu TCC, me aconselhou para me submeter a seleção deste Mestrado e me direcionou para a temática das mulheres.

À Professora Paula Paes, minha primeira orientadora deste curso, que despertou em mim a pesquisadora que eu nem sabia que existia.

Ao meu atual orientador, Laerte Cerqueira, que acreditou em mim sem ao menos me conhecer pessoalmente, confiou na minha capacidade, compreendeu minhas limitações, todas elas, foi a paciência e a serenidade que precisei para concluir esta pesquisa e me provou a generosidade do ser humano.

Ao secretário do curso, Joércio, sempre solícito e prestativo com minhas demandas, resolvendo minhas dúvidas e dando-me o direcionamento preciso.

Enfim, diante de tantos percalços vividos durante este percurso, o maior deles sem dúvidas a pandemia, só tenho motivos para ser grato, pois se hoje escrevo é porque tenho saúde e condições técnicas de fazê-lo, privilégio que muitos não têm mais.

*“Um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar”.*

*(Francisco, el hombre)*



## RESUMO

O presente trabalho tem por escopo fazer uma reflexão sobre como as mulheres são tratadas nas notícias da cobertura jornalística policial, em particular no programa Alerta Nacional, transmitido pela Rede TV!. A hipótese suscitada é a de que o telejornalismo policial, gênero híbrido, que transita entre a informação e o entretenimento, abrindo mão de parâmetros éticos, corrobora com a discriminação de mulheres, padrão reprovável de nossa sociedade. Para isso nos valem do método da análise de conteúdo em que a partir da investigação das transcrições de dez edições escolhidas aleatoriamente entre janeiro de 2020 e março de 2021 pudemos coletar material suficiente para a elaboração de categorias que nos auxiliaram na construção dos resultados. Como aporte teórico utilizamos bibliografia a respeito do jornalismo (MARCONDES FILHO, 2000) e, em especial, do telejornalismo (BUCCI, 1997), dada a relação com o nosso objeto empírico, bem como lançamos mão de autores que tratam a respeito das discussões em torno das mulheres (BEAUVOIR, 1975; SAFIOTTI, 1987). Por fim, chegamos à conclusão de que a desigualdade entre homens e mulheres é uma realidade que ganha visibilidade e, portanto, reforço através do jornalismo policial quando exercido afastado de sua função social de garantidor de acesso a informação de qualidade pela população, residindo aí a importância de nossa pesquisa.

**Palavras-chave:** Jornalismo policial; Alerta Nacional; Patriarcado; Discriminação contra mulheres; Função social.

## ABSTRACT

This work aims to reflect on how women are treated in the news of police news coverage, in particular in the program *Alerta Nacional*, broadcast by Rede TV!. The hypothesis raised is that police television journalism, a hybrid genre, which moves between information and entertainment, giving up ethical parameters, corroborates the discrimination of women, a reprehensible pattern in our society. For this, we used the method of content analysis in which, based on the investigation of the transcripts of ten randomly chosen episodes between January 2020 and March 2021, we were able to collect enough material for the elaboration of categories that helped us in the construction of the results. As a theoretical contribution, we used bibliography on journalism (MARCONDES FILHO, 2000) and, in particular, on television journalism (BUCCI, 1997), given the relationship with our empirical object, as well as using authors who deal with the discussions in around women (BEAUVOIR, 1975; SAFIOTTI, 1987). Finally, we came to the conclusion that inequality between men and women is a reality that gains visibility and, therefore, is reinforced through police journalism when exercised away from its social function of guaranteeing access to quality information by the population, where the importance of our research.

**Keywords:** Police journalism; *Alerta Nacional*; Patriarchy; Discrimination against women; Social role.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Representatividade das mulheres por área de conhecimento .....	41
Gráfico 2 - Magistério Superior .....	42
Gráfico 3 - Homicídio de mulheres.....	51
Gráfico 4 - Quantitativo de matérias .....	81
Gráfico 5 - Papel das mulheres.....	82
Gráfico 6 - Minoria negra.....	83
Gráfico 7 - Minoria negra e seu papel nas matérias .....	83
Gráfico 8 - Dados do IPEA.....	84
Gráfico 9 - Minoria homossexual .....	85
Gráfico 10 - Tempo de duração das matérias .....	86
Gráfico 11 - Elementos que desqualificam as mulheres.....	87
Gráfico 12 - Oportunidade de fala.....	89
Gráfico 13 - Função social.....	91
Figura 1 - Foto do anúncio da estreia do programa .....	72
Figura 2 - Movimentos Feministas em frente à TV Arapuã.....	77
Figura 3 - Perda de patrocínio.....	79
Figura 4 - Retirada de anúncios automáticos do <i>youtube</i> .....	79
Figura 5 - Imagem da prisão de uma mulher.....	88
Figura 6 - Apresentador faz gesto de que está sentindo mal cheiro .....	94
Figura 7 - #fecheaspernas 1.....	94
Figura 8 - #fecheaspernas 2.....	95
Figura 9 - #fecheaspernas 3.....	95
Quadro 1 – Assuntos veiculados.....	75

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>19</b>
2.2 Jornalismo: uma síntese sobre a evolução da profissão.....	20
2.2 O jornalismo e sua função social.....	23
2.3 Ética da profissão.....	25
2.4 Jornalismo Policial.....	27
2.4.1 <i>Onde tudo começou: primeiras impressões do policalesco</i> .....	30
2.4.2 <i>TV: terreno fértil para o grotesco</i> .....	32
2.4.3 <i>Histórico dos programas policiais</i> .....	35
2.5 Formato atual.....	37
<b>3 SOBRE O RECORTE: AS MULHERES.....</b>	<b>40</b>
3.1 Metalinguagem: as mulheres e a desigualdade na construção da ciência .....	40
3.2 Mulheres: o porquê desta escolha.....	44
3.3 Panorama sobre a discriminação.....	48
3.4 Estado da arte: a intersecção entre mulheres e jornalismo.....	54
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>61</b>
4.1 Contornos práticos da pesquisa.....	62
4.2 Análise de conteúdo.....	63
4.3 Categorização.....	66
<b>5 DELINEAMENTO DO OBJETO EMPÍRICO.....</b>	<b>69</b>
5.1 “O coroa chegou para todo mundo ver”: estreia.....	70
5.2 “A notícia de um jeito que você nunca viu”: características.....	72
5.3 “O apresentador mais louco do Brasil”.....	75
5.4: “Está no ar o Alerta Nacional”: análise propriamente dita.....	80

5.5 O dia em o Brasil não “fechou as pernas” e mandou Sikêra calar a boca: programa 21 de abril de 2020.....	91
5.6 Resultados da pesquisa.....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo enquanto prática social tem sua origem incerta o que é inelutável, na verdade, é que o seu surgimento guarda relação direta com a necessidade de comunicação do ser humano e no quanto a informação é fundamental para o desenvolvimento das sociedades (SOUSA, 2008).

É neste aspecto que reside a sua função social, conforme veremos mais adiante, característica inerente à profissão, cujo exercício ético é capaz de garantir a plenitude de tal asserção. Entretanto, ocorre que nem sempre elas caminham juntas e o resultado desse descompasso traz consequências que repercutem de maneira difusa para toda uma coletividade.

A transcrição a seguir é um exemplo típico do que estamos nos referindo e faz parte da análise de nossa pesquisa: “Uma moça tão bonita! Olha o corpo da moça! Isso é coisa que... a mulher que se passa por um negócio desse eu vou te falar! A mulher que se passa por um negócio desse. Isso é o que? Isso é falta de homem no mundo, é? Tá (sic) se acabando, é? ” (APÊNDICE C)

A repulsa que ela me causa enquanto mulher é a que me moveu enquanto pesquisadora para estudar e refletir sobre a temática que me toca ainda sob o aspecto da profissão. Assim se justifica de maneira pessoal a minha escolha e, por isso, apenas aqui neste parágrafo peço permissão para falar em primeira pessoa. Já a justificativa a nível acadêmico foi feita nas primeiras linhas desse introito

A dominação das mulheres por homens tem raízes muito profundas e consequências diversas que invadem todas as esferas da sociedade, como veremos mais adiante, cuja explicação por muito convencionou-se atribuir a natureza biológica da diferença entre os sexos, no entanto, conforme ensina Bourdieu (2012) ela se assenta na construção social de que a mulher é um ser incompleto “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Esse cenário nos impõe a reflexão sobre o papel que o jornalista deve exercer em torno do tema da discriminação das mulheres. É função social do jornalismo revelar informações que são de interesse público e não apenas interesse do público e que são fundamentais na construção social da realidade. Sendo assim, faz parte da obrigação jornalística não apenas narrar fatos, mas trazer à tona questionamentos que ajudem a romper estruturas de poder que privilegie grupos e promova a exclusão das minorias marginalizadas.

É incontestável a influência que a mídia exerce sobre os vários segmentos sociais. Quando nos remetemos à televisão essa afirmação torna-se ainda mais robusta, como ensina Bucci (1997, p. 11):

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. Ele se estende de trás para diante: começa lá onde se estende a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim de marcha a ré, depois passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão. O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro colorido dos monitores ainda não foi integrado a ele. Dentro desses limites, o país se informa sobre si mesmo, situa-se dentro do mundo e se reconhece como unidade. Diante da tela, os brasileiros torcem unidos pelos eventos esportivos, choram unidos nas tragédias, acham graça unidos, dos palhaços que aparecem. Divertem-se e se emocionam.

Apesar de parecer bastante crítico, o pensamento acima traduz o papel que a televisão exerce enquanto veículo de comunicação de massa. A televisão continua sendo um meio agregador e de grande alcance, favorecido ainda pelas suas próprias características técnicas, capaz de transmitir som e imagem ao mesmo tempo. O telejornalismo policial, por sua vez, sendo uma mistura de informação e entretenimento catalisa todas as características deste meio de comunicação, o que pode ser verificado na audiência que ele atrai.

Conforme pudemos verificar em nossa pesquisa, este tipo jornalístico se caracteriza por noticiar fatos que envolvem crimes, acidentes, tragédias familiares, miséria, entre outras, o chamado *fait divers*, em consonância ao que preleciona Paes (2018), sendo caracterizado como aquilo que não cabe nas editorias tradicionais, o pitoresco, o que excede à normalidade.

Este tipo de discurso é capaz de tocar o imaginário popular das mais diferentes formas, haja vista que tal mídia se constitui assim em ambiente propício para a disseminação da indústria do espetáculo, ampliando a própria realidade, dando margem para a dramatização, para o apelo emocional e para a espetacularização da vida humana, o que em muito atrai a audiência e, portanto, quanto mais as pessoas assistem maior é repercussão dos discursos veiculados.

Diante destas primeiras constatações e tentando trazer o nosso objeto de estudo o mais próximo possível da nossa vivência de mundo, fizemos o recorte na questão que envolve o gênero e por isso optamos por nos debruçar especificamente sobre a minoria mulheres, no sentido de exclusão social, obviamente não estamos falando em termos numéricos.

O objetivo geral do presente trabalho é investigar a forma como as mulheres vêm sendo noticiadas no telejornalismo policial, particularmente no Alerta Nacional. Mas para chegarmos na questão nodal da discussão que queremos suscitar precisamos nos afastar do centro e abordar outros aspectos que tangenciam a temática como forma de dar substância suficiente para o debate. Por isso partimos da reflexão acerca do jornalismo enquanto prática profissional, o seu surgimento e a sua inegável característica de transformação social ao longo dos tempos, o que ensejou o debate acerca de sua função social.

Partimos da hipótese de que o jornalismo tem papel fundamental na construção da realidade social e que por isso o seu discurso contrário a princípios humanos elementares, como por exemplo a igualdade de sexos, que colocamos em xeque nesta pesquisa, traz consequências nefastas para a sociedade como um todo.

Os objetivos específicos foram constituídos da seguinte forma: investigar a origem do jornalismo em sincronismo com a sua função social e conseqüentemente o exercício ético da profissão; verificar a intersecção entre jornalismo e violência contextualizando historicamente os componentes fundadores do jornalismo policial com o policialesco objeto da pesquisa; investigar as possíveis motivações para a discriminação das mulheres; apurar como as mulheres têm sido objeto de estudo em outros trabalhos; verificar como se estabelece a relação entre o nosso objeto de estudo empírico e as mulheres enquanto personagens das notícias.



E para tanto, além do referencial teórico que embasa nossa pesquisa também fizemos uma coleta de dados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) procurando investigar outras pesquisas que guardassem semelhanças com a temática, bem como também pesquisamos no acervo de dissertações deste programa de mestrado, buscando assim situar nosso trabalho no universo acadêmico.

Escolhemos como objeto empírico de nosso estudo o programa Alerta Nacional, apresentado por Sikêra Júnior, antes de projeção apenas local no Estado do Amazonas e elevado à categoria nacional a partir de janeiro de 2020 quando estreou para todo o país na TV A Crítica, afiliada da Rede TV! no Estado Amazonense, diferentemente do que acontece com o resto da programação nacional da emissora que é originada de São Paulo.

Para isso assistimos e analisamos as transcrições de dez edições do policialesco, quais sejam: dias 28, 29, 30 e 31 de janeiro de 2020, dia 21 de abril de 2020, dia 13 de agosto de 2020, dia 08 de dezembro de 2020, 17 de fevereiro de 2021, 15 de março de 2021 e 26 de março de 2021. Sendo escolhida, a princípio, a semana de estreia e posteriormente datas aleatórias durante todo o ano de 2020 até chegarmos nos dias mais próximos dos atuais (2021), com intuito de verificar a linearidade e a constância do programa durante todo o período analisado.

A partir disso surgiram as categorias com as quais aferimos os nossos resultados, dando substância ao cumprimento de nosso objetivo de verificar essa identificação dentro do conteúdo do programa Alerta Nacional o tratamento dado as mulheres enquanto notícia.

Desta análise emergem os seguintes questionamentos: as vozes das mulheres são respeitadas? Se sim, em quais situações: enquanto vítima ou agressora? Há espaço para informações complementares que ajudem a disseminar uma cultura de paz e igualdade social? As diferenças entre homens e mulheres são rechaçadas pelo discurso do policialesco? As respostas para tais perguntas nos levam a confirmação de nossa hipótese.

Nossa pesquisa é conformada por quatro capítulos cuja disposição lógica tem o objetivo didático de refletir passo a passo a temática apresentada. Senão vejamos.

O primeiro capítulo traz a contextualização teórica do objeto de estudo, partindo da discussão sobre o jornalismo, sua função social e a ética concernente à profissão, abrindo caminho assim para o debate sobre o jornalismo policial, seu conceito e principais características e, fazendo ainda uma imersão no contexto histórico deste gênero até chegarmos a realidade atual, afinando o tema com o formato televisivo dos programas policiais, o que nos remete diretamente ao nosso objeto empírico.

No segundo capítulo procuramos trazer o aporte teórico do recorte de nosso problema, qual seja: as mulheres, a princípio lastreando nosso estudo na participação feminina na ciência em verdadeira metalinguagem da pesquisa, ora apresentada, em seguida para justificar a utilização do termo mulheres, no plural, em detrimento da palavra mulher, no singular e gênero, tão amplamente utilizada no que diz respeito a discriminação entre os sexos, contudo deixamos evidente que não se trata de uma questão meramente de morfologia gramatical, mas uma escolha ontologicamente orientada.

Fizemos ainda um panorama sobre a discriminação das mulheres, partindo de uma contextualização histórica e apresentando dados atualizados e encerramos com um tópico sobre o estado da arte em que pudemos lançar luz sobre a intersecção entre jornalismo e mulheres, trazendo os principais trabalhos que guardam relação com a nossa pesquisa, além de verificar novas abordagens dentro da profissão que auxiliam no combate à exclusão das mulheres do protagonismo social.

Demonstramos o percurso metodológico que utilizamos para alcançar nossos objetivos no capítulo terceiro, lastreado eminentemente na análise de conteúdo, cujas categorias foram eleitas *a posteriori*, quando da análise das dez edições do programa, quais sejam: Matérias sobre mulheres; Papel das mulheres na notícia; Minoria dentro da minoria; Tempo de duração das matérias; Elementos desqualificadores; Oportunidade de fala e Função social.

E por fim, no quarto capítulo apresentamos a análise do objeto empírico, o Alerta Nacional, com informações sobre a sua estreia, traços característicos, precedentes do apresentador Sikêra Júnior, com sua passagem por outros programas e emissoras, até chegarmos a discriminação das categorias uma a uma e além dos exemplos colhidos no decorrer dessa análise, ainda examinamos duas matérias em específico que tratam sobre as mulheres.

Culminamos com os resultados que conseguimos construir ao longo de todo esse trajeto científico em que pudemos confirmar nossa hipótese de que o telejornalismo policial aqui representado pelo policialesco apresentado por Sikêra Júnior não contribui para a erradicação ou ao menos diminuição da discriminação sofrida pelas mulheres, pelo contrário, em muitos aspectos ele ratifica as condutas de exclusão e estereótipos consolidados socialmente ao longo dos anos.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo inaugural buscamos demarcar o contexto em que se insere nosso objeto de estudo, partindo de uma digressão sobre o jornalismo em si, passando por alguns aspectos históricos, a tentativa de conceitua-lo, sua função social e a ética para o seu exercício, tudo como forma de fazer um arcabouço sobre o qual possa ser construída a discussão que traremos em nossa pesquisa.

Neste espaço primeiro refinaremos ainda o olhar sobre o nosso objeto, falando a respeito do jornalismo policial, suas características como demonstram Santiago, Filgueira e Martins a observação desta atividade nos confere um esboço do que ela trata: “a exibição de narrativas construídas por profissionais da área de comunicação que noticiam ou reportam, em especial, fatos da esfera criminal, judicial, de segurança pública, sistema penitenciário e de investigação policial” (2018, p.3). Faremos ainda uma incursão histórica sobre essa espécie de jornalismo, muitas vezes chamada de jornalismo popular para remontar as suas origens.

Quando nos remetemos ao Jornalismo Policial queremos a princípio situar de forma mais abrangente o campo de atuação em que está contido o objeto empírico de nossa pesquisa. Entretanto, à medida que vamos adentrando no tema, sentimos a necessidade de explicar mais detalhadamente o contexto em que o Alerta Nacional se insere, para isso seguimos uma linha raciocínio que acreditamos ser a mais lógica e didática para compreender o assunto proposto.

Por esta razão, logo após essa análise da intersecção entre jornalismo e violência que é exatamente onde se insere o jornalismo policial, procuramos ir ainda mais objetivamente ao assunto escolhido e por isso abordamos o papel da televisão neste contexto, já que é o veículo de comunicação atrelado a esta escolha e, finalmente, concluímos esta primeira etapa com a caracterização atual deste tipo jornalístico, localizando desta forma o cenário mais recente.

Dessa forma esperamos que a lógica escolhida faça sentido e nos levem a compreender melhor o fenômeno estudado, mais do que isso nos leve a refletir sobre as

nuances de que ele trata e as discussões sobre as quais devemos nos debruçar com o estudo dele, as quais adentraremos nos capítulos seguintes.

## **2.1 Jornalismo: uma síntese sobre a evolução da profissão**

Não é possível precisar a origem do Jornalismo, enquanto exercício da profissão, mas muitos historiadores atribuem ao Imperador Romano Júlio César tal feito em 59 a.C, ao instituir a “Acta Diurna”, publicação oficial e diária em que eram relatados diversos fatos considerados relevantes, evidentemente, excluindo-se aqueles que de alguma forma contrariassem os interesses do Império, seguindo essa lógica os magistrados e funcionários públicos seriam os primeiros jornalistas. Elas eram publicadas em grandes placas brancas, como uma espécie de *outdoor*, e expostas nas principais praças das cidades para que todos tivessem acesso, e como naquela época o transporte era precário as notícias nem sempre eram atuais, como descrevera Sousa (2008).

A verdadeira revolução para o jornalismo chegou com a invenção da imprensa por Gutemberg, no século XVII, possibilitando que o trabalho anteriormente realizado de forma manual e extremamente demorada fosse substituído por máquinas, o que acelerou, ampliou e reduziu os custos da produção, fazendo emergir daí as publicações periódicas de notícias, os jornais.

Podemos ainda tentar compreender o jornalismo em quatro fases divididas por períodos históricos como ensina Marcondes Filho (2001), a primeira (1789-1830) em que o conteúdo era eminentemente político e literário; a segunda (1830-1900) marcada pela separação entre jornalismo opinativo e informativo; a terceira (1900-1960) cuja principal característica é padronização do noticiário e a divisão em editoriais; e por fim, a quarta (1960- até os dias atuais) caracterizada pela crise da imprensa escrita em razão do avanço tecnológico.

Essas fases dizem muito sobre como o profissional que subscrevia as matérias foi também emergindo e se reinventando em cada período. No primeiro momento, também chamado de fase romântica do jornalismo, os profissionais que ainda não contavam com a institucionalização da profissão de jornalista, geralmente eram políticos,

escritores e intelectuais de forma geral, que preenchiam as redações para escrever de maneira crítica e opinativa; a partir já da fase seguinte o jornalismo viria a ser considerado uma profissão de tempo integral, que poderia de alguma forma garantir o sustento, com a segregação entre o que era informativo e o que era opinativo foi se aos poucos conseguindo se desvencilhar de amarras políticas para alcançar seu custeio através de publicidade, o que também acabou moldando o profissional daquela época; o terceiro período foi marcado pela afirmação das jornais que passaram a monopolizar o mercado tornando-se verdadeiras empresas capitalistas ao mesmo tempo em que começa a despontar a necessidade de profissionalização do jornalista; finalmente, a última etapa em que a era da internet traz inúmeros desafios para o profissional que não detém mais o monopólio da informação e se vê diante do grande dilema sobre a utilidade da sua profissão (MARCONDES FILHO, 2001).

No Brasil, o Jornalismo chegou no século XIX, concomitantemente com a chegada da Família Real em 1808, foi criado o Correio Braziliense em julho deste mesmo ano, ao que tudo indica primeiro jornal do país que, apesar de ser sobre os fatos que aconteciam aqui, era editado em Londres, na Inglaterra e não tinha caráter noticioso, mas uma visão crítica de acontecimentos sociais, políticos e econômicos.

Já em setembro também de 1808 começa a circular a Gazeta do Rio de Janeiro, cuja produção era integralmente brasileira e trazia informações sobre as movimentações do Reino, sendo comercializado aqui e em Portugal, editado pelo próprio governo imperial. Todavia, nenhum destes jornais tinha regularidade de publicações devido as dificuldades econômicas e tecnológicas da época, apenas em 1853 o Brasil passou a ter o seu primeiro jornal diário, O Constitucional.

Diante disto fica evidenciado que a profissionalização dos jornalistas no país sempre esteve ligada à regulação do próprio Estado. O primeiro instrumento legal a regulamentar a profissão foi o Decreto-Lei 910 de 1938 que dispunha sobre a duração e as condições de trabalho das empresas jornalísticas e cuja definição de jornalista vinha disposta em seu parágrafo primeiro do artigo inaugural da seguinte forma: “Entende-se como jornalista o trabalhador intelectual cuja função se *extende* (sic) desde a busca de informações até à redação de notícias e artigos e à organização, orientação e direção desse trabalho”.

Logo após, vieram também o Decreto-Lei 5480/1943 que instituiu o primeiro curso de jornalismo no Brasil e o Decreto Lei 7037/1944 que regulava a remuneração mínima da profissão entre outras coisas, todos herança da Era Vargas. E foi apenas em 1969, durante a Ditadura Militar, que houve o reconhecimento sobre a necessidade de formação superior para o exercício da profissão, uma grande conquista que foi simplesmente apagada quarenta anos depois pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que reconheceu que não há requisitos especiais para a prática jornalística, deixando assim o diploma de ser uma exigência para tal desde 2009. A despeito disso, o país contava até 2017 com mais de 400 cursos de graduação em Jornalismo, entre faculdades particulares e universidades públicas, segundo o site Guia de Carreira.<sup>1</sup>

Mas afinal de contas, o que é jornalismo? Para responder a este questionamento é necessário ter em mente primeiro a divisão entre a prática e a ciência. A primeira, sobre a qual já começamos a divagar, é o exercício da profissão em si, enquanto que a última está relacionada ao campo de estudos que envolve a questão do papel do jornalismo para a sociedade, a figura do jornalista e a configuração das notícias.

Outrossim, para efeitos deste trabalho é sobre o primeiro conceito que se volta a nossa pergunta. Em termos práticos, poderíamos caracterizá-la como sendo a atividade que lida com o tratamento da informação, da recepção até a sua divulgação por quaisquer meios.

Por ocasião do dia do Jornalista (07 de abril) deste ano, alguns profissionais responderam esta pergunta para o portal Comunique-se<sup>2</sup> o que significava para eles o jornalismo. O professor da Universidade Estadual Paulista, Denis Renó respondeu da seguinte forma: “É o comprometimento com a sociedade, com o bem social”. Já a apresentadora da TV Brasil, Marina Machado define:

O jornalismo é uma ponte que liga a informação, que está deste lado, ao público, que está do outro lado”. A questão é que para fazer esse trabalho bem feito é preciso muitas vezes sair cavando por aí. Desembaralhando, desembaralhando. Tudo isso para que essa informação seja clara para quem vai consumi-la.

---

<sup>1</sup> <https://www.guiadacarreira.com.br/cursos/melhores-faculdades-de-jornalismo/>

<sup>2</sup> <https://portal.comunique-se.com.br/afinal-o-que-e-o-jornalismo/>

Finalmente chegamos ao discernimento de que não existe resposta exata para esta pergunta, mas ela sempre parece convergir para algo que é inato a atividade jornalística: o compromisso com a sociedade, posto que a comunicação é uma necessidade social e a informação, objeto e objetivo desta prática, é o combustível para todo o desenvolvimento de todas as civilizações e em todos os tempos, desde os mais arcaicos até os dias mais atuais. E dessa maneira abrimos caminho para o tópico seguinte que explica a importância do jornalismo dentro da sociedade.

## **2.2 O jornalismo e sua função social**

A informação é um direito fundamental garantido constitucionalmente, premissa básica de qualquer nação que se julgue democrática, sendo ela um direito meio que assegura todos os outros. A qualidade dessa informação compete em grande parte ao trabalho desenvolvido pelos Jornalistas, residindo justamente aí a importância deste profissional.

Neste direito estão contidas três acepções: a de se informar, ser informado e informar. Todas igualmente relevantes e correlatas. Enquanto a primeira compreende a liberdade individual de comunicar fatos, a segunda de ir busca-los, a última consiste no direito difuso de ser deles informado, como ensina Barroso (2010).

A imprensa mais do que o direito de informar tem o dever de fazê-lo, e para que o direito do cidadão ao acesso dessa informação não seja deturpado ela deve ser prestada de forma coerente com a verdade dos fatos, pautada pela ética, pela moral e pela lei.

Neste contexto, ensina José Afonso (2001,p.245):

[...] a liberdade de informação compreende a procura, o acesso, o recebimento e a difusão de informações ou idéias, por qualquer meio, e sem dependência de censura, respondendo cada qual pelos abusos que cometer. O acesso de todos à informação é um direito individual consignado na Constituição, que também resguarda o sigilo da fonte, quando necessário ao sigilo profissional [...].



Assim, os veículos de comunicação exercem um importante papel social, consubstanciado também no controle dos atos do Poder Público como forma de garantir a salvaguarda de todos os direitos dos cidadãos, por isso prevê ainda a Constituição Federal/1988:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º. Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no artigo 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º. É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Com a globalização cada vez mais solidificada, o desenvolvimento tecnológico e a hegemonia das *big techs*<sup>3</sup>, a notícia tornou-se muito mais acessível em contrapartida a qualidade da informação ficou comprometida e o resultado é o surto de desinformação que enfrentamos atualmente chamado *fake News*. A única ferramenta capaz de combater essa ameaça, que é capaz de desestabilizar a sociedade por inteiro, é o jornalismo sério e comprometido com a coletividade.

Outro fator capaz de macular a essência do jornalismo é a atual conjuntura da notícia enquanto produto, transformando o ambiente jornalístico em um verdadeiro mercado capitalista, cujo direcionamento da empresa tem força, muitas vezes, inelutável sobre a consciência do profissional que se vê diante de um verdadeiro dilema ético. “É inegável o impacto que a mercantilização da imprensa tem sobre o exercício profissional. Com o ‘jornalismo de mercado a crença numa missão jornalística entra em conflito com a lógica empresarial’ (PEREIRA, 2004, p. 13).

Essa batalha entre o certo a se fazer e o que o patrão exige não é privilégio apenas da classe dos jornalistas, mas a verdade é que a decisão tomada em direção a um ou a outro caminho tem repercussão direta na vida das pessoas, e quando falamos assim no plural estamos nos referindo a uma coletividade sem número, cuja exatidão nunca

---

<sup>3</sup> Grandes empresas de tecnologia que detém o monopólio do mercado.

seremos capaz de precisar. Para Kovach e Rosenstiel “A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (2004, p. 31).

Para Paulo Freire o compromisso do profissional com a sociedade, homônimo de sua obra, que apesar de se dirigir à educação pode muito bem servir de norte para todas as áreas, está intrinsecamente ligado à sua capacidade de reflexão e ação (1983), esta última significando a transformação social que a atitude diante do mundo é capaz de gerar.

Ao Jornalista que assume este compromisso social é imposto não apenas executar conhecimentos técnicos, mas agir e refletir diante da realidade que está ao seu redor para Cremilda Medina (1982) “sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias” (MEDINA, 1982, p. 22).

Muitos jornalistas vivem seu trabalho como uma missão de serviço à população, a quem eles levam informações úteis. Ser jornalista é ser o “mediador” que deixa visível a vida social, o “pedagogo” e o “organizador” que põe clareza no caos dos acontecimentos. A identidade compartilhada traz também à tona o jornalista como peça da democracia, e até como agente ativo do contra poder. (NEVEU, 2006, p.37)

Quando ao jornalista não é possível exercer sua profissão livre de amarras sejam elas quais foram, a sociedade também se encontra presa e pior que isso, silenciada. Mas ainda pior que isso é quando o profissional deliberadamente prefere ir na contramão de todo esse processo de desenvolvimento e construção social de cidadania, desrespeitando os princípios éticos que regem a profissão, discussão que faremos a seguir, e disseminando discurso de ódio.

### **2.3 Ética da profissão**

Ética vem do grego, *ethos*, que se refere ao modo de viver do indivíduo, ao caráter humano. No século IV a. C. surge, na Grécia, o seu conceito, associado à ideia de

moral e cidadania, estando intrinsecamente ligada à vida das cidades, pois para conviver com os seus compatriotas os gregos tinham a noção de que era necessário respeitar regras e estar em harmonia com eles.

O surgimento do conceito de ética é concomitante ao desenvolvimento da filosofia sendo, inclusive, uma de suas categorias, junto com a estética e a lógica, os principais filósofos gregos que discutem sobre ela, são: Sócrates, Platão e Aristóteles. Para eles a ética é uma virtude sem a qual não é possível viver em sociedade. (SANCHEZ, 2017).

A ética ainda, segundo Marilena Chauí (2002) pode ser entendida ainda sob dois aspectos: um individual e outro social, a primeira se refere à índole do indivíduo e a segunda diz respeito ao seu comportamento dentro da sociedade. Nesta segunda nuance é que habita o nosso interesse quando da análise da ética no exercício de uma profissão.

No campo da comunicação social, pensar a ética no âmbito profissional não é apenas um clichê ou somente um requisito das disciplinas de graduação, mas uma obrigação, especialmente quando levamos em consideração a grande influência que o comunicólogo tem dentro da sociedade.

Abordar a ética da informação implica pensar sobre as atuais condicionantes que interferem e influenciam de alguma forma a sociedade, no contexto da difusão da informação. A propagação da informação acontece por caminhos em que, muitas vezes, a ética não está totalmente definida e estabelecida, ficando em segundo plano.

Destarte, faz-se necessário refletir sobre os fatores que determinam o comportamento dos órgãos de comunicação social e dos seus agentes, ao difundirem a informação ao público.

O Código de Ética dos Jornalistas, aprovado em 1985 no Congresso Nacional destes profissionais e, com algumas alterações sofridas em 2007, consiste em um conjunto de direitos e deveres para o exercício da profissão, que de forma indireta cria limitações para assegurar direitos a todos os cidadãos, de onde verificamos a relevância deste mister.

Já o Código Internacional de Ética Jornalística foi aprovado em Paris, em 1983, na quarta reunião consultiva de organizações internacionais e regionais de Jornalistas, organizada pela UNESCO. É um documento composto de nove princípios que norteiam os vários regulamentos éticos da profissão ao redor do mundo.

A diretiva inaugural nele contemplada faz reverência exatamente ao direito de as pessoas terem acesso à informação verdadeira dos fatos, de modo a conhecerem a realidade de forma objetiva e precisa.

Como já dissemos antes, o direito à informação é um direito fundamental a que todos fazemos jus, a qualidade da informação que chega para a população depende do trabalho desenvolvido pelos Jornalistas, e é exatamente neste aspecto onde encontramos a relevância desse profissional que, com a sua atividade é capaz de garantir à coletividade meios de promoção da cidadania.

A ética exsurge dentro deste contexto como sendo o filtro essencial que assegura a fidedignidade da informação e a sua conseqüente transformação em ferramenta de promoção da democracia, da cultura da paz e da legalidade.

O Código Deontológico dos Jornalistas em seu primeiro artigo ratifica o que estamos falando: “Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”. (FENAJ, 2007)

O referido código também define o jornalismo como uma atividade de cunho social, estabelece deveres, enumera obrigações e reponsabilidades a fim de regulamentar a atuação profissional como uma forma de consagrar o que anuncia o seu artigo primeiro.

Evidentemente, não tem caráter legal e, portanto, não tem força coercitiva para impor suas regras, por isso a garantia de seu cumprimento é a própria consciência de quem dever estar adstrito a ele: os jornalistas. O que nem sempre acontece no jornalismo policial, por exemplo, o que acaba por desvirtuá-lo de sua função social, pois conforme estatística do intervozes<sup>4</sup>, é oriunda desse gênero jornalístico a esmagadora maioria das denúncias recebidas pelo portal mídia sem violação de direitos<sup>5</sup>.

## **2.4 Jornalismo Policial**

A sangue frio, celebrada obra de Truman Capote, publicada na década de 1960, é considerada até os dias atuais como um dos mais importantes livros que tratam de reportagem policial. Nela o autor relata o assassinato bárbaro de quatro integrantes de

---

<sup>4</sup> Intervoze é segundo a própria definição contida no seu site: coletivo Brasil de Comunicação Social é uma organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil

<sup>5</sup> É uma organização criada pelo Intervoze que atua pela efetivação do direito humano à comunicação.

uma respeitada família do oeste do Kansas – Estados Unidos, se valendo de minuciosos métodos investigativos para tal, o autor acaba por auxiliar, inclusive, o trabalho da própria polícia.

Apesar de ser um livro sobre um homicídio quádruplo, fica implícita na forma como ele é descrito, a preocupação do jornalista em esmiuçar os detalhes, tornando o seu romance não ficcional um recorde de vendas da época, tanto sucesso que ele acabou virando filme, assistido e discutido até hoje.

Essa conduta vai em sentido contrário da que atualmente nos deparamos, que é veiculação de fatos policiais sem esforço de checagem; ou de outro lado, quando existe esta preocupação, o empenho para relatar tais fatos cai no senso comum e faz o receptor da mensagem esquecer a relevância do ofício jornalístico.

Exemplo do que acabamos de mencionar são as pesquisas: O protagonismo dos apresentadores no contrato de comunicação de programas policiais na paraíba (GERÔNIMO, 2019) e Jornalismo policial: indústria cultural e violência (ROMÃO, 2013), por nós observadas, que demonstram um certo nível de despreocupação dos profissionais da área policial com a apuração real dos fatos, com a averiguação da notícia. Na maioria das vezes, a fonte é apenas a oficial, ou seja, a autoridade policial que preside a investigação do crime, raramente se dá voz ao outro lado.

Para Caminos (1997, 189) essa seria a abissal diferença entre o jornalismo investigativo para o jornalismo, apenas. Sendo que no primeiro o Jornalista se esforça para obter a informação enquanto que no segundo a recebe pronta e sequer verifica a sua procedência.

*El verdadero PI es aquél en el que el periodista, a través de su trabajo, su esfuerzo, intuición y sus propias fuentes, descubre algo que el público no conoce y es guardado en secreto. El falso PI es, por el contrario, aquél en el que el profesional no hace sino trabajar sobre unos datos completos que le han sido suministrados por una única fuente de información ( ...)*<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O verdadeiro Jornalismo Investigativo é aquele em que o jornalista, pelo seu trabalho, esforço, intuição e fontes próprias, descobre algo que o público não conhece e que é mantido em segredo. O falso Jornalismo Investigativo é, ao contrário, aquele em que o profissional não faz nada além de trabalhar com dados completos que foram fornecidos por uma única fonte de informação. (tradução livre)

Ainda para este autor, na teoria, pode-se até aplicar o fato de o Jornalismo, por si só, ser investigativo, mas na prática a passividade dos profissionais diante das fontes conduz a ausência de checagem (CAMINOS, 1997), que por sua vez, nos faz crer que a investigação é algo que precisa ser trabalhado diariamente.

O fato é que o compromisso profissional do Jornalista tem sido cada vez mais relativizado, seja pelos apelos do mercado, da própria desídia em investigar as notícias, do comodismo em receber tudo pronto e abrir mão da checagem, e tudo isso junto compromete o resultado final do processo informativo.

De toda sorte, não é nosso intuito aqui acalorar o debate acerca da redundância ou não da terminologia jornalismo investigativo, apesar de acreditarmos que no fazer jornalístico já deve estar incluído o elemento investigação em razão da importância social da profissão, todavia, também compreendemos que a realidade atual exige essa diferenciação.

Já no que diz respeito, especificamente, ao jornalismo policial, para Kotscho (1989) ele se apoia na busca profunda das causas e consequências do crime e não em uma mera reprodução do boletim de ocorrências até porque como resume Caco Barcellos (2004, p. 89) o BO é “um documento público onde os policiais civis são obrigados a registrar os dados principais dos crimes ocorridos em sua jurisdição, baseados nos relatos das testemunhas”, o que significa dizer que nele há apenas uma versão dos fatos o que o torna um instrumento questionável para subsidiar qualquer notícia.

A matriz principal do jornalismo policial é, portanto, o assunto que ele trata, que se condensa em crimes e ações da polícia, mas não se restringe apenas a isso, ele relata ainda os chamados *faits divers*, que incluem acidentes, dramas familiares, agressões, desastres, entre outros assuntos que não cabem nas editoriais convencionais da mídia, mas que por seu caráter inusitado provocam a atenção do público e acomodam-se muito bem neste formato (PAES, 2018).

A seguir trataremos as origens históricas do gênero, a sua relação com a televisão, os primeiros programas policiais até chegarmos no formato em que estamos hoje, o que nos conecta imediatamente ao objeto empírico de nossa pesquisa.

#### 2.4.1. Onde tudo começou: primeiras impressões do policialesco

A imprensa popular conhecida por dar vazão as notícias ligadas a tragédias, crimes, ao grotesco, à violência, no geral, tem origem, segundo Martín Barbero (2009) ainda no século XVI quando houve a transição entre a linguagem oral para a escrita, com a literatura de cordel.

Neste período devemos destacar as primeiras notícias impressas *colportage* e *pliegos* na França e na Espanha, respectivamente, folhetos que eram lidos em voz alta nos espaços públicos em razão do incipiente número de pessoas alfabetizadas, como bem elucida este mesmo autor (2009).

Neste contexto, torna-se relevante o conteúdo dessas notícias, que era eminentemente sensacionalista para chamar atenção do maior número de pessoas possível bem como a forma pela qual elas ganhavam as ruas através de seu mediador, que também revelava uma maneira de conquistar mais consumidores.

O embrião da imprensa moderna para Sousa (2008) ocorre com a popularização do *La Gazette Français* em 1604 que surge como uma adaptação dos cordéis sensacionalistas de outrora.

De acordo com Tarde (2005, p. 8): “o público só pode começar a nascer após o primeiro grande desenvolvimento da grande imprensa, no século XVI”. Assim, com o desenvolvimento das indústrias gráficas a disseminação de publicações como um todo, tornou-se mais rápida e capaz de alcançar cada vez mais pessoas. “Livros populares, almanaques e outras publicações eram levados a todas as regiões do campo por vendedores ambulantes, que carregavam suas mercadorias de aldeia em aldeia e as ofereciam a bom preço” (THOMPSON, 2012, p. 92).

A verdade é que a cobertura do grotesco não é algo recente, segundo Angrimani (1995), ela remonta um período que nem mesmo a denominação do segmento existia, tendo uma origem incerta, mas o fato é que o sensacionalismo parece estar presente na imprensa desde o seu início.

Essas notícias podem ser chamadas de *faits divers*: fatos diversos que retratam situações de violências. Eles acompanham a história do desenvolvimento da imprensa comercial no final do século XIX, como relata a pesquisadora Paula Paes (2018).

Angrimani assevera ainda que já se pode notar a existência do sensacionalismo desde a gênese da imprensa na França, antes mesmo da criação de um dos jornais diários mais importantes da época, o *Le Petit Journal*, publicado em 1863 (PAES, 2018).

No século XIX, faziam muito sucesso na França os “canards”, jornais populares de apenas uma página, impressos na parte frontal e que comportavam título, ilustração e texto. Os “canards” mais procurados, segundo Seguin, eram os que relatavam *fait divers* criminais: crianças martirizadas ou violadas, parricídios, cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados. (ANGRIMANI, 1995, p.19).

Sob influência de jornais americanos e também da França, o Brasil começa a publicar os fatos rotineiros que revelavam tragédias do cotidiano, alguns exemplos citados por Guimarães (2014, p. 107) são: *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil*, o *Estado de S. Paulo* e *A Gazeta* e, o principal deles, *O Repórter* de 1879.

É no século XX que o Jornalismo Policial passa a ser mais difundido, caindo no gosto popular, mas desagradando sobremaneira os elitistas e intelectuais. O que para Roxo & Sacramento (2013) deixa transparecer um paradoxo existente até hoje: enquanto a elite tem preferência pelos assuntos sérios como política e economia, a classe assalariada se inclina para temas ligados ao cotidiano, especialmente os que retratam temas grotescos, o que para nós soa preconceituoso, pondo em xeque as capacidades de recepção ao poder aquisitivo das pessoas e até mesmo reduzindo e desvalorizando o cotidiano enquanto concepção fundamental da vida em sociedade. A verdade é que neste período houve, no cenário brasileiro, a integração do jornalismo com a indústria cultural.

De lá para cá é visível a crescente utilização do sensacionalismo como meio de noticiar fatos e conquistar o público, que de alguma forma se sente atraído por este tipo de notícia e também se vê representado nela. Segundo Angrimani (1995) a morte não é exclusividade apenas dos jornais ditos sensacionais, ela é retratada todos os dias em sessões não necessariamente específicas para tal, mas os jornais sensacionalistas a transformam em assunto de capa.



Para Angrimani (1995, p.14) há duas concepções principais e opostas no termo sensacionalismo que segundo ele “é confundido não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo”.

Os *faits divers* suscitam julgamentos por parte dos jornalistas por serem associados a assuntos “menores” ou sensacionalistas, como crimes, acidentes, discussões familiares, e etc. Entretanto, os programas policiais, como o Alerta Nacional, objeto desta dissertação, apresentam uma audiência significativa, dados do IBOPE demonstram que antes da estreia do policialesco a emissora registrava míseros 0,6 ponto na grade de São Paulo e com a chegada da atração esse número chegou a 2,9 no mesmo horário. Também por esta razão, entendemos ser relevante abordar o jornalismo policial na televisão.

#### 2.4.2 TV: terreno fértil para o grotesco

É válido ressaltar o papel da própria televisão neste contexto, a supremacia deste veículo de comunicação em relação aos outros aqui no país surge justamente na época em que o Regime Militar o governava e tentava dissuadir sua ideologia na população, cujo índice de analfabetismo de pessoas até 15 anos chegava a 39,6% em meados da década de 1960 (IBGE, 2011).

Foi um regime de exceção que instaurou o modelo de televisão tal qual nós o temos no Brasil, quer dizer, foi um regime que empregou continuamente a força para impor uma nova organização social, uma nova distribuição de riqueza e de pobreza e um tipo determinado de desenvolvimento econômico. (...) Ninguém mais contesta que o modelo das grandes redes brasileiras é antidemocrático. O nosso ponto é perguntar se ele, além de antidemocrático não é também violento (BUCCI, 1993:121-123).

Neste período houve grande investimento em que o Estado exerceu um papel determinante para o desenvolvimento dos meios de comunicação: “Foram instaladas as estações terrestres de satélites, ampliado o sistema telefônico e implantadas as linhas de

microondas, possibilitando a transmissão de TV em todo o território nacional”. (MATTOS, 2010, p. 31).

A despeito disso, a grade da programação da televisão era conformada metade por programas importados e a outra metade por telenovelas e programas de auditório, com ênfase para o popularesco (SOUZA, 2018, p.65).

Os telejornais não tiveram muito sucesso nos primeiros anos após a chegada da TV, não só devido a quantidade ínfima de pessoas que possuíam o aparelho, mas também porque não tinham muito espaço na programação, pois o rádio ainda ganhava em instantaneidade e apesar de alguns avanços técnicos, não havia ainda a consolidação de um estilo próprio:

Antes de se tornarem nacionais, os telejornais brasileiros eram programas bastante simples, já que não havia a infraestrutura tecnológica e o know-how necessários para informar sobre os fatos com eficiência e agilidade. Contando com raras reportagens externas, praticamente se limitavam à narração de notícias dentro de um estúdio por um apresentador. Esses profissionais eram conhecidos como “locutores”, o que demonstra forte ligação do jornalismo televisivo com o radiofônico. (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 113).

Só a partir da década de 70 que este panorama começa a mudar com a profissionalização da televisão brasileira e os investimentos em produções locais que viabilizassem o desenvolvimento de uma cultura nacional, o que também se deve ao governo militar, o que significa dizer que o avanço tecnológico da época era inversamente proporcional ao de conteúdo em virtude da censura, característica do regime autoritário.

A televisão, exteme de dúvidas, é um importante espaço para a construção da opinião pública, independentemente da forma como ela se consolidou, o fato é que mesmo em tempos digitais em que a internet propaga informação com velocidade sem igual, a TV está presente em praticamente todo os lares dos brasileiros, pois segundo pesquisa do IBGE divulgada em 2018 apenas 2,8% das pessoas não têm TV em casa. (IBGE, 2018), além de ser um meio agregador que sempre reúne famílias, amigos e até desconhecidos ao seu redor para comentar o seu conteúdo. “A televisão é um veículo de informação e socialização, estabelecendo um repertório coletivo tanto no que diz respeito a temas como

o vocabulário, formas expressivas, representações e imagens) e estendendo mundo comum”. (FRANÇA, 2006, p.25)

Como podemos observar, a TV assume diferentes funções dentro da sociedade: ideológica tendo em vista sua capacidade de alienar a respeito de alguma ideia que legitima uma classe dominante, a política, por exemplo; de socialização, pois ela é capaz de agregar através de seu repertório coletivo; de lazer, seja ela individual ou grupal, eficaz para distrair e aliviar as tensões do dia a dia; idenitária, pois além de criar referências comuns para várias pessoas ela cria um ambiente de partilhamento delas; de consumo, ditando o que é moda e criando necessidades; mais modernamente ainda temos a função de justiça, capaz de julgar o certo e o errado e vinculando o seu veredicto para o resto da sociedade; a terapêutica que impõe aconselhamentos; e a psicológica, catalisada pelos *realities* (FRANÇA, 2006).

Ainda segundo a mencionada autora (2006) a televisão é alvo de muitas críticas justamente por assumir esses múltiplos papéis e não ser capaz de suscitar a reflexão do receptor ou mesmo de prejudica-la, comparada a meios impressos, posto que a linguagem visual é vista como “simplificadora”.

A Professora Vera França (2006) nos apresenta ainda um rol com as principais características da televisão, cuja análise em conjunto nos faz percebê-la melhor enquanto um veículo de comunicação de massa, os quais passaremos a elencar resumidamente abaixo:

- a) Linguagem visual, com predomínio do icônico: reconhecimento e identificação da imagem;
- b) Sensorialidade: diretamente ligada com nossas emoções;
- c) Instantaneidade e caráter massivo: o acesso as imagens é imediato e feito por milhões de pessoas ao mesmo tempo;
- d) Fragmentação e diversidade: diz respeito ao variado conteúdo e a forma múltipla que ele se apresenta;
- e) Natureza industrial, mercadológica: padronização do discurso para tender ao mercado;
- f) Inscrição no domínio do senso comum: faz parte do conjunto de referências de uma coletividade;

- g) Ficção e realidade: a tv é capaz de transitar entre estes dois mundos;
- h) Caráter lúdico, entretenimento: demonstra o seu uso principal enquanto distração;
- i) Arena de discursos: espaço público onde se concentram as discussões contemporâneas;
- j) Caráter institucional e de classe: é uma instituição dentro de uma estrutura social;
- k) Linguagem em construção: permanente movimento em função da dinâmica da vida social
- l) Interação comunicativa, o lugar da recepção: está no sujeito a capacidade de leitura deste veículo de comunicação;

A massa para a qual as mídias, como jornais e livros ou até mesmo o cinema, o teatro, as belas artes não são acessíveis, é constituída grande parte por pessoas de baixo poder aquisitivo, que encontram na televisão a oportunidade de se ver representada, mas não apenas isso, também de consumir algum conhecimento, e, principalmente, se divertir, sentir-se parte de uma coletividade.

Enfim, é o popular que ganha novo sentido, o de receptor e não mais de produtor de algum conteúdo, dando margem ao popularesco: “são programas voltados para o consumo das massas, dotados de uma estética grosseira, de conteúdos pobres (baixo grau de informação, domínio de entretenimento), de temas “baixos” (sexo, crime, horrores)” (FRANÇA, 2006, p.40).

No caso do telejornalismo policial podemos dizer que o popular se reveste da forma como o discurso é veiculado e pelas várias representações das classes populares que ele contempla, sendo um espaço não apenas de diálogo, mas também de conflitos entre as classes (SOUZA, 2018).

#### *2.4.3 Histórico dos programas policiais*

Os programas policiais fazem parte de um gênero jornalístico híbrido que mistura informação e entretenimento, trazendo a realidade dos fatos policiais para um contexto dramático e, por vezes, fantasioso. Este formato chegou à TV brasileira ainda

na década de 1960 com o Homem do Sapato Branco, como era conhecido Jacinto Figueira Júnior, que trouxe para a televisão brasileira o que ele mesmo denominou “mundo cão”, expondo desavenças familiares, crimes, tragédias, bizarrices, prostituição e coisas do gênero, deixando seu legado para atrações como O Povo na TV, Aqui Agora, Márcia, Programa do Ratinho e os atuais programas Cidade Alerta e Brasil Urgente.

Em 1991, desponta o Aqui Agora, tornando-se logo uma das principais atrações do SBT, alcançando elevados índices de audiência para a emissora. Sob a condução de Gil Gomes, que imprime um jeito peculiar de narrar os fatos, em que a entonação de sua voz e seus gestos já revelavam uma dramaticidade digna de telenovela. Para Periago (2004, p. 20) “Gil Gomes era a atração, e a notícia, um produto secundário”.

Nas palavras do retromencionado autor: “A espetacularização da notícia policial, por meio de métodos extraídos do sensacionalismo, hiper-realismo e da dramaturgia, vulgariza a TV, diminui a credibilidade do jornalista, e falseia o conteúdo do fato diante da realidade”. (2004, p.5).

Com declínio do Aqui e Agora em 1997 várias emissoras começaram a lançar seus similares para tentar angariar o público daquele. Gerônimo (2019, p.40) cita alguns policiaescos que estrearam para conquistar o público que acompanhava Gil Gomes: “Cadeia Alborgheti e 190 Urgente (Rede Gazeta), Repórter Cidadão (Rede TV), Na Rota do Crime (Rede Manchete), Tempo Quente (Rede Bandeirantes), Cidade Alerta (Rede Record), Linha Direta (Rede Globo) e Brasil Urgente (Rede Bandeirantes) ”.

Diante deste cenário foi surgindo um padrão que vem sendo seguido por todos os programas que estão inseridos dentro deste contexto policial, os de maior repercussão nacional vão servindo de paradigma para os programas locais das afiliadas das emissoras.

“O modelo de baixo custo de produção e alto índice de audiência foi se espalhando pelo país e ocupando lugares significativos na grade de programação dos principais canais de televisão no Brasil”. (GERÔNIMO, 2019, p. 41).

Neste contexto o apresentador exerce um papel importante como destaca o acima mencionado autor (2019, p. 74):

O jornalista assume que sua performance serve para entreter e destaca a lógica comercial do trabalho de um jornalista. Compreendemos que existe uma parcela significativa da sociedade que acompanha esses programas e talvez seja por isso que esse formato não deva ser alterado. Por mais que o apresentador saiba que a sua conduta pode ser considerada inconveniente, ele aceita essa maneira de conduzir o programa por uma finalidade: conquistar um número mais elevado na audiência

Em sentido inverso, surge o nosso objeto de estudo empírico, o Alerta Nacional, que passa da esfera local para a nacional, sendo, inclusive, transmitido de seu Estado de origem, o Amazonas, enquanto que todas as outras atrações da emissora Rede TV! são veiculadas de sua sede em Osasco, São Paulo.

Essa mudança indica que existe um investimento editorial e comercial da emissora nesse tipo de programa. A importância dos *fait divers* nos jornais televisuais, como foi apontado, indica um interesse crescente pela “atualidade local” e, conseqüentemente, uma concorrência entre os meios de comunicação no tratamento de notícias policiais.

## **2.5 Formato atual**

Como dissemos anteriormente criou-se um padrão deste tipo de atração televisiva em que os apresentadores têm o mesmo comportamento em frente às câmeras, os repórteres têm maior liberdade para interagir com o público, a direção participa do programa diante da audiência, há uma presença de propagandas e patrocinadores entre uma reportagem e outra e muitas vezes existe um elenco pronto para participar das piadas do apresentador, como é o caso do nosso objeto de estudo empírico.

O apresentador de telejornal do gênero policial fica de pé o tempo todo, expressando uma suposta indignação e uma má ensaiada valentia, sedimentada na reprodução de preconceitos potencializados pela falta de pudor, escândido em gestos obscenos e numa locução repleta de palavras de baixo calão, demonstrando, de forma caricatural, a espetacularização e o circo da notícia, preconizados por Debord (1997). (MADRUGA, 2013, p.10)

Para ilustrar como é exibido um fato digno de ser noticiado pelos programas policiais podemos no valer da didática explicação de Periago (2004), em que a reportagem veiculada é dividida em três partes: a primeira em que ela é apresentada no estúdio, depois a externa e, por fim, o apresentador tem a liberdade de comentar o que ele achou do caso, expondo sem ressalvas a sua opinião.

Quando fazemos uma comparação com o telejornal dito mais tradicional podemos perceber com maior clareza quais as peculiaridades deste formato que:

revela inúmeras características que o diferencia do noticiário televisivo convencional que, procurando sugerir imparcialidade, é geralmente apresentado por um casal, de maneira padronizada que, ao nível informativo, relata parcimoniosamente as notícias da localidade, do Brasil e internacionais. (MADRUGA, 2013, p.10)

Gerônimo (2019) identificou sete componentes que são comuns a todos os telejornais policiais, são eles: encenação dramática, que diz respeito as expressões faciais, aos gestos, encenação teatral que revela um apelo emocional e faz o público se solidarizar com a vítima e odiar o vilão da história; diversidade de notícias, englobando fatos curiosos e bizarros, notícias do mundo das celebridades; superficialidades, o que significa dizer que não há aprofundamento sobre o que se está narrando, não há ensejo para a reflexão, como já discutimos anteriormente, inclusive; notícias negativas, o conteúdo tratado é sempre relacionado a dor, crimes, tragédias; figuras de linguagens, são utilizadas a ironia, a metáfora, aliterações e repetições de palavras com o fim de dar ênfase ao discurso; repetição, fragmentação e velocidade, que demonstra o caráter informal da construção desse tipo de programa que tem um ritmo acelerado, excesso de imagens repetidas, quebra de frases, coberturas inacabadas, etc.; e finalmente, construção da proximidade que é feita através do uso de gírias e linguagem coloquial, interação através da redes sociais com o apresentador.

De modo particular, o telejornal policial Alerta Nacional, apresentado por Sikêra Júnior, objeto escolhido para a nossa pesquisa também apresenta todas estas características, conforme poderemos observar mais detidamente quando da análise propriamente dita deste objeto.

Em entrevista para a dissertação de mestrado de Gerônimo (2019), oportunidade em que apresentava o Cidade em Ação, da TV Arapuã, afiliada paraibana da Rede TV!, Sikêra Júnior revela sua opinião sobre o modo como exerce o seu trabalho de apresentador:

O povo quer ver o povo. Ele não quer ver nenhum cara em uma cúpula de vidro fechada, sabe aquela coisa intocável? Não! O povo quer se ver. Como é que ele se ver (sic)? Se identificando com o apresentador. O que é que eu ouço mais nas ruas? Você diz o que que gostaria de dizer. Você fala o que eu gostaria de falar. Você tem a coragem que eu não tenho. E eu não tenho coragem de nada, eu sou atrevido, corajoso não, eu sou atrevido.

Com esta última citação fica nítido o posicionamento do apresentador e a forma como ele conduz o seu trabalho, não muito diferente dos outros do mesmo segmento, assim antecipamos o que encontraremos mais adiante, quando passaremos a discutir a respeito do nosso recorte epistemológico qual seja; as mulheres, fazendo as devidas conexões de referencial teórico até chegarmos na análise sobre como as notícias que as envolvem são veiculadas pelo policialesco em questão.



### **3 SOBRE O RECORTE: AS MULHERES**

Neste capítulo nos debruçaremos sobre o recorte de nosso problema: as mulheres. Tentaremos através de nosso referencial teórico explicar a nossa motivação, não apenas pessoal, em falar sobre a temática, demonstrar a diferença entre homens e mulheres e o contexto histórico para isso, no âmbito acadêmico e científico a real necessidade de se estudar sobre a discriminação com o olhar do empoderamento feminino e ainda, no aspecto prático da profissão enxergar os caminhos que se abrem e as possibilidades de ajudar a disseminar um discurso de igualdade real entre homens e mulheres e uma cultura de paz e respeito as minorias.

Para isso, nos valem dos estudos feministas que abriram caminhos para que enxergássemos o que até pouco tempo não víamos mesmo que diante de nossos narizes: a construção do saber é excludente e tem raízes no machismo e não apenas nele, mas em toda forma de preconceito que é capaz de diminuir outro conhecimento que não aquele que está no centro do poder e das tomadas de decisões, cujos resultados amargamos ainda atualmente, mesmo depois de tantos avanços.

Este capítulo tem o objetivo central de construir o supedâneo teórico do problema, mas também traz a visão de mundo da pesquisadora, já que ele é o fruto de sua inquietação e seu inconformismo com a situação diariamente vivenciada pelas mulheres, especialmente neste caso, no que diz respeito ao telejornalismo policial, com o adendo ainda no que diz respeito ao fazer científico pelas mulheres, verdadeira meta linguagem de nosso trabalho, já que ao falar sobre isso estamos também engrossando as fileiras das que fazem ciência e ainda as incluindo enquanto objeto de estudo.

#### **3.1 Metalinguagem: as mulheres e a desigualdade na construção da ciência**

Segundo dados da Open Box da Ciência<sup>7</sup>, as mulheres representam 40,3% do total de doutores do país, informações obtidas a partir do cruzamento de dados da

---

<sup>7</sup> Projeto oriundo da Gênero e Número que faz uma cartografia das mulheres pesquisadoras no país.

plataforma de currículo lattes. A pesquisa que abrangeu as cinco grandes áreas demonstrou que as mulheres são a maioria nas ciências da saúde e na área de linguística, letras e artes, e como era de se esperar minoria nas de engenharias; ciências sociais aplicadas e ciências exatas e da terra.

Gráfico 1 - Representatividade das mulheres por área de conhecimento



Fonte: Open Box da Ciência (2020)

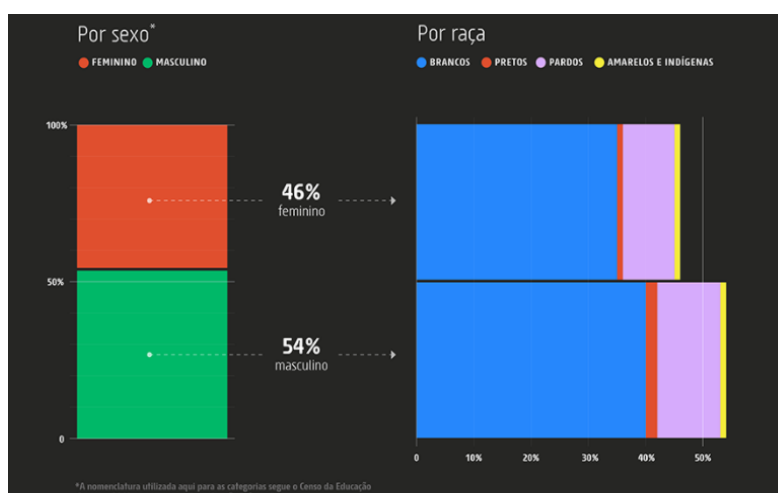
A explicação para o fato de as mulheres serem a maioria na área da saúde se deve ao lugar que elas sempre ocuparam socialmente: o do cuidado, cultura presente na criação feminina, o que reverbera ainda dentro da própria área já que há poucas mulheres são cirurgiãs e mais pediatras e enfermeiras, por exemplo, funções que estão mais intimamente ligadas ao cuidado, como afirmou Fernanda Sobral, vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em entrevista para o G1<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Portal de notícias do grupo Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/12/mulheres-sao-40percent-dos-pesquisadores-do-brasil-que-declaram-ter-doutorado-nas-5-maiores-areas-de-conhecimento-aponta-levantamento.ghtml>

A escolha da profissão já diz muito sobre estas questões culturais, pois as mulheres tendem a optar por aquelas que lhe conferem mais tempo para cuidar da casa e dos filhos, como afirma Natália Leão, socióloga e analista da Open Box. Mas atualmente já existe uma série de projetos de fomento e incentivo da participação feminina nas ciências, desde aquelas que já tiveram filho até as meninas que ainda estão no ensino fundamental, como é o caso do “Meninas Supercientistas” desenvolvido pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP.

Outro dado relevante trazido pela Open Box é o número de professoras no ensino superior, pois apesar de todos termos uma lembrança da infância com uma amável “tia” que nos ensinou as vogais e a juntar sílabas pela primeira vez, na graduação ainda não somos maioria como mostra o gráfico abaixo, o que tem relação direta com o anterior já que as mulheres ainda são minoria dos que têm titulação no país.

Gráfico 2 - Magistério Superior



Fonte: Open Box da Ciência (2020)

Quando vamos mais além e nos propomos a pensar a origem da ciência, como ela é construída e passa a ser um conhecimento legítimo e incontestável ensinado e apreendido por todos de uma forma generalizada, inevitavelmente depreendemos que este processo é conformado através de fatos, estes, por sua vez, são construções das pessoas e dependem da aceitação delas para existir. Sendo assim, aquilo que é amplamente aceito

pela maioria como um fato passa a ter relevância e por isso merece ser estudado, o que nos leva a crer que mesmo as ciências naturais têm caráter social.

Partindo destas premissas passamos a compreender que a construção científica carrega consigo a marca social de sua conformação, o que para Hubbard (1993) tem um estereótipo pré-definido: homens brancos e de classe média alta, gerando assim um ciclo vicioso, pois esta categoria acaba privilegiando o seu conceito do que é certo ou errado. No que atine as mulheres, elas acabam sendo desprestigiadas neste fazer científico já que a mencionada classe não as abrange e o seu trabalho em cuidar do lar, dos filhos, da família, proporcionando subsídios para que o homem branco de classe média alta “faça ciência” é relegada a trabalho desimportante. O mesmo ocorre com as outras categorias não abrangidas: pobres, negros, por exemplo.

Reconhecer isto é confrontar o conceito de objetividade da ciência, especialmente a natural, que tem nesta característica um de seus axiomas básicos, posto que considera os fenômenos naturais como objetos isolados. Por outro lado, mesmo estes fenômenos merecem ser estudados considerando o seu elemento subjetivo, esta é uma contribuição do feminismo para o estudo da natureza sem agredi-la. Isso significa que a pesquisa feminista considera o cientista e sua posição social no estudo de seus objetos de pesquisa, sendo esta uma relação *sine qua non* para as conclusões a que chegam com seus estudos.

Para Meyer (1993) há uma evidente relação de discrepância entre os cientistas tradicionais, ou seja, os que foram forjados pelas escolas convencionais, que ela chama de cientistas sociais da corrente principal e os feministas. A principal diferença emerge justamente da origem da ciência feminista que diferente das outras, é oriunda da consciência social, fazendo o movimento contrário: da sociedade para a academia.

Com base na observação das diferenças existentes na prática entre homens e mulheres é que surge a necessidade de se fazer ouvir e para tanto era preciso fundamentação, o que levou a construção dos estudos feministas, revelando a interpretação diferente dos eventos entre os cientistas feministas e os cientistas tradicionais.

Isso nos leva a refletir sobre a contribuição para o fazer científico das mulheres que nunca tiveram lugar nos bancos da academia, sendo-lhes reservado apenas o trabalho

doméstico, e no que ele pôde acrescentar ao longo dos anos para a ciência, conhecimento nunca reconhecido e valorizado.

Esta é também a razão de ser desta pesquisa, nosso aporte não apenas para a temática em debate que, por si só já, é sobremaneira relevante, mas também nossa colaboração com a ciência que necessita também do olhar feminino para ser legítima. É também nossa demonstração de sororidade, já que a palavra está tão popular ultimamente, com as mulheres que estiveram durante tanto tempo a margem da história para que ela fosse construída e as que lutaram para que hoje estivéssemos aqui escrevendo cada linha deste trabalho.

### **3.2 Mulheres: o porquê desta escolha**

Antes de mais nada, sentimos a necessidade de justificar o porquê do uso da palavra mulheres, no plural, ao invés de mulher no singular ou mesmo da palavra gênero, tão amplamente difundida quando estamos tratando a questão da discriminação entre homens e mulheres. Longe de ser uma decisão excludente ou relativizante é uma opção fundamentada apenas no recorte que queremos dar para o problema de nossa pesquisa, cujo embasamento teórico busca contextualizar.

O conceito de gênero largamente utilizado quando nos referimos à diferença entre homens e mulheres, tem raízes fincadas na diferenciação biológica dos sexos, e esta é uma de suas principais críticas e emerge nos Estados Unidos ainda na década de 1950, especialmente em estudos relacionados à medicina, sexologia e psicologia (ZIRBEL, 2007).

Além da amplitude do termo gênero outro problema para a sua utilização é a ambiguidade que ele é capaz de revelar, como aponta Costa (1998) em seu trabalho O tráfico do gênero. O primeiro sentido apontado por ela é o seu uso na construção das políticas públicas e programas de desenvolvimento social e a segunda é a sua utilização pela Igreja católica, por exemplo, associando-o a destruição da família tradicional.

Por ter surgido no hemisfério norte, algumas feministas debatem que a realidade entre estas mulheres e as do hemisfério sul são distintas e, portanto, elas não são plenamente contempladas por esta acepção (ALMEIDA, 2015, p 27). Além do que, na América Latina, por exemplo, os estudos feministas sofreram (e sofrem) preconceito da classe científica ainda predominante que para tentar descredibilizar e achincalhar seus esforços de visibilizar a luta das mulheres passaram a relacioná-las a adjetivos como feias, mal-amadas, masculinas, lésbicas, promíscuas, razão pela qual com o passar do tempo adotou-se o termo gênero, que herdou toda essa carga semântica.

Para Safiotti (2004) adepta de uma linha mais radical de feminismo a utilização da palavra gênero para fazer referência as mulheres é muito abrangente, por isso ela cria o conceito de patriarcado a fim de agregar ao fenômeno biológico e construtivista do termo, o verdadeiro motivo de dominação dos homens sobre as mulheres: o capitalismo, ao que ela denominou patriarcado. “Tratar esta realidade exclusivamente em termos de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, ‘neutralizando’ a exploração-dominação masculina” (SAFFIOTTI, 2004, p. 136). Para ela o conceito gênero goza de uma natureza ideológica que o afasta da neutralidade “*carrega uma dose apreciável de ideologia*” (p. 136) e jamais conseguiria atacar frontalmente a peça central dessa engrenagem de subjugação.

Em crítica a Rubin, que sistematizou gênero/sexo, Safiotti (2004) ponderou que a conceituação pretensamente neutra pois poderia estar tanto a serviço da opressão quanto da igualdade, a variável, na verdade, são as relações sociais. Já no que tange ao conceito de Scott, apesar de atribuir-lhe uma valiosa contribuição entre as relações de gênero e de poder, Safiotti (2004) critica que a autora não faz ressalvas quanto à concepção de poder de Foucault, que está dissipado socialmente, o que de certa forma, prejudica a transformação do todo social. A partir disso ela considera que “[...] o uso simultâneo dos conceitos de gênero e de patriarcado, já que um é genérico e outro específico dos últimos seis ou sete milênios”. (2004, p.132).

A grande ebulição dos estudos sobre as mulheres em diversas áreas e campos fez surgir também os questionamentos sobre a própria categoria:

Com o passar do tempo, o patriarcado passou a ser um conceito quase vazio de conteúdo, nomeando algo vago que se tornou sinônimo de dominação

masculina, um sistema opressivo tratado, às vezes, quase como uma essência. O conceito colocou problemas delicados em termos metodológicos, ao referir-se a um sistema político quase místico, invisível, trans-histórico e transcultural, cujo propósito seria oprimir as mulheres (PISCITELLI, 2002, p. 15).

Segundo Soares a respeito do uso do termo mulher “o fortalecimento de outros tipos de feminismos incitou a dúvida sobre a universalidade desta categoria” (p. 37, 2016). A ideia de realização feminina sempre esteve ligada a reprodução e a maternidade e a ruptura dessa estrutura social colocou a mulher na condição de dominação dentro das relações de gênero, no entanto, para tentar desconstruir essa ideia acabou-se por atribuir a essas correntes feministas que enfrentam a subalternidade a ausência de desejo das mulheres por homens, como se apenas a heterossexualidade explicasse o anseio pela quebra deste sistema desigual.

Desse modo surge uma associação direta entre feminismo e a lesbianidade, já que a quebra da heteronormatividade é uma desqualificante das práticas feministas, o que fez surgir maior apelo para uso da categoria mulher, como forma de excluir aquelas que têm orientação sexual divergente do socialmente aceito, o que coloca em posições antagônicas o feminismo e a feminilidade, alimentando cada vez o estereótipo de que mulher feminista é lésbia, não se cuida, é desleixada com sua aparência. Isso por si só, já revela a fragilidade do uso do termo mulher para abranger todo esse vasto universo feminino.

Para além disso, o binarismo latente no termo, já que a mulher surge neste contexto em oposição ao homem, é uma herança do iluminismo que pôs tudo sob dois aspectos incompatíveis: homem x mulher, cultura x natureza, heterossexualismo x homossexualismo, gênero x sexo, razão x emoção, objetividade x subjetividade (SOARES, 2016), também já outro motivo relativizante que nos fez optar pelo uso plural da palavra.

O feminino foi elaborado dentro da diferença sexual, aquilo que não é homem é, portanto, mulher, Cornell (2017) nos orienta sobre a multifacetada sexualidade que pode caber a uma criatura e sobre a qual é necessário dar visibilidade e espaço, sob pena de não estarmos praticando o feminismo ético.

Essa tentativa ousada da autora em utilizar a teoria lacaniana deu subsídios suficientes para explicar o porquê da necessidade de dar um olhar plural para a questão do gênero que sempre foi o binômio: masculino x feminino, pois apesar de tudo Lacan

contribuiu muito para o campo da significância no que diz respeito à imaginação e representação.

Talvez a crítica mais dura recebida pela categoria mulher é o fato de nela estar contida a presunção de uma identidade física dessa mulher que para a cultura ocidental seria universalmente conhecida como: branca, classe média e heterossexual, assim como o homem também é conceituado, de forma a engessar todas as possibilidades de existência resistência dessa mulher.

Desse modo a questão central em se assentam as discussões estaria justamente na forma abstrata em que se localiza esta mulher olvidando-se a multifacetada realidade delas, cujas diferenças emergem a partir dos contextos políticos, sociais e culturais em que estão inseridas, além claro de “outros marcadores sociais como raça/etnia, classe e orientação sexual, que delimitam privilégios e exclusões na sociedade” (SOARES, 2016, p. 42).

Outrossim, para além da dicotomia, Cornell (2017) traduz o entendimento de que é impossível discutir as noções de gênero dissociadas de outros paradigmas sociais como as questões de raça, classe, nacionalidade, por exemplo, dando-nos uma visão do macro desse dilema.

Há uma necessidade de reiterada discussão desse processo de identidade da mulher sobre o qual não há fundação firme (CORNELL, 2017) e por esta razão mesmo é infinita a possibilidade de interpretações da verdade final sobre nós, mulheres, o que enseja novos modos de expressão da diferença sexual e novas fronteiras sobre masculinidade e parâmetros de heterossexualidade normalizada.

O questionamento da categoria “mulher” nos faz refletir e repercute diretamente nas questões de identidade, exatamente onde o movimento feminista se estabeleceu e se propagou e ainda suscita o debate sobre a representação, posto que questiona quem tem legitimidade para falar e sobre quem (SOARES, 2016).

E ainda nos remete as construções equivocadas sobre masculinidade e feminilidade sempre relacionadas obrigatoriamente a heterossexualidade, o que não é necessariamente verdade, gerando um deslocamento, segundo Soares (2016) do sujeito mulher para novos marcos na construção de identidades de gênero que subvertam a lógica da heteronormatividade e deslocam a noção de feminilidade atribuída a ela.

Sandra Harding (1996) trabalha com uma lógica de multiplicidade de sujeitos e a conexão de todos eles gera um conhecimento libertário. Em razão disso, ela entende



que há uma necessidade de um encadeamento entre gênero, raça, classe e sexualidade para o feminismo possa representar as mulheres em sua totalidade.

Desta feita, compreendemos a grande contribuição de todas as correntes de pensamento feministas para que chegássemos até aqui, o que deixa a discussão sobre a utilização da terminologia em segundo plano, dada a importância do lugar de fala tão duramente conquistado, no entanto, para sermos coerentes com nossas escolhas e poder justificá-las, pelo menos no plano epistemológico, optamos por utilizar a categoria mulheres.

Assim, nos filiamos ao entendimento que ao nos valer desta categoria no âmbito de nosso trabalho estamos apenas abrindo espaço para todas as diferentes nuances que o termo é capaz de demonstrar, sendo eficaz para nos ajudar a solucionar a questão central de nossa pesquisa que é identificar como o telejornalismo policial, particularmente o Alerta Nacional, trata as mulheres por ele noticiadas.

Isso nos faz enxergar a pluralidade que o termo carrega e nos faz refletir ao mesmo tempo sobre as diferenças que ele comporta e que, de certo modo, há um grau de exclusão mesmo dentro de movimentos que lutam contra ela.

### **3.3 Panorama sobre a discriminação**

Por muito tempo se pensou na ideia de submissão da mulher como um fator biológico, condição inata e irreversível, pois fazia parte da natureza das coisas, como elas são. Também por muito tempo a mulher era apenas o oposto do homem, o não homem, o que colocava este sempre no centro das discussões, chamado de androcentrismo. O que para Beauvoir é inaceitável: “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (1975, p.9)

Resta evidente a posição da autora de que a diferença estabelecida entre mulheres e homens não tem origem anatômica, mas faz parte de uma construção social e histórica que ao criar estereótipos, como por exemplo o de fragilidade, impõe à mulher a posição de “segundo sexo”, título da obra por ela escrito ainda no final da década de 1940.

Bourdieu (2012) também acredita que a naturalização de espaços de um ou de outro sexo é produto de uma reiteração histórica da dominação masculina em detrimento da feminina que impôs as mulheres o espaço privado enquanto que aos homens cabia o público, e à medida que este processo é apreendido com o passar do tempo ele se torna cada mais natural e aceito.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2012, p. 17).

A própria realidade social é produto de uma deliberação prática, ela não é simplesmente dada. Ela é uma construção constante a partir de nossas decisões e significações éticas e morais para o que está a nossa volta (GROSHOLZ, 1993).

Para Machado (1998) a desnaturalização do gênero é a certeza de apenas não só as mulheres serem ouvidas, mas todas as demais categorias que caibam nas denominações trazidas pela construção social.

A discriminação das mulheres não é algo recente, ela remonta os primórdios da humanidade. Na Grécia antiga, por exemplo, considerada o berço da civilização ocidental, nascedouro da democracia, da política, das artes e da filosofia, as mulheres eram tratadas como seres inferiores (GOMES, 2011), enquanto os homens gozavam o prestígio da vida pública, às mulheres estava destinado o cuidado com a casa e com os filhos, ou seja, o espaço privado, herança que penosamente carregamos até hoje.

Posteriormente, o século das luzes não foi capaz de retirar das trevas a situação das mulheres, muito pelo contrário, aquelas que tentaram se rebelar contra esse sistema de dominação foram guilhotinadas, a exemplo da escritora francesa Olympe de Gouges, cujo crime foi tentar se igualar ao homem o que confrontava a sua condição de mulher, conforme relata Aragão (2001).

A igualdade, um dos pilares da Revolução Francesa, que inspirou a Declaração do Homem e do Cidadão de 1798, traz em seu artigo primeiro o seguinte texto: "Os

homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundar-se na utilidade comum", é literal em sua acepção, já que as mulheres continuariam excluídas de qualquer lugar de fala, um sinal de que a igualdade tão desejada era para bem poucos e de que a situação de inferioridade jurídica e social das mulheres era imutável mesmo diante de tantas consequências trazidas pela igualdade de direitos, que não alcançou os sexos/gêneros, segundo Birman (2001).

Assim, as diferenças entre homens e mulheres só viriam a ser legitimadas legalmente quase após dois séculos, com o advento da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, e frise-se, não mais do Homem, como já ideologicamente sugestionava a sua antecessora acima mencionada. E em dezembro de 1978 foi aprovada em uma Assembleia Geral das Nações Unidas a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres, que segundo o artigo inaugural do documento:

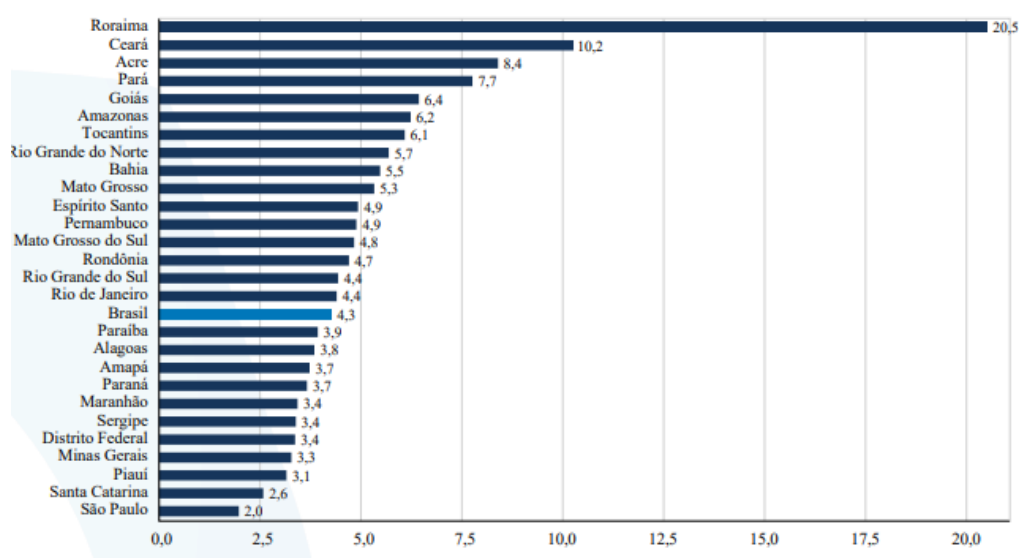
(...) significará toda distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo.

Não há dúvidas que existe uma tentativa de erradicação das diferenças entre homens e mulheres e que elas só foram possíveis a partir dos movimentos feministas, o que para Giddens (1993) provoca reflexões no seio social e mudanças não apenas no que diz respeito a diferenciação entre os sexos, mas que se relacionam também com a construção de nossa autoidentidade enquanto seres e sujeitos de direitos.

A partir da década de 1960, com a chamada Revolução Sexual, começamos a perceber maiores avanços das mulheres na vida privada e na pública, a inevitável conquista de espaços e direitos elementares, como a liberdade e controle sobre o seu próprio corpo (GOMES, 2011). O que não significa dizer que o problema foi resolvido, longe disso, pois as estatísticas de violência, de poder econômico, participação da tomada de decisões relacionadas a mulheres nos mostram exatamente o contrário.

Segundo o Atlas da violência<sup>9</sup> 2020: “em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino”. Este é um dado alarmante e que traduz a face mais maléfica do machismo em nosso país: a discriminação que é capaz de matar. O gráfico abaixo demonstra estes dados e ainda nos traz como referencial também as unidades da Federação, nos dando um panorama geral onde estes homicídios mais ocorrem:

Gráfico 3 - Homicídio de mulheres



Fonte: Atlas da Violência (2020)

Infelizmente o homicídio de mulheres é uma dura realidade com a qual temos que lidar diariamente, cuja punição ou melhor a ausência dela, foi por muito tempo justificada pela defesa da honra do homem, que utilizava esse subterfúgio para cometer toda sorte de abusos contra as mulheres, principalmente as de sua convivência.

Um avanço garantido pela lei foi a criação do Estatuto da mulher casada em 1962 que garantiu às mulheres receber herança, requerer a guarda dos filhos em caso de

<sup>9</sup> Portal desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública que reúne dados provenientes do Ministério da Saúde e das polícias sobre a violência no país.

separação e prescindia a autorização do marido para trabalhar fora de casa. E outro deles foi a Lei Maria da Penha em 2006, um marco no combate à violência contra a mulher, que trouxe consigo as casas de apoio as mulheres vítimas, as delegacias especializadas e além é claro do maior rigor na penalidade da violência no âmbito doméstico.

As mudanças legislativas que acompanharam a evolução da sociedade culminaram com a instituição do crime de feminicídio, agravante do artigo 121<sup>10</sup> do Código Penal, vislumbra-se alcançar não apenas a repreensão efetiva desta conduta delituosa, mas a prevenção dela.

A própria Constituição Federal, que é a lei maior de nosso país, cujo fundamento se assenta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, faz questão de prestigiar a igualdade formal em seu artigo 5º: “ todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade ”, inclusive fazendo menção explícita no inciso primeiro do mencionado artigo: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”.

Ocorre que a igualdade material é um processo que transcende a esfera legislativa ou a vontade política de alguns grupos, pois como critica Safiotti:

Estruturas de dominação não se transformam meramente através da legislação. Esta é importante, na medida em que permite a qualquer cidadão prejudicado pelas práticas discriminatórias recorrer à justiça. Todavia, enquanto perdurarem discriminações legitimadas pela ideologia dominante, especialmente contra a mulher, os próprios agentes da justiça tenderão a interpretar as ocorrências que devem julgar a luz do sistema de ideias justificador do presente estado de coisas. O poder está concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres (1987, p.15).

Todavia, a violência contra as mulheres não é exclusividade do Brasil e pode se revelar de inúmeras formas, não apenas na física, há também a violência moral, psicológica, patrimonial, sexual, social e simbólica.

---

<sup>10</sup> Art 121. Matar alguém: Pena – reclusão, de seis a vinte anos.

A de mais fácil de constatação é aquela que deixa marcas no corpo da vítima, a violência física, assim como a sexual, que também deixa vestígios externos; enquanto que as violências psicológica e moral dizem respeito a violações de cunho subjetivo que agem no mais íntimo da vítima, tirando-lhes a auto estima, o ânimo, a vontade de viver, a liberdade de crença, de pensamento; a patrimonial está ligada a retenção de documentos e ao controle financeiro.

Por fim, as violências social e simbólica cujo agressor não é específico, mas é um coletivo, um sistema opressor que impõe suas regras de discriminação sobre suas vítimas, para Sodré (2006) a violência social é causada pelo arbítrio de um poder que subjuga outrem, como efeito das sociedades de classes, a despeito de este autor fazer críticas ao marxismo.

O conceito de violência social apenas deixa claro que considerar violência como puro ato implica conotar negativamente apenas as ações que contrariem a legitimidade, burguesa ou não, do grupo dirigente. Tanto é que é uma prática linguística geral, por partes de instituições dirigentes, trocar a palavra “violência” por “força”, quando se designam atos de coerção socialmente legitimados. (SODRÉ, 2006, p.19)

Já a violência simbólica segundo Bordieu (2010) está tão naturalmente diluída no cotidiano que até mesmo as vítimas não são capazes de reconhecê-la. Ela é fruto da perpetuação de comportamentos que colocam a margem determinados grupos cuja legitimação se dá justamente pela reiteração daqueles, conformando uma verdadeira “ordem social”.

Assim a dominação masculina perpetrada pela manutenção de costumes ao longo de todos estes anos e legitimado pela mídia, por exemplo, como é o caso da hipótese de nossa pesquisa, pode ser considerada violência simbólica contra as mulheres. E é neste sentido que julgamos importante nossa pesquisa, pois mesmo olhando sob o prisma da prática profissional jornalística, estaremos contribuindo não apenas com uma classe, mas com a sociedade como um todo, especialmente levando-se em consideração o aspecto da função social do jornalista.

### 3.4 Estado da arte: a intersecção entre mulheres e jornalismo

Com o intuito de localizar nosso estudo no mundo científico e compor o nosso “estado da arte” fizemos uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação do Brasil (MEC) entre os dias 26 a 30 de abril de 2020 e pudemos observar, de uma forma mais ampla, que há um grande número de pesquisas que abordam a temática dos “programas policiais”, mais precisamente, 244 e quando alteramos a palavra chave da pesquisa para “telejornalismo policial” o número aumenta para 423; objetivando obter maior congruência com o recorte de nosso estudo pesquisamos ainda por “mulheres” e encontramos 413 trabalhos e 514 para “gênero”, dentre estes temos que descartar, notoriamente, aqueles que versam sobre os gêneros jornalísticos, classificação adotada para distinguir as diversas formas do fazer jornalismo.

Dentro deste quantitativo selecionamos os trabalhos que mais guardam relação com nossa pesquisa, cujos títulos são: *Narrativas da violência sexual contra meninas em telejornais policiais*; *Além dos boletins de ocorrência: análise das narrativas midiáticas sobre a violência contra a mulher nos impressos Super Popular e Jornal da Cidade*; *APANHANDO DUAS VEZES: Aspectos Relacionados à Cidadania das Mulheres Vítimas de Violência nos Telejornais Locais*; *Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas*; *Jornalismo impresso e relações de gênero: enquadramentos da Folha de S.Paulo e do Estado de S.Paulo do caso de hostilização a uma estudante*.

No primeiro trabalho, *Narrativas da violência sexual contra meninas em telejornais policiais*, a preocupação da autora Leurquin (2018) é com o tratamento das notícias que versam sobre crimes sexuais, limitando ainda mais o seu objeto pela faixa etária, centralizando-o na questão da violência sexual contra crianças do sexo feminino, o que exigiu dela uma análise não apenas sobre como a mídia trata esse tipo de delito, mas também como ela se relaciona com às questões relativas à infância e das narrativas construídas também a partir da diferenciação de gêneros além do reforço de estereótipos. Para isso ela lançou mão de uma análise de conteúdo de sete casos extraídos de um telejornal policial transmitido no Estado do Ceará.

Em *Além dos boletins de ocorrência: análise das narrativas midiáticas sobre a violência contra a mulher nos impressos Super Popular e Jornal da Cidade*, Oliveira (2016), também se utilizou da análise de conteúdo para examinar as notícias sobre violência contra a mulher que foram veiculadas em dois jornais impressos no Estado de Sergipe, o que lhe permitiu a chegar à conclusão da falta de preparo da mídia para tratar temas afetos à discriminação de gênero.

O título sugestivo de Lima (2014) *APANHANDO DUAS VEZES: Aspectos Relacionados à Cidadania das Mulheres Vítimas de Violência nos Telejornais Locais* já nos incita a refletir sobre como a mídia está tratando este tema tão sensível que é a violência doméstica. Com a análise da programação dos telejornais locais de Goiânia a autora demonstra a interseccionalidade entre jornalismo, cidadania e violência contra a mulher, levando-nos à compreensão de que além de a mulher sofrer com a violência física, psicológica, moral, sexual ela também é vítima da violência simbólica e estrutural das quais a sociedade é seu algoz, contando ainda com o reforço dos veículos de imprensa, neste caso em particular, do telejornalismo.

Fernandes (2012) traz em *Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas*, mais uma vez a pesquisa sobre a mídia impressa e dessa vez de outro país, o que nos traz um estudo comparativo e enriquece nosso trabalho, demonstrando que tal problema não é privilégio apenas do Brasil.

*Jornalismo impresso e relações de gênero: enquadramentos da Folha de S.Paulo e do Estado de S.Paulo do caso de hostilização a uma estudante* apresenta um estudo de caso em que a cobertura de mesma uma notícia é analisada em dois jornais impressos distintos a fim de verificar se o jornalismo, enquanto formador de opinião, favorece a disseminação da imagem discriminatória com relação às mulheres.

Como se pode avaliar previamente através dos títulos, três das cinco pesquisas mencionadas analisam o enquadramento e tratamento de notícias relacionadas à mulher em veículos de jornalismo impresso, enquanto que dois se voltam para a linguagem da televisão. E todos eles têm em comum o debate acerca do tratamento pela mídia da violência contra a mulher, seja ela doméstica ou apenas uma violência praticada em que o sujeito passivo seja a mulher.



De acordo com o art. 5º da Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

O que significa dizer que nem toda violência sofrida por uma mulher é doméstica, porque ela pode ocorrer sem que seja baseada no fato de ela ser mulher, como por exemplo um assalto dentro de um ônibus em que todos os passageiros, homens e mulheres tem seus bens subtraídos.

Essa diferenciação é salutar porque para fins de nosso trabalho nós não objetivamos falar a respeito da violência doméstica, ou pelo menos não apenas sobre isso, mas sobre tudo o que é notícia e se relaciona com mulheres, quando elas são o centro das discussões, sejam elas vítimas de violência de gênero ou não, ou mesmo sejam elas as agressoras.

Intentamos com o nosso trabalho analisar matérias veiculadas pelo programa Alerta Nacional que tenham a figura feminina como protagonista, sendo ela vítima ou autora de violência ou mesmo de quaisquer outros crimes, desse modo, apesar de a violência contra a mulher estar inserida dentro de nossa pesquisa ela não é o único prisma pelo qual pretendemos olhar, pois nosso objetivo maior é investigar como o telejornalismo policial narra estas histórias, de modo a evidenciar ou não discriminação de gênero.

Em pesquisa no próprio Programa em que foi desenvolvida esta dissertação, encontramos estudos com a temática mulher, seja na construção da personagem feminina na notícia do Jornalismo impresso, na produção de notícias sobre feminicídio na televisão ou ainda na discriminação de gênero homem x mulher nos portais de notícias e como o “novo” jornalismo está combatendo as práticas de discriminação e violência contra a mulher. Como pudemos perceber há uma variedade de veículos de comunicação pesquisados nas investigações do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB.

*MULHERES “SENSACIONAIS”*: Uma Análise da Construção da Mulher no *Jornal Já*, demonstra a preocupação da pesquisadora Modesto (2016) com a forma que as mulheres são apresentadas pelo jornalismo impresso de cunho sensacionalista. Através da análise de discurso ela examina as matérias que tratam sobre as mulheres, seja na

condição de vítima ou de ofensora, até chegar à ilação de que a linguagem empregada pelo periódico popular, seja verbal ou imagética, reforçavam os estereótipos negativos da imagem mulher.

Já no segundo trabalho que nos traz referência: *Hoje, se espremer o espelho, sai sangue*”: *etnografia da produção de notícias de feminicídio para o telejornal JPB 1ª edição (PB)*, Paz (2018) nos propõe uma investigação específica sobre as mulheres que são vítimas do crime de feminicídio, inovação legislativa do ano de 2015 com fins a punir com maior severidade aqueles que atentam contra a vida da mulher apenas por este fato, o de ela ser mulher, dentro da redação do telejornal da emissora afiliada à Rede Globo que diga-se de passagem, não é considerado sensacionalista. Com isso ele busca enxergar qual o preparo do profissional jornalista para lidar com este tipo de assunto, qual a contribuição social que ele é capaz de dar à sociedade, demonstrando as principais falhas neste tipo de cobertura, o que autor pôde vivenciar de perto através da pesquisa etnográfica.

Santos (2019) através de sua pesquisa cujo título é *ELA MULHER, ELE VÁRIOS Marcas de gênero nas notícias do Portal G1*, investiga como as matérias são construídas para a internet de modo a evidenciar as relações de gênero presentes. Para isso ela analisou 437 notícias e laçando mão do método de análise de discurso buscou compreender como elas interferem na construção de sentidos sobre a diferença entre homens e mulheres.

Por último, a pesquisa de Andrade (2019): *NÃO FOI POR AMOR: O Jornalismo multiplataforma e investigativo do projeto #UmaPorUma* sobre as mulheres assassinadas em Pernambuco, cujo objeto empírico é um projeto em que profissionais jornalistas mapeiam e investigam as histórias das mulheres assassinadas em Pernambuco durante o ano de 2018, dado maior visibilidade aos casos que são veiculados em multiplataformas, desembocando no desfecho de que as boas práticas jornalísticas são capazes de interferir na construção da realidade que nos cerca.

A partir dos dados coletados pudemos observar que a maioria dos autores dos trabalhos mencionados são mulheres e isso nos faz atentar para o fato de que cada vez mais pesquisadoras se interessam pelo estudo de seu próprio ambiente social e buscam estudar o seu papel dentro dele.

O resultado de nosso levantamento também pode ser um indício do que Escosteguy e Messa (2008) já haviam observado: “na comunicação, as relações com os estudos feministas e de gênero no início da década de 2000 eram ainda pouco exploradas. Só na virada para a década de 2010, com volume e constância de pesquisas, que o espaço dos estudos feministas e de gênero no campo é reforçado” (RABAY; ALMEIDA; GUSTAFSON; PAES, 2019).

Além disso, podemos citar outras evidências da potencialização desses estudos. Em dossiê recente publicado na Revista Âncora<sup>11</sup> (2019), pode-se observar que temas relacionados ao gênero, feminismo e Jornalismo ganharam espaço através de encontros realizados em 2018. A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação criou o Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidade e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo debateu o tema na mesa de trabalhos Mulheres e questões de gênero

O volume apresentou 16 artigos, contemplando diferentes temáticas, a saber: feminicídio, relação entre Jornalismo e Feminismo, a situação profissional das mulheres jornalistas, as narrativas da imprensa sobre as mulheres políticas, o tratamento dado pelo jornalismo impresso à violência sexual sofrida por mulheres, a construção do discurso da sororidade em periódicos.

A interseção entre Jornalismo e Feminismo é inegável (RABAY; ALMEIDA; GUSTAFSON; PAES, 2019):

Podemos afirmar que os estudos feministas e de gênero atravessam por completo o jornalismo, da sua produção à recepção, na maior parte do mundo. Prova dessa afirmativa são alguns dos estudos produzidos ao longo dos anos 2000. São pesquisas que buscam identificar o lugar das questões de gênero na notícia (FERNANDES, 2015; COSTA, 2015; MARTINS, 2010; VEIGA DA SILVA, 2010), na profissão do jornalismo (PORTELA, 2015; DIAS, 2001; MATOS, 2006; CRIADO, 2001) e investiga o conhecimento do jornalismo a partir de uma perspectiva feminista (VEIGA DA SILVA, 2015). Além disso, os estudos apresentam dados de proporções globais (VELOSO, 2013).

---

<sup>11</sup> <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/issue/view/2413/381>

Com base nisso podemos mencionar o surgimento de mídias consideradas independentes que contemplam o debate sobre a questão de gênero, como por exemplo a *startup* Gênero e Número<sup>12</sup> que produz conteúdo jornalístico de dados com foco em questões não apenas de gênero, mas também de raça e território, nuances extremamente interligadas, como prega a Teoria *Queer of Colour*:

interrogação das formações sociais em termos de intersecções de raça, gênero, sexualidade e classe, com o interesse particular em destacar como essas formações correspondem ou divergem de ideais e práticas nacionalistas. A análise *Queer of Colour* é uma empresa heterogênea que deriva do feminismo das mulheres não-brancas, de análises materialistas, da teoria pós-estruturalista e da crítica queer (Ferguson, 2003:147).

E ainda o Catarinas<sup>13</sup>, primeiro portal de notícias especializado em feminismo e gênero, fundado em julho de 2016 no Estado de Santa Catarina e cuja linha editorial preleciona:

Entendemos que unir o ativismo feminista à prática jornalística é uma estratégia potencializadora quando na busca de objetivos transformadores. Ao perceber as desigualdades de gênero existentes na sociedade, nos posicionamos no intuito de superá-las. Um jornalismo que se diz neutro ou imparcial acaba, consciente ou inconscientemente, servindo para a manutenção das relações de poder já existentes e, conseqüentemente, das violências ocasionadas por elas.

O coletivo criado pelas mulheres jornalistas do Sistema do Jornal do Comercio em Pernambuco chamado #umaporuma e estudado por uma pesquisa do PPJ, como citado acima, também é um exemplo grato de mobilização da classe em combate a discriminação sofrida pelas mulheres.

A mulher, resumida a um corpo inerte, esquecido e banalizado. Não só Rosineide nem Ivonete. Mas Sibelly, Lourdes, Larissa, Julianna. E por serem tantas, quase uma por dia, decidimos contar. Durante um ano, um coletivo de jornalistas mulheres do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação

---

<sup>12</sup> [www.generonumero.media](http://www.generonumero.media)

<sup>13</sup> <https://catarinas.info>

(SJCC) vai acompanhar de perto a rotina de uma matança que, sim, faz parte da violência urbana. Mas vai além. É fruto amargo do machismo. Forjada no sentimento de posse que o homem julga deter sobre elas e sobre o corpo delas. A face derradeira de um poder que coloca nas mãos desse homem o controle extremo sobre a mulher: o da vida e da morte.

Assim o #umaporuma<sup>14</sup> trabalha para que as todas mulheres assassinadas em Pernambuco no ano de 2018 deixem de ser apenas um número, uma estatística, e para que suas histórias ganhem visibilidade, a fim de que tenham seus crimes investigados e seus algozes punidos, não apenas narrando o que houve com elas, mas cobrando providências do Estado para isso.

Estes são apenas alguns exemplos de responsabilidade social, respeito aos direitos individuais e coletivos que criam um panorama extremamente positivo e que nos fazem enxergar um horizonte além das trevas do machismo, do sexismo, do racismo e de todas as formas de preconceito, apesar de estarmos tratando da mídia independente, não podemos deixar de comemorar.

A emergência dessas iniciativas demonstra que a questão da representação feminina na mídia tem ganhado espaços de visibilidade. Há mudanças em movimento, diante disso formulamos os seguintes questionamentos: no jornalismo policial do Alerta Nacional, pode-se perceber essas mudanças? Como a figura feminina é retratada? Vozes “alternativas” são ouvidas, como as de associações de defesa das mulheres que sofrem violência?

No capítulo seguinte apresentaremos a metodologia utilizada para abordagem do tema com o fim alcançar os nossos objetivos, detalhando o passo a passo do percurso de nossa pesquisa.

---

<sup>14</sup> <http://www.compromissoeatitude.org.br/umaporuma-e-da-conta-de-todos-nos-ne10-29042018/>

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso para se chegar ao lugar desejado justifica a chegada de muitas formas. Na pesquisa não é diferente, para atingirmos o desfecho é necessário, antes de tudo, uma longa caminhada, que passamos a descrever abaixo.

Neste capítulo, demonstraremos o trajeto que trilhamos para alcançar os objetivos que nos propusemos com a análise de nosso objeto de estudo, cuja escolha demonstra a inquietação pessoal desta pesquisadora com a temática, que envolve não apenas questões atinentes à ética profissional, mas também guardam relação com a discriminação das mulheres, recorte de nosso trabalho.

No tocante a escolha de nosso objeto empírico, o programa Alerta Nacional, podemos dizer que ela se deu no decorrer deste curso de Mestrado, quando desenvolvemos um artigo para disciplina de ética, pois, *a priori*, a ideia seria estudar um programa local cujo critério seria exclusivamente a maior audiência.

Todavia, encontramos algumas razões para mudar de opinião durante o itinerário: a primeira delas foi a repercussão da estreia do policiaisco amazonense e as polêmicas que ele tão prematuramente já começou a se envolver desde então. Depois, o fato de ele ser um programa local que passou a ter abrangência nacional também chamou nossa atenção para verificar o fenômeno. Além disso, o apresentador Sikêra Júnior já comandou um programa aqui do estado, um dos objetos de estudo que já foi pesquisado por um trabalho que colabora com o nosso em muitos aspectos<sup>15</sup>. Ademais, o apresentador, por si só, já é uma figura bastante controvertida no meio midiático.

Esta pesquisa busca compreender a forma como a mulher é noticiada no Telejornalismo Policial. Dessa maneira, definiu-se uma abordagem metodológica para a análise do programa policial Alerta Nacional em particular, visando com isso obter uma visão macro da problemática em questão.

---

<sup>15</sup> GERÔNIMO, Aderlon dos Santos. O protagonismo dos apresentadores no contrato de comunicação de programas policiais na Paraíba. Mestrado Profissional em Jornalismo. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

A análise de conteúdo foi o método escolhido pelo grau de objetividade que imprime e ao mesmo tempo pelo espaço que é capaz de ceder a investigação qualitativa exemplos não nos faltaram em nosso trajeto de pesquisadora até aqui, o que nos deu ainda mais certeza de nossa escolha.

#### **4.1 Contornos práticos da pesquisa**

O nosso primeiro passo foi na direção de observar os trabalhos já realizados dentro de nossa perspectiva de estudo, com o intuito de obter parâmetros e recursos metodológicos que lastreassem nossa investigação, nos trazendo elementos importantes para a construção de nosso campo epistemológico.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada em todas as etapas de construção desta pesquisa, desde o seu germinar, que consideramos como sendo o projeto de pesquisa apresentado ainda na seleção do mestrado, até o seu término. Com isso, tivemos por escopo obter a maior quantidade possível de conhecimento não só a respeito do tema principal, mas também das nuances que o cercam, bem como sobre os meios que melhor o apresentam. Desse modo, tentamos trazer opiniões de estudiosos do discurso sensacionalista, característica principal da narrativa dos programas policiais, como também referências que nos situem na discussão sobre a discriminação das mulheres.

Em seguida, com o objetivo de identificar a forma como as notícias que envolvem mulheres são transmitidas pelo programa Alerta Nacional, assistimos a dez edições do policialesco através do canal da Rede TV! no *youtube*, que conta com 850 mil inscritos, em dias escolhidos aleatoriamente, desde a semana de estreia compreendida entre os dias 28 e 31 de janeiro de 2020, o feriado nacional de 21 de abril também de 2020, além dos dias 13 de agosto e 08 de dezembro do mesmo ano e já em 2021 optamos pelos dias 17 de fevereiro, 15 e 26 de março. Isso nos dá um espaço amostral diversificado e heterogêneo, que inclui todos os dias da semana e ainda um feriado nacional e outro considerado municipal em algumas cidades brasileiras, o que confere ainda mais fidedignidade à nossa pesquisa.

Apesar de nosso trabalho ser voltado para a televisão, nossa análise foi realizada através dessa plataforma virtual por três motivos principais: a praticidade em pausar os vídeos para que pudéssemos tomar nota de algo que chamou atenção, a flexibilidade para assistir a qualquer hora do dia ou da noite e, finalmente, porque a replicação é feita na íntegra.

Após, analisamos as transcrições de todos os programas assistidos, verificando as mensagens por ele veiculadas, separando as que têm as mulheres como protagonistas, sejam elas vítimas ou agressoras dos fatos narrados, e partir disso pudemos constatar semelhanças e diferenças em cada matéria, de onde emergiram as categorias, posteriormente elencadas.

Desse *corpus* coletado escolhemos ainda uma edição para nos debruçar mais detidamente a fim de dar exemplos da linguagem empregada pelo policialesco no tratamento das mulheres noticiadas, conformando assim o capítulo derradeiro onde está contida a análise do objeto empírico e os resultados práticos de nosso trabalho.

## 4.2 Análise de conteúdo

Para embasar nossa pesquisa, infere-se do que já foi dito, lançamos mão da análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977, p. 47) é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Apesar de à primeira vista este tipo de análise ser associada à pesquisa quantitativa graças à sua precedência positivista Comteana,<sup>16</sup> revelando um alto grau de

---

<sup>16</sup> Relativo a Auguste Comte, filósofo francês que criou a doutrina do positivismo.



objetividade, na pesquisa em Jornalismo, como nas demais pesquisas de cunho social, é impossível não empregar a abordagem qualitativa quanto à natureza da vertente metodológica.

E como bem elucidam Cláudia Lago e Marcia Benetti:

A tendência atual da análise de conteúdo desfavorece a dicotomia entre quantitativo e qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões de forma que os conteúdos manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo que se compreenda não somente o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (LAGO e BENETTI, 2010, p.126).

Compreendemos que a análise em questão almejou alcançar uma realidade social complexa em que o aspecto subjetivo se sobressai, não podendo ser simplesmente traduzida em números, como preceitua a abordagem quantitativa (DESLANDES, MINAYO, 2013).

Diferente do passado, as pesquisas em comunicação se voltam cada vez mais para as perspectivas qualitativas porque apresentam “como preocupação central descrições compreensões e interpretações dos fatos ao invés de medições” (MARTINS e TEÓPHILO, 2007, p.126).

Neste mesmo sentido assinala Marques de Melo:

A pesquisa em comunicação assume a natureza de campo interdisciplinar de estudos, envolvendo não apenas investigações linguísticas, educacionais, jornalísticas, cibernéticas etc. – ou seja, as pesquisas próprias das ciências da informação – mas englobando também em outras áreas das ciências humanas – sociológicas, psicológicas, históricas, antropológicas etc. (MELO, 2010, p.4)

Um dos principais recursos da pesquisa qualitativa é a descrição, sendo esta uma de suas características marcantes e vastamente utilizada na metodologia da investigação científica em Jornalismo, que tem como esteio a descrição detalhada de fenômenos, comportamentos; citações diretas de pessoas sobre suas experiências, trechos de documentos, registros, correspondências, gravações ou transcrições de entrevistas e

discursos, dados com maior riqueza de detalhes e profundidade, interações entre indivíduos, grupos e organizações (MARTINS e TEÓPHILO, 2007, p.137).

No que tange especificamente ao objeto da nossa pesquisa: o programa policial e, portanto, a televisão, há variada discussão sobre a complexidade deste:

Normalmente os textos televisuais são complexos, ou seja, seu conteúdo se expressa simultaneamente através de diferentes linguagens sonoras e visuais. De um lado tem-se a plástica da imagem – estilos de cenário, figurino, maquiagem, iluminação, enquadramento e, mesmo, modos de interpretação, De outro os elementos sonoros – o verbal, o musical, e as mixagens decorrentes do processo de edição. Constroem-se, dessa maneira, de forma intersemiótica, utilizando-se dessas linguagens em interação. (DUARTE, 2010, p.228).

Além disso, o hibridismo dos gêneros com diversas formas de discursos e sua constatare mudança também pode ser um fator que dificulta os estudos voltados para a televisão.

Com relação ao método de procedimento utilizamos o método dedutivo, partindo da contextualização teórico-metodológica do objeto, situando-o cientificamente em seu campo de conhecimento, depois demonstrando a interseção dos estudos de gênero com o próprio Jornalismo até chegarmos à discussão propriamente dita sobre como as mulheres são noticiadas pelos programas policiais, em especial pelo Alerta Nacional, refletindo, por conseguinte, também sobre as questões éticas que envolvem essa discussão.

Compreende-se do que já foi exposto que nossa pesquisa tem caráter exploratório, em que se utiliza o método de estudo de caso. Proposta metodológica definida como a investigação empírica de um fenômeno, que dificilmente pode ser isolado ou dissociado do seu contexto. (YIN, 2015). Ou seja, apesar de pinçarmos um objeto específico dentro de um vasto universo é impossível apartá-lo da realidade que o cerca, o que faz com que apenas o estudo dessa completude faça sentido para a pesquisa.

O processo de análise tem início com base no conteúdo das mensagens, contudo isso não impede que o conteúdo latente seja analisado, como já explicitado anteriormente. Atentando-se para o fato de que as mensagens são imbuídas de contextos sociais e

históricos, logo, a contextualização é um requisito básico para a execução desse procedimento.

Seguindo os ensinamentos de Bardin (1977), utilizamos as técnicas por ela elencadas, quais sejam: análise categorial, análise de avaliação, análise de enunciação, análise de expressão, análise de contingência, análise estrutural e, por fim a análise de discurso.

A produção de inferências é o “pano de fundo” da análise de conteúdo, posto que requer, pelo menos, uma comparação vinculada à alguma forma de teoria. De forma resumida: inicialmente, fizemos uma leitura flutuante das transcrições; em seguida, determinamos as unidades de registro e de contexto, que foram agrupadas em categorias temáticas definidas *a posteriori*, estas emergiram da análise do *corpus* coletado. Aliás, essa é uma das características da análise de conteúdo: a flexibilidade metodológica que permite ao pesquisador escolher a melhor forma de trabalhar com os dados obtidos.

### 4.3 Categorização

Conforme dito anteriormente, as categorias oriundas desta pesquisa foram sendo desenvolvidas a partir do momento que tivemos contato e aprofundamento com os dados coletados. Aprioristicamente, partindo dos pressupostos que conhecemos já imaginávamos por onde seríamos levados, mas foi a partir da leitura das transcrições que pudemos comparar os materiais, verificar similitudes e diferenças, constatar os padrões que se repetiam, e confrontar com os nossos objetivos para que um a um cada grupo de investigação fosse consolidado.

São sete categorias que contemplam fatores eminentemente objetivos e também que levantam discussões subjetivas, todavia, as quais somos capazes de avaliar objetivamente, utilizando critérios neutros.

A primeira delas é a mais patente, a contabilização do número de matérias que noticiam mulheres, posto que em um vasto ambiente que é o policialesco precisávamos

antes de tudo verificar sobre quais narrativas precisamos nos deter. De posse dessa informação, surge então a segunda categoria que é a divisão dos papéis de atuação dessas mulheres retratadas no noticiário, se elas seriam as vítimas ou seriam agentes ativas dos fatos criminosos, o certo é que elas seriam as protagonistas das histórias, independente de qual lado estariam.

Em seguida, em razão mesmo do curso em que foi seguindo nossa pesquisa a partir de nossa escolha epistemológica pelo uso do termo mulheres, que será melhor explanado no capítulo seguinte, decidimos também privilegiar a pluralidade que contem a palavra em si e verificar o que os dados seriam capazes de nos revelar sobre as mulheres negras e as que fazem parte da comunidade LGBT<sup>17</sup>+, contrapondo, inclusive, com fatores da segunda categoria.

Outro critério objetivo foi o de duração das matérias, através do qual pretendemos demonstrar o grau de importância dado ao assunto tratado pelo Telejornal Policial e pelo apresentador.

Já a dimensão subjetiva da análise dos dados ficou por conta das últimas três categorias, quais sejam: elementos desqualificadores, oportunidade de fala e função social. Nesta primeira, buscamos no discurso do telejornal e, especialmente, do apresentador, seja na linguagem falada ou na gestual, substância para a premissa de que o discurso policiaisco é carregado de desrespeito e discriminação pelas mulheres; a segunda é a tentativa de deixar incontestado que as mulheres não têm voz neste tipo de imprensa; por fim, nesta terceira nosso objetivo foi verificar se este tipo de jornalismo presta algum serviço à sociedade e é capaz de cumprir sua função social, principalmente no que diz respeito a causa das mulheres sobre igualdade e combate à violência.

Sequencialmente e para melhor visualização as categorias foram elencadas da seguinte forma:

- a) Matérias sobre mulheres
- b) Papel das mulheres na notícia

---

<sup>17</sup> Optamos pela sigla LGBT+ por entendermos que as categorias estão em constante discussão e movimento, querendo assim contemplar todas.

- c) Minoria dentro da minoria
- d) Tempo de duração das matérias
- e) Elementos desqualificadores
- f) Oportunidade de fala
- g) Função social

Destarte, com base em tudo o que pôde ser observado com a categorização dos dados coletados pudemos fazer nossas inferências e chegar aos resultados de nosso estudo convictos de que a análise de conteúdo é um importante instrumento para a discussão dos elementos postos em xeque.

## 5 DELINEAMENTO DO OBJETO EMPÍRICO

Neste capítulo, como o próprio título já anuncia, faremos uma observação mais acurada do nosso objeto empírico, o Telejornal Policial Alerta Nacional. De maneira mais geral, falaremos sobre as suas características de forma e de conteúdo, também trataremos sobre sua estreia, já que este foi um dos motivos que nos fez escolhe-lo para esta análise, traremos ainda algumas informações sobre o apresentador e sobre sua postura polêmica e, de maneira mais particular, nos debruçaremos sobre uma edição específica a fim de trazer exemplos de como a mulher é tratada no noticiário do policiaisco.

Para isso escolhemos a edição transmitido no dia 21 de abril de 2020 porque neste dia o apresentador mais uma vez foi parar em primeiro lugar no *trending topics* Brasil do *Twitter* em razão de uma fala misógina que mobilizou diversos movimentos feministas pelo país afora.

Entretanto, para demonstrar a análise de conteúdo propriamente dita nos utilizamos do quantitativo de matérias relacionadas as mulheres durante os dez dias de estudos, trazendo dados como a quantidade de mulheres noticiadas, quantas delas são brancas, negras ou fazem parte do grupo LGBT, quando for possível estimar estas informações, também verificamos qual o papel das mulheres nas matérias, se de vítima, agressora ou coadjuvante, se a elas foi dada voz, e ainda, em quais matérias o apresentador prestou sua função social e em quais matérias ele utilizou palavras pejorativas, ironia, gestos obscenos ou quaisquer artifícios que desqualifiquem as mulheres.

A análise foi feita em dias aleatórios, variando de segunda à sexta-feira, dias em que é veiculado o programa, escolhidos para manter a diversidade da amostragem, inclusive, com um dia em que é feriado nacional, além da semana de estreia, que fora selecionada por este motivo mesmo. Tentamos demonstrar assim a idoneidade de nossa pesquisa e a linearidade ou não do objeto estudado.

### 5.1 “O coroa chegou para todo mundo ver”: estreia

O programa Alerta Nacional estreou no dia 28 de janeiro de 2020 para todo o país e, como já mencionado em oportunidade anterior, é a derivação de sua versão local transmitida no Estado do Amazonas, chamado Alerta Amazonas e apresentado por Sikêra Júnior, através da TV A Crítica, afiliada amazonense da Rede TV.

Devido a sua grande audiência, que chegou a ultrapassar diversas vezes a Globo em horário nobre, a emissora decidiu transformá-lo em uma atração nacional (OBSERVATÓRIO DA TV, 2020).<sup>18</sup>e, por exigência do próprio apresentador, é veiculado do Estado do Amazonas e não da sede da Rede TV!, que fica em Osasco São Paulo, sendo o primeiro telejornalístico brasileiro exibido a partir da Região Norte.

Neste mesmo dia, o Telejornal triplicou a audiência da Rede TV, recebendo o horário com apenas 0,1 ponto e o elevando, em menos de dez minutos, para 1,0 ponto e o entregando para o Jornal Rede TV! News, considerado tradicional para os padrões, com 1,7 ponto, segundo dados do Ibope<sup>19</sup>. Em comparação ao programa Tricotando, que ocupava o seu espaço no horário anteriormente, o Alerta Nacional aumentou a audiência da emissora em 200 %, conseguindo retirar a emissora do traço<sup>20</sup> em apenas algumas semanas.

O programa também embolsou em sua estreia o primeiro lugar nos *trending topics* Brasil no *twitter* e terceiro, no mundo, sucesso constatado também em número de visualizações em plataformas digitais como o *youtube*, cerca de 130 mil, *facebook*, algo em torno de 170 mil (OBSERVATÓRIO DA TV, 2020), dados extremamente positivos e comemorados em se tratando de Rede TV!, uma emissora relativamente nova e sem tradição em telejornalismo.

No dia de sua estreia o Alerta Nacional exibiu dezessete matérias de nove Estados distintos do país e em alguns casos o apresentador se valeu de links ao vivo para

---

<sup>18</sup> Site especializado em comentar conteúdos da televisão. Disponível em <[observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/fenomeno-em-manaus-sikera-jr-vence-globo-por-ate-10-pontos-de-diferenca-no-ibope-veja-numeros](http://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/fenomeno-em-manaus-sikera-jr-vence-globo-por-ate-10-pontos-de-diferenca-no-ibope-veja-numeros)> Acesso em: 10 de fevereiro de 2020

<sup>19</sup> empresa de mensuração de audiência e investimento publicitário.

<sup>20</sup> Quando a audiência não chega a um ponto.

comentá-las junto aos repórteres que as estavam apresentando. Sikêra Júnior também falou ao vivo com uma repórter que fazia um sobrevoo em São Paulo fazendo imagens aéreas da cidade.

Também neste dia o apresentador já deixou clara a tônica de seu programa com relação às mulheres quando comentou uma matéria sobre uma jovem de 22 anos que levava vários objetos não permitidos amarrados ao corpo para dentro de um presídio em Minas Gerais:

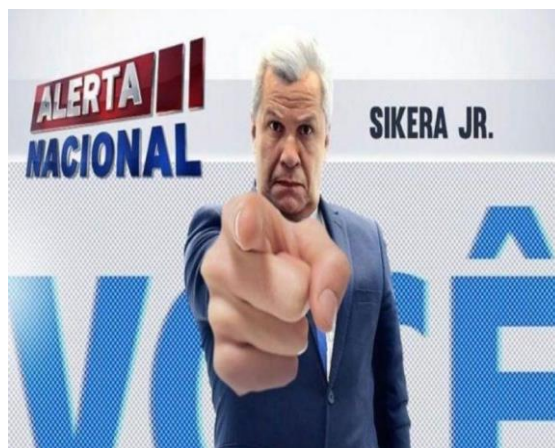
*Olha o martelo, é um martelo aquilo, né gente? É um martelo, é. Tinha um facão também enfiado do outro lado ali. Deixa pra lá, deixa pra lá. Uma moça tão bonita! Olha o corpo da moça! Isso é coisa que... a mulher que se passa por um negócio desse, eu vou te falar! A mulher que se passa por um negócio desse. Isso é o que? Isso é falta de homem no mundo, é? Tá se acabando, é?*

As palavras proferidas acima foram ditas com tom jocoso e sob as risadas do elenco, com um tom de revolta questionável, Sikêra Júnior ainda aponta para a imagem da mulher no telão elogiando o corpo e a beleza dela, vociferando sua indignação ao imaginar a tristeza dos pais dela em vê-la em tal situação por causa de homem, assim ele interpreta.

A foto abaixo foi utilizada para anunciar a estreia nacional do programa e já diz muito sobre a natureza dele. O apresentador com o dedo indicador apontado revela a sua inclinação em não apenas contar os fatos, mas em julgá-los, característica também reforçada pela expressão sisuda, gestos que o elevam ao patamar de quem está acima do bem e do mal e não daquele que noticia um fato.



Figura 1. Foto do anúncio da estreia do programa



Fonte: Site da Rede Tv!<sup>21</sup>

O dedo indicador é invariável, quando não literal ele é apontado metaforicamente no discurso do apresentador, que é um entusiasta da truculência policial e da justiça com as próprias mãos e ao que parece não é muito fã da liberdade sexual e de gênero.

## 5.2 “A notícia de um jeito que você nunca viu”: características

Os telejornais policiais têm um padrão próprio que os difere dos telejornais tradicionais como já fizemos menção no capítulo primeiro. Neste tópico vamos esmiuçar as características que conseguimos depreender através de nossa observação do programa, sejam elas de forma ou de conteúdo.

Com relação ao tempo, o Alerta Nacional tem duração média de 1 hora e meia, começando às 18h e terminando por volta das 19h30min, é dividido em quatro blocos com uma média de 20 a 22 minutos.

No que diz respeito ao formato, o apresentador fica o tempo todo de pé, não fazendo uso de bancadas, como acontece nos telejornais tradicionais, o que dá um ar de informalidade. Para narrar as notícias e fazer seus comentários ele se utiliza de um telão que ao mesmo tempo em que veicula as imagens da matéria tratada para que ele tome

<sup>21</sup> Disponível em <[redetv.uol.com.br](http://redetv.uol.com.br)> Acesso em: 12 de fevereiro de 2020.

conhecimento naquele momento, também serve para que ele se comunique eventualmente com algum de seus repórteres que esteja ao vivo e que estão distribuídos em todos os Estados do país.

O tom jocoso do programa se deve não apenas a abordagem de Sikera Júnior ao narrar os fatos, mas também ao elenco que compõe com ele o programa, entre eles: Toalha Podre, Tommy Gretchen, Michele Obama, Jumento Órfão, Samurai, Bob Noia, Zé Ressaca. Estes integrantes que fazem parte da produção, alguns são cinegrafistas, acumulam também os papéis de comentar as matérias, fazer coro de piadas quando solicitado pelo apresentador e também participar de desafios semanais lançados por Sikêra Júnior sempre com temática cômica e por vezes humilhantes.

O conteúdo do programa, como já se presume é eminentemente formado por notícias de fatos policiais, mas também fatos curiosos, bizarrices e ocasionalmente política, já que o apresentador Sikêra Júnior não faz questão de esconder seu apoio e sua amizade pessoal com o Presidente Jair Bolsonaro, veiculando muitas vezes em seu programa notícias sobre inauguração de obras do Governo, visitas do Presidente ou de sua comitiva aos Estados do Norte, até comentários sobre a saúde dos integrantes da família Bolsonaro.

Ao dar início ao programa Sikêra Júnior faz uma saudação, repetida todos os dias, em que ele convoca os cidadãos corajosos como ele, cita Jesus e faz uma breve oração com palavras estranhas ao meio religioso:

*Saudações aos que tem coragem, aos que estão aqui para qualquer viagem e aconteça o que acontecer, a vida tem que continuar. Olá humanos, muito boa noite, meu nome é Sikêra Junior, este é o Alerta Nacional, aqui da TV A Crítica REDETV, para todo o Brasil! E é no início do programa que eu peço ao meu Senhor Jesus Cristo que te ilumine e te proteja e que te livre do mal e que ele blinde sua casa e sua família, seu estabelecimento comercial contra tudo que é ruim: a falência, a desgraça a inveja, a fofoca, as mentiras, as pragas, os comuna safado, maconheiro, distante da sua casa, distante de você. Amém? (Amém!) Vamos começar essa bagaça? (Vamos!)*

Este já é o prenúncio do que o telespectador vai encontrar pela frente: valentia, julgamentos, comédia e menção ao divino, uma fórmula que vem dando certo não apenas com ele, mas há muitos anos no Brasil, consoante verificamos ainda no primeiro capítulo.

Para melhor ilustrar o teor das matérias veiculadas durante os dez dias de análise do Telejornal Policial criamos o quadro abaixo. A nível de complementação dividimos em sete assuntos principais, quais sejam: crimes contra o patrimônio, drogas, feminicídio, homicídio, prisões e ações da polícia, violência sexual e outros.

Quando tratamos de crimes contra o patrimônio estamos nos referindo a roubos e furtos, isto significa dizer com ou sem o emprego de violência respectivamente; quanto à drogas, incluímos tudo o que se relaciona a entorpecentes, tráfico e também uso para consumo; feminicídio que são os homicídios, tentados ou consumados, praticados contra a mulher pelo simples fato de ser mulher; o homicídio, sendo ele tentado ou consumado; prisões e ações da polícia que é auto explicativo, abrangendo tudo o que a polícia, seja militar ou judiciária, faz para reprimir ou prevenir o crime; violência sexual que diz respeito a todo o tipo crime com conotação sexual, seja estupro ou mesmo pornografia virtual; por fim, a categoria outros em que incluímos os assuntos mais diversificados, desde acidente de trânsito a maus tratos a animais.

Como se pode aferir da observação do quadro, o número de matérias exibidas varia de programa para programa, o que na prática e de acordo como nossa observação, significa dizer que sendo o tempo do telejornal o mesmo todos os dias o que vai garantir essa variação é a importância que o apresentador vai dando para os temas, o quanto ele comenta sobre cada matéria ou ainda eventualmente, as brincadeiras que ela faz com seu elenco durante o policialesco.

Também a partir da figura é possível verificar uma constante nos assuntos das matérias veiculadas, o que mantém o programa sempre em uma mesma linha de edição.

Quadro 1: Assuntos veiculados

ASSUNTOS VEICULADOS								
DATAS	CRIM ES CONT RA PATRI MÔNIO	D R O G A S	F E M I N I C Í D I O	H O M I C Í D I O	PRISÕES E AÇÕES DA POLÍCIA	VIOLÊNCIA SEXUAL	O U T R O S	TOTAL
28/01/2020	3	3	0	3	0	0	8	17
29/01/2020	1	1	2	3	1	1	7	16
30/01/2020	3	2	2	2	2	1	5	17
31/01/2020	3	2	0	4	2	1	3	13
21/04/2020	4	1	1	7	2	1	1	17
13/08/2020	0	1	0	4	3	1	4	13
08/12/2020	1	1	2	3	1	1	2	11
17/02/2021	2	0	0	3	1	3	5	14
26/03/2021	1	2	0	1	2	0	5	11

Fonte: elaboração própria

### 5.3 “O apresentador mais louco do Brasil”

José Siqueira Barros Júnior, conhecido no meio televisivo como Sikêra Júnior, começou sua carreira no Rádio quando ainda tinha 14 anos, iniciou na televisão nos anos 2000 como repórter e em 2012 assumiu a apresentação do Programa Plantão Alagoas e

desde então essa tem sido sua função na TV, passando por várias emissoras e vários Estados da Federação.

Ele também se autodenomina como “coroa”, afirmando-se muitas vezes como um velho, no sentido de quem é sábio porque tem a experiência de quem já viveu o bastante, o que lhe dá o direito de julgar e até fazer conjecturas durante as matérias, abaixo segue um trecho da música escrita em sua homenagem que demonstram bem a sua postura e também a natureza do telejornal:

O coroa chegou para todo mundo ver  
 Com o Alerta Nacional aqui na RedeTV  
 A notícia de um jeito que você nunca viu  
 Com o apresentador mais louco do Brasil!  
 Informação? Tem!  
 Tem alegria? Tem!  
 Tem o elenco mais querido do Brasil!  
 Um programa dedicado a família tradicional  
 Está no ar o Alerta Nacional!  
 Fala, coroa!  
**(Composição: Nino de Paula)**

Sua carreira ganhou visibilidade a partir de um comentário feito em 2016 em que ele previa a morte de todos os usuários de drogas antes do natal daquele ano: *“Você, que fuma maconha. Você vai morrer antes do Natal. Você, maconheiro, não vai ver Papai Noel, não vai ver árvore de Natal. Vai para o inferno!”*. O vídeo deste programa tornou-se um viral<sup>22</sup> que é compartilhado até hoje e foi o responsável em dar alcance nacional a sua imagem.

Em 2018 Sikêra aceitou a proposta da TV Arapuã, afiliada da Rede TV! em João Pessoa para trabalhar na capital paraibana, onde se envolveu em mais polêmicas, dessas vez de cunho misógino e racista.

Na oportunidade o apresentador estava narrando um crime de tráfico de drogas supostamente cometido por uma mulher em um presídio masculino, quando mostrou as imagens da suspeita no telão sendo presa fazendo comentários racistas quanto as características físicas dela e ainda atingiu a todas as mulheres de maneira generalizada com o seguinte comentário: "Mulher que não pinta a unha é sebosa".

---

<sup>22</sup> Conteúdo bastante visualizado e comentado na internet

Em resposta, vários movimentos feministas, entre eles o Articulação de mulheres brasileiras e Mulheres em luta, fizeram um protesto em frente a sede da empresa de televisão solicitando a demissão imediata de Sikêra. Em nota a TV Arapuã pediu desculpas pelo ocorrido:

As ideias expressas no programa 'Cidade em Ação', conduzido por Sikera Junior, refletem o pensamento do apresentador --e a despeito de estar sempre atento às responsabilidades que lhes são atribuídas sobre todos os temas abordados em seus produtos jornalísticos, o Sistema Arapuan não necessariamente comunga com os valores defendidos por seus profissionais -- cujas ideias jamais são tolhidas em respeito a um princípio inalienável: o direito de expressão livre e plural. Pedimos sinceras desculpas a todos que se sentiram ofendidos e reafirmamos nosso compromisso com a Paraíba e com os paraibanos. (SITE UOL, 09/06/2018)<sup>23</sup>

Figura 2 - Movimentos Feministas em frente à TV Arapuã



Fonte: Site UOL (2018)

O comentário machista lhe rendeu, inclusive, uma ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal - MPF pedindo a condenação do apresentador em dano

<sup>23</sup> Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/09/mulheres-protestam-contr-o-apresentador-sikera-junior-em-emissora-de-tv.htm>

moral coletivo por seu discurso de ódio ao sexo feminino no valor de 200 mil reais para a vítima direta e 2 milhões de reais para serem destinados a entidades feministas ou de proteção aos Direitos Humanos, além de sua retratação pública sobre o fato.

No ano seguinte Sikêra deixou a Paraíba para se mudar para o Norte do país, onde passou a apresentar o Alerta Amazonas, que diante do sucesso de audiência tornou-se o Alerta Nacional logo no início de 2020, com abrangência em todo país, mas não livre de polêmicas.

Em 25 de junho deste ano o apresentador repercutiu mais uma vez negativamente na internet quando se referiu aos homossexuais como “raça desgraçada” e atribuindo a esta classe a práticas de crimes e uso de drogas, a partir de um comentário sobre um comercial da rede de *fast food* Burger King que enfatizava sobre como a diversidade sexual é apreendida por crianças: “*Vocês são nojentos. A gente está calado, engolindo essa raça desgraçada, mas vai chegar um momento que vamos ter que fazer um barulho maior. O comercial é podre, nojento. Isso não é conversa para criança*”,

Por este motivo Sikêra Júnior tornou-se réu em mais uma ação civil pública ajuizada pelo MPF, dessa vez acusado de disseminar discurso de ódio contra os homossexuais, cujo valor do pedido da condenação é de dez milhões de reais a serem investidos no desenvolvimento de centros de cidadania LGBT+.

Também em razão de seu comentário homofóbico o apresentador chegou a perder vinte e quatro patrocinadores locais e nacionais em apenas uma semana, entre eles o MAGALU, a construtora MRV, a rede telefonia móvel TIM, a Amazon Gás, entre outras, sem falar na retirada por centenas de empresas dos anúncios automáticos que aparecem nas exibições de vídeos do Youtube que também foram retirados por, graças aos esforços do movimento *Sleeping Giants* Brasil<sup>24</sup> chamado de #DESMONETIZASIKERA.

---

<sup>24</sup> Movimento de consumidores contra o financiamento do discurso de ódio e da desinformação através da internet.

Figura 3 – Perda de patrocínio



Fonte: captura de tela do perfil<sup>25</sup>

Figura 4 – Retirada de anúncios automáticos do youtube



Fonte: captura de tela do perfil

<sup>25</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CO2Dvquijv/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=91b0effd-a97c-4d76-8196-5e14c26f5b7b](https://www.instagram.com/p/CO2Dvquijv/?utm_source=ig_embed&ig_rid=91b0effd-a97c-4d76-8196-5e14c26f5b7b)



As postagens acima demonstram a preocupação da sociedade com o que é veiculado pela mídia, discursos preconceituosos não passam mais ilesos pelo filtro social cada vez mais consciente de seus direitos.

#### **5.4 “Está no ar o Alerta Nacional”: análise propriamente dita**

Para esta pesquisa analisamos a transcrição de dez edições do Telejornal Policial Alerta Nacional em um período que varia entre início de 2020 e primeiro trimestre de 2021, incluindo a semana de estreia, compreendida entre os dias 28 a 31 de janeiro de 2020 e outros seis dias escolhidos aleatoriamente quais sejam: 21 de abril, 13 de agosto, 8 de dezembro, todos de 2020 e ainda 17 de fevereiro e 15 e 26 de março, de 2021.

Acreditamos que a escolha aleatória contribui para a heterogeneidade e fidedignidade de nosso estudo, posto que abarcamos dias variados entre segunda a sexta-feira, incluindo um feriado, como também cremos ser suficiente para chegarmos ao resultado pretendido que é a reflexão sobre como as mulheres são noticiadas no policalesco.

Durante este período pudemos observar a exibição de 150 matérias oriundas de vinte e um dos vinte e sete Estados da Federação, contemplando todas as regiões do país.

Neste diapasão, decidimos quantificar o número de mulheres noticiadas, se elas são suspeitas ou vítimas; a cor e a orientação sexual delas, quando é possível saber; também quantificamos em quais matérias há comentários ou gestos pejorativos que desqualifiquem as mulheres; em quais matérias o apresentador informa ou ajuda a sociedade de alguma maneira com respeito à dignidade e a erradicação da discriminação das mulheres.

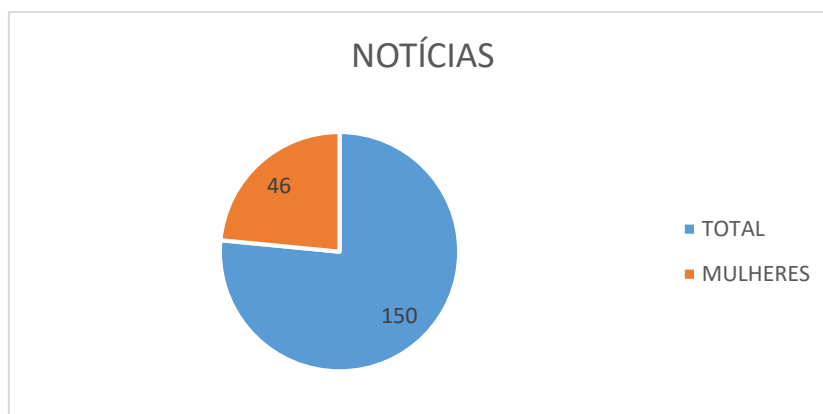
##### **a) Matérias sobre mulheres**

Nesta categoria fizemos a quantificação de matérias que tratam as mulheres como protagonistas da notícia, sejam elas autoras da ação delituosa ou vítimas, excluindo de nossa análise as reportagens em que as mulheres cumprem o papel de coadjuvantes

neste contexto como por exemplos fontes oficiais como delegadas ou médicas, por ventura ouvidas, ou ainda, as próprias repórteres que trabalham na construção das notícias.

Deste modo, temos a elaboração do gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Quantitativo de matérias



Fonte: elaboração própria (2021)

Das cento e cinquenta matérias veiculadas pelo Alerta Nacional, quarenta e seis traziam mulheres como centro da discussão, das quais todas se relacionavam com violência.

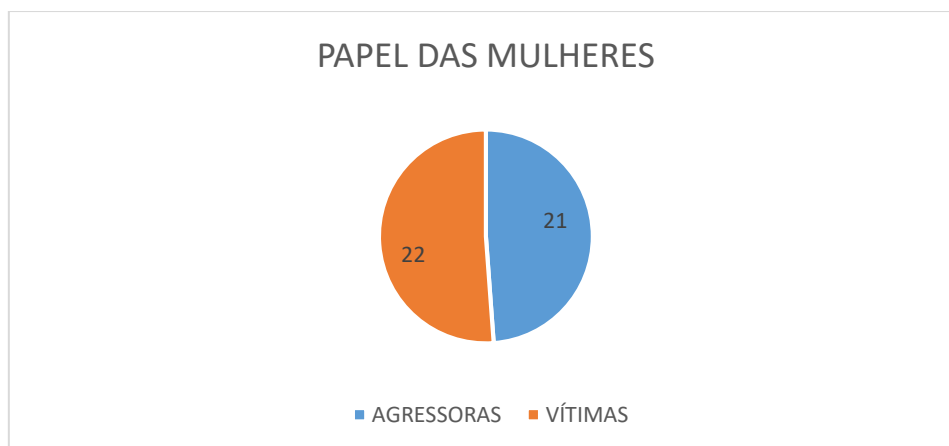
#### b) Papel das mulheres na notícia

Analisamos ainda quantas dessas mulheres noticiadas pelo Telejornal Policial são sujeitos ativos dos crimes e quantas são vítimas, não apenas as que dizem respeito à violência doméstica ou a condição de mulher, como é o caso do feminicídio, mas relativa a todo tipo de ação criminosa. Para esta categoria utilizaremos as nomenclaturas de vítima e de agressora. Importante frisar que em algumas reportagens as mulheres não foram enquadradas nem em uma ou em outra categoria, ainda que do ponto de vista macro: a violência simbólica, todas sejam vítimas o que, por si só, já justifica a quantificação. E

que em alguns casos, elas acabam assumindo os dois papéis ao mesmo tempo: de agressora e de vítima.

Para melhor ilustrar criamos o seguinte gráfico:

Gráfico 5 – Papel das mulheres

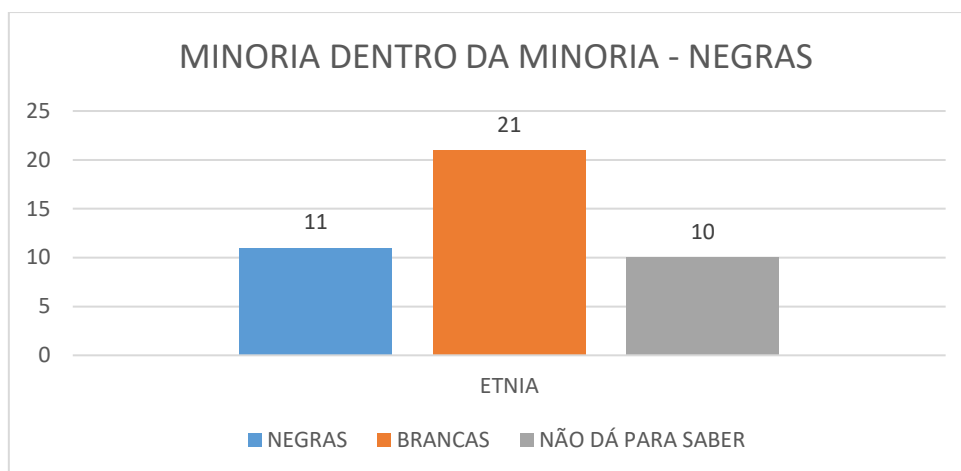


Fonte: elaboração própria (2021)

### c) Minoria dentro da minoria

Em razão de nossa opção por abordar em nosso estudo as mulheres com toda a pluralidade que envolve este conceito, como já explanado em momento anterior, criamos a presente categoria como forma de contemplar as variáveis que conformam uma minoria dentro da própria minoria, quais sejam: negras e homossexuais. Ressaltando que não é totalidade das matérias em que pudemos aferir tais características, seja em razão da não exibição da imagem ou do silêncio do texto do apresentador ou repórteres a este respeito.

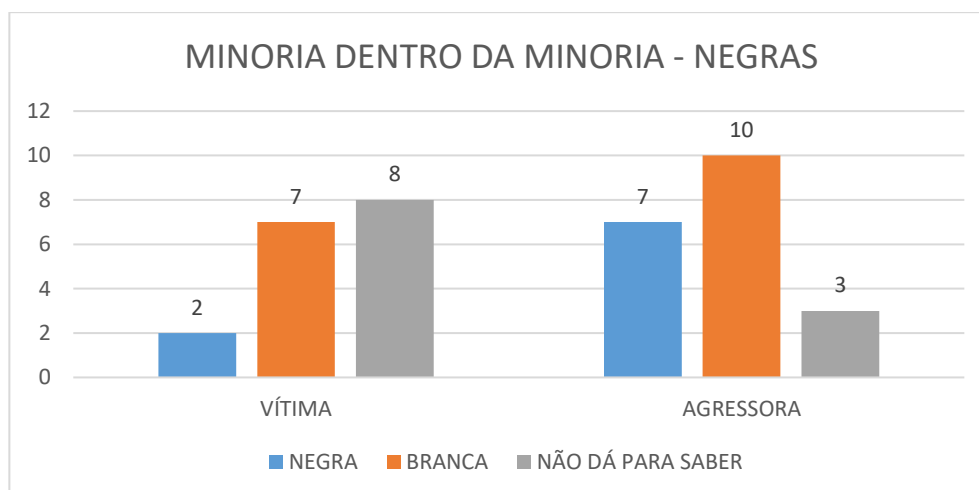
Gráfico 6 – Minoria negra



Fonte: elaboração própria (2021)

No gráfico acima fica demonstrado que a maioria das mulheres noticiadas pelo Alerta Nacional é branca. Para ter uma melhor ideia sobre qual dos dois papéis elas ocupam, se de vítimas ou agressoras, representamos os dados da seguinte maneira:

Gráfico 7 – Minoria negra e seu papel nas matérias

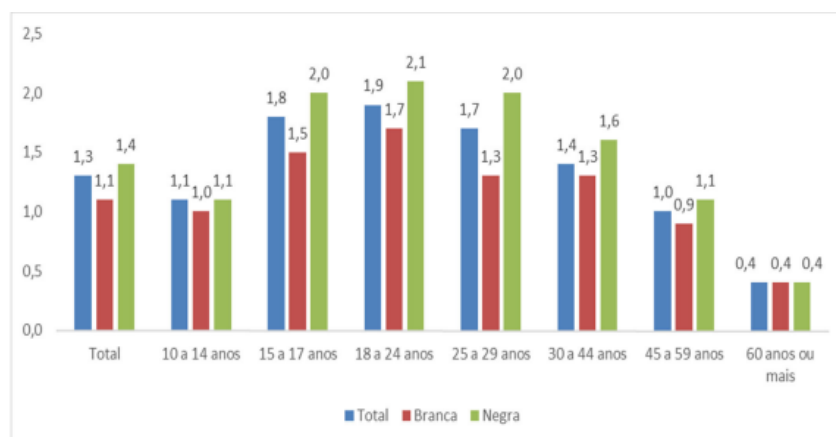


Fonte: elaboração própria

Dos dados coletados podemos inferir que quando nos referimos a vítimas uma pequena parcela delas é negra, sendo branca a imensa maioria, já no que diz respeito a agressoras há quase um empate no número de mulheres brancas e negras que exercem tais papéis.

Indo de encontro aos estudos do IPEA que demonstram que a proporção de mulheres negras que sofre agressão é sempre maior que a de mulheres brancas em praticamente todas as faixas etárias comparadas conforme se depreende do gráfico abaixo elaborado por aquele Instituto, o que só evidencia o quanto esta categoria de mulheres é vulnerável e o quanto isso não é retratado pela mídia, em nosso caso específico pelo Telejornal Policial, objeto de nossa pesquisa.

Gráfico 8: Dados do IPEA

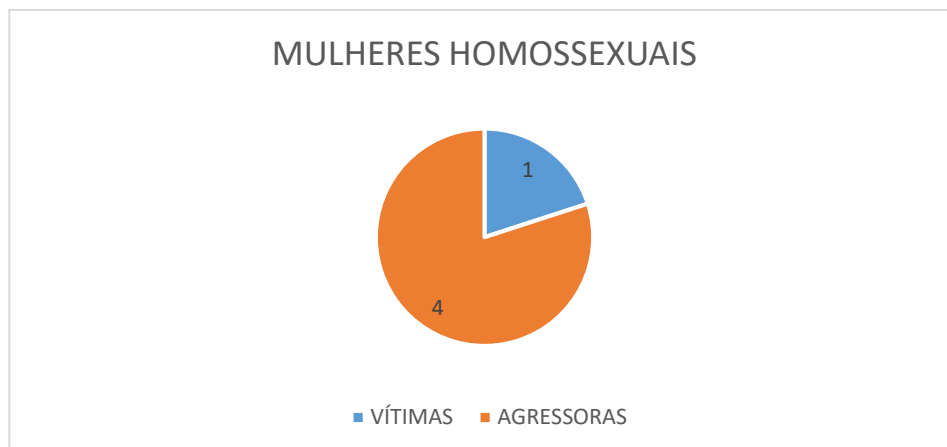


Fonte: IBGE/Pnad – Suplemento Vitimização e Justiça – disponíveis em Ipea/ Retrato das desigualdades de gênero e raça

No que tange os dados relativos as mulheres homossexuais preferimos relacioná-los ao quesito vítimas e agressoras como acabamos de fazer acima, por entendermos que a orientação sexual é uma característica que não está necessariamente ligada ao aspecto físico do ser humano e, portanto, as afirmações baseadas apenas neste aspecto descredibilizariam nossa pesquisa.

Dessa forma, os dados que reproduzimos através do gráfico abaixo são de mulheres homossexuais que figuraram nas notícias veiculadas pelo Alerta Nacional, na condição de autoras da violência ou sujeito passivo dela. E como podemos observar a maioria das notícias tratadas é sobre agressoras.

Gráfico 9 – Minoria homossexual



Fonte: elaboração própria (2021)

Informações que também não traduzem a realidade do país levando-se em consideração o número alarmante de 225 casos de violência contra mulheres homossexuais por dia, segundo dados recentes do Governo Federal avaliados pelo movimento independente Gênero e Número.

#### d) Tempo de duração das matérias

Aqui podemos enxergar o tamanho das matérias que trazem as mulheres como notícia, que em sua maioria tem duração maior que dois minutos e menor que cinco minutos, ficando em segundo lugar as notícias entre cinco e sete minutos, seguida pelas maiores de sete e menores de dez minutos e em último lugar as reportagens com mais de dez minutos.

Como podemos verificar da coleta de dados, nenhuma das notícias veiculadas que aborda as mulheres é inferior a dois minutos, o que em televisão é um tempo relevante. Todavia, este tempo precioso não é gasto com investigação sobre os fatos ou informações importantes acerca do fenômeno social: violência contra a mulher, por exemplo. Ele é despendido com comentários muitas vezes machistas, brincadeiras de mau gosto e repetições de informações que em nada acrescentam à informação só trazem mais

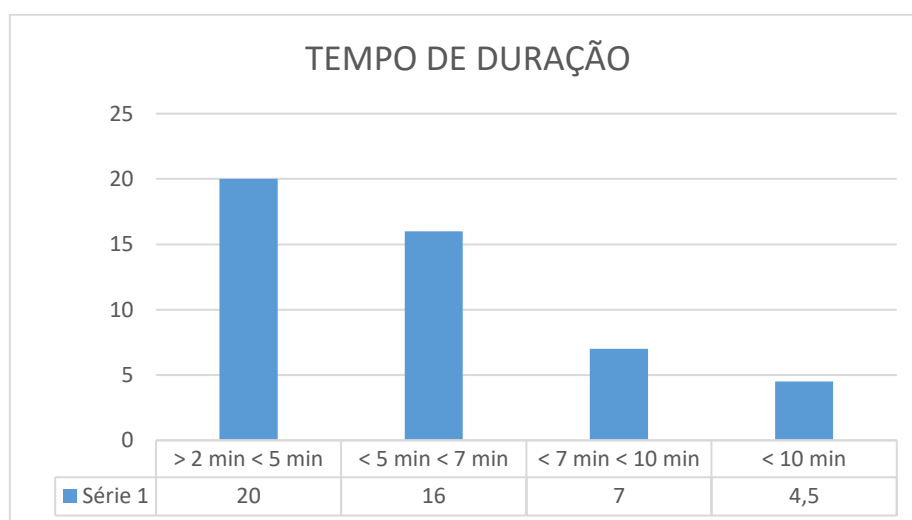
dor e sofrimento às mulheres e suas famílias, como podemos inferir do exemplo abaixo, transcrição retirada do programa exibido no dia 08 de dezembro de 2020:

*(...)E o que mais chama atenção nesse caso, Sikêra, é que a perícia confirmou que ele dilacerou a parte íntima dela com alicate e ainda fez um corte, no formato de X em uma das pernas dela.*

*(...) Coisa feia dessa! Aí ele vivia morrendo de ciúmes, ela é linda pra (sic) ele! Linda! Uma mulher linda essa moça! Bela! A menina é bela! Aí se agarra com uma peste dessas. Uma coisa feia dessas! Ele morre de ciúmes, o quê que ele fez? Ele dilacerou as partes íntimas dele com um alicate. Com um alicate! Ele disse que estava estressado. E por que ele não pegou o alicate e arrancou o pinto dele?*

*(...)Ele arrancou as partes íntimas dela com um alicate! Oh rapaz, boa sorte, viu? Boa sorte pra você no presídio. Cabra safado, ói, cabra safado (sic). Correu pra casa do irmão advogado, é o besta!*

Gráfico 10 – Tempo de duração das matérias



Fonte: elaboração própria (2021)

#### e) Elementos desqualificadores

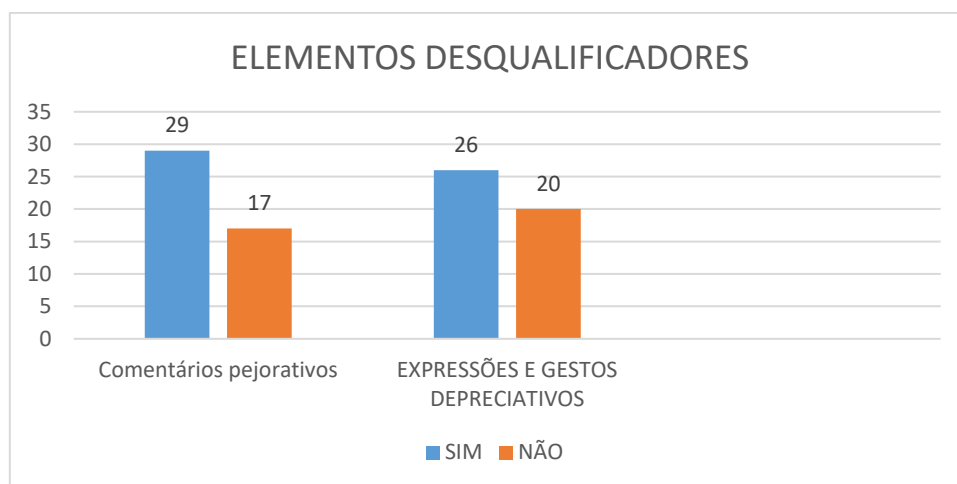
Nesta categoria procuramos analisar em quantas matérias o apresentador ou mesmo os repórteres fazem algum tipo de comentário pejorativo ou façam algum gesto ou expressão facial que de alguma forma tente desqualificar as mulheres, seja na condição de vítima ou de agressora.

Das quarenta e seis matérias que envolveram mulheres, em vinte e nove foram feitos comentários que depreciam a sua imagem, isto dá uma porcentagem de 63%,

independentemente de serem agressoras ou vítimas. Algumas vezes o crime cometido contra elas é justificado por sua própria ação, como se elas dessem causa ao ato do criminoso, como na passagem do dia 30 de janeiro de 2020, em que o apresentador profere as seguintes palavras a respeito de um crime de feminicídio:

*Tem mulher que se agarra com vagabundo, eu não sei que prazer é esse! A menina nova se agarrar com vagabundo (...) Aí essas meninas bonitas se encantam com essas desgraças, olha, uma moça dessas! Uma moça dessas era pra tá (sic) trabalhando num shopping, não é? Numa loja de roupas, bacana, sendo uma modelo! Mas se agarrou com quem?*

Gráfico 11 – Elementos que desqualificam as mulheres



Fonte: elaboração própria (2021)

Um fator importante e que merece ser ressaltado é muitas o discurso discriminatório não direcionado apenas a mulher que está sendo noticiada em determinada ocasião, mas ele também é direcionado para a generalidade das mulheres ou até para grupos específicos, como no trecho abaixo exibido no dia 21 de abril de 2020 em que o apresentador reforça os estereótipos relacionados às feministas que defendem a legalização do aborto:



*Ainda vem umas preguiçosas aí, "Não, porque a legislação do aborto...". Olhe, você deu sorte porque sua mãe não lhe abortou! Porque falar "não, porque nesse momento a legislação, o aborto...". Você deu sorte que sua mãe não lhe abortou! Você teve sorte! Você que fala em aborto é a primeira a proteger tartaruga, não quero nem conversa com você! Vá tomar banho, vá! Sai de perto de mim. Quando chegar esse papo perto de você, faça assim oh: (Ele abana o nariz fazendo sinal de mau cheiro) - Mande tomar banho! Vá raspar esse sovaco pra lá, vá! (sic) Faça assim, vá por mim, não tenha medo não. Psiu, Brasil perca o medo, viu? Perca o medo, acabou isso, viu Brasil? Acabô! (sic) Não tem mais, hein Brasil, não tem mais, acabou esse medo... "É um grupo, é um núcleo, é um movimento...". Movimento é um cacete! (sic) Se me respeitar recebe respeito, se me respeitar recebe respeito! Não me respeitou? Vai a merda! (sic). Essa desgraça aqui, quem quer? Quem quer levar pra casa? Ninguém!*

Enquanto discurso imagético as expressões e os gestos do apresentador revelam o que muitas vezes a palavra falada não mostra, mas têm o mesmo teor nocivo ou até pior, muitas vezes ligada a conotação sexual e de objetificação do corpo das mulheres, reduzindo-lhe a condição de coisa e atacando frontalmente a sua dignidade.

Figura 5 – Imagem da prisão de uma mulher



Fonte: captura de tela <https://www.youtube.com/watch?v=L7Ynu7oq4K0> (2020)

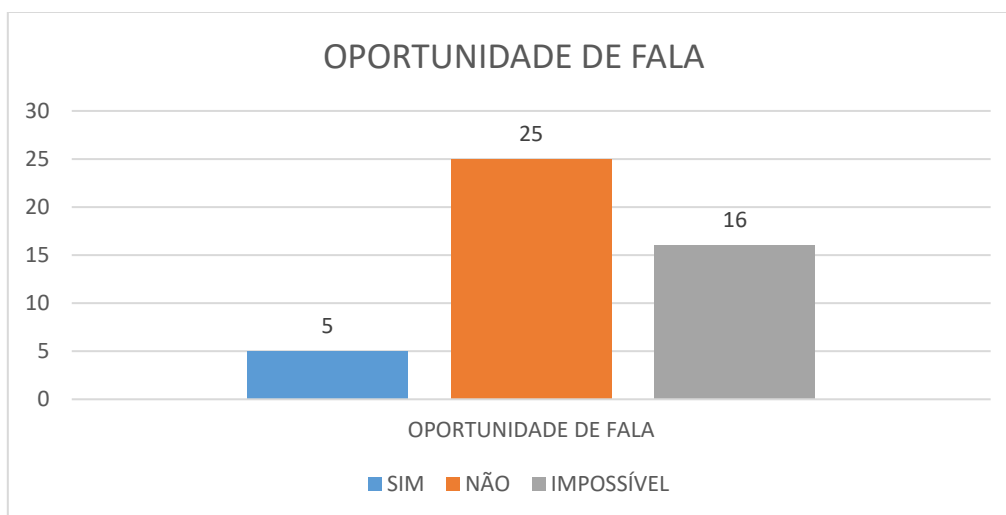
Na imagem acima Sikera Júnior, com auxílio do telão narra a prisão de uma mulher de 22 anos que levava vários objetos ilegalmente para dentro de um presídio masculino em Minas Gerais, enquanto elogia o corpo da mulher ele faz gesto apontando

para o ânus dela insinuando que ela também tentava entrar na unidade prisional com um facão, o que não é verdade, mas apenas parte de seu comentário desqualificante, para utilizar eufemismo.

f) Oportunidade de fala

Uma das características que faz o jornalismo ser reconhecidamente uma ferramenta de promoção da democracia e lhe confere credibilidade é a escuta de todos os lados da história que descende de seu compromisso com a verdade dos fatos. Conforme podemos observar do gráfico abaixo as mulheres raramente têm oportunidade de falar nas matérias exibidas no Alerta Nacional, geralmente elas dão voz a autoridade policial, ou o próprio repórter e em todas elas o apresentador tece suas considerações pessoais a respeito dos fatos, das pessoas envolvidas, inclusive aspectos físicos, sobre lugares e situações.

Gráfico 12 – Oportunidade de fala



Fonte: elaboração própria (2021)

Esta categoria é composta por três espécies, a primeira delas é a que as mulheres são ouvidas, a segunda a que elas não têm voz e a terceira que denominamos “impossível”

como sendo aquela em que as mulheres não podem ser ouvidas de nenhuma forma, como nos casos das vítimas fatais e das agressoras que estão foragidas.

Traduzindo em números, exatamente dezesseis mulheres não foram ouvidas em razão de questões alheias a vontade da imprensa, vinte e cinco não foram em razão do desinteresse do veículo mesmo e apenas cinco tiveram oportunidade de fala, dentre as quais quatro eram vítimas de crimes não relacionados à violência contra a mulher e apenas uma era agressora, ouvida pelo repórter da TV Arapuã, afiliada da Rede TV! na Paraíba.

#### g) Função social

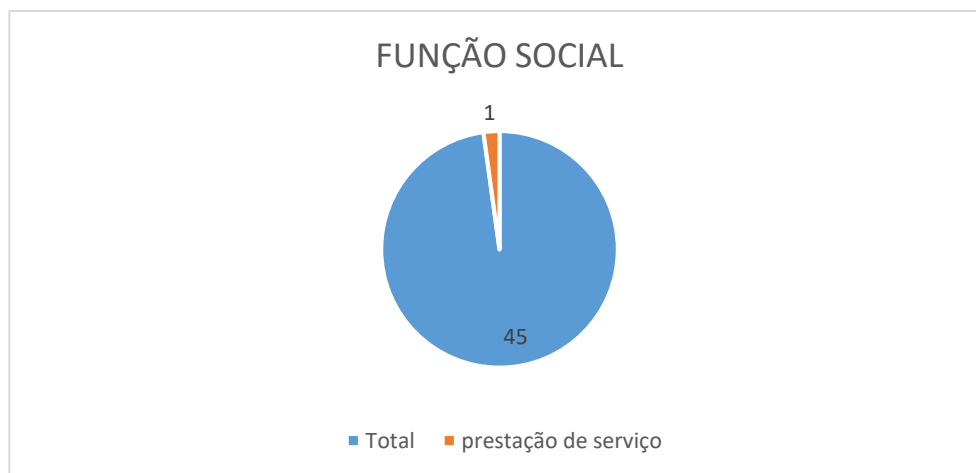
Nesta última categoria decidimos quantificar o número de matérias em que o apresentador utiliza da ferramenta que tem nas mãos qual seja, a televisão, que é um dos veículos com maior alcance, conforme já dito anteriormente, ou ainda do prestígio que goza no seio social para propagar o discurso de igualdade entre os sexos, de combate à violência contra as mulheres, de divulgação de projetos ou programas com este teor ou até mesmo programas de ressocialização de detentas para as mulheres que estão em vulnerabilidade social por estarem envolvidas com o crime.

Não exatamente dentro deste contexto, mas de uma forma que valoriza a independência financeira das mulheres e por isso tangencia a igualdade de gênero, Sikêra Júnior realizou comentários de incentivo aos estudos para as mulheres se utilizando do exemplo de uma delegada que foi entrevistada em uma matéria sobre uma tentativa de estupro exibida no programa do dia 17 de fevereiro de 2021, cujo trecho segue abaixo:

*Olha que delegada bonita hein, Nicole Perin, Deus abençoe! Essa dá orgulho ao pai a mãe: estudou, concurso público, aí ó... Deu orgulho ao pai e a mãe! Ei vou aproveitar aqui a imagem dela e dá um recado, deixa aqui! - Sikêra fala para manter a imagem da delegada no telão. -Ôh, moça, você, é moça, ôh moça, você quer ser realmente independente? Dona do seu negócio? Dona do seu nariz? Não dever satisfação a ninguém? Você quer? Eu vou lhe dar agora a fórmula da felicidade! Você quer a fórmula da felicidade? Prepare para escrever! Vamos lá! Posso falar agora, moça? Primeiro você bota um pouquinho de estudo na sua vida, em segundo lugar mais um pouquinho de estudo, no terceiro mais estudo, no quarto mais estudo, no quinto coma livro! Dia e noite, coma livro.*

A característica mais destacada pelo apresentador foi a beleza física da bacharela em Direito, ainda assim consideramos como uma prestação de serviço à sociedade, na contramão das outras quarenta e cinco oportunidades desperdiçadas pelo apresentador, conforme se infere do gráfico.

Gráfico 13 - Função social



Fonte: elaboração própria (2021)

### **5.5 O dia em o Brasil não “fechou as pernas” e mandou Sikêra calar a boca: programa 21 de abril de 2020**

Para melhor exemplificar as informações que trouxemos até aqui utilizaremos o programa exibido no dia 21 de abril de 2020 que tem exatamente uma hora e vinte e cinco minutos de duração, a despeito de ser um feriado nacional, nele foram apresentadas dezessete matérias, em diversos Estados do país e também no Distrito Federal, que contemplaram os mais variados assuntos, dentre os quais cinco retrataram as mulheres.

Dentro deste universo amostral resolvemos nos debruçar sobre duas dessas reportagens, uma em que a mulher é vítima e a outra em que a mulher é agressora para que houvesse assim isonomia no tratamento dos dados que foram coletados.

No primeiro caso que tem como manchete NÃO ACEITAVA O FIM: Homem mata ex-companheira e padrasto dela, a mulher é assassinada por seu ex companheiro em razão de uma briga por divisão de objetos na separação, assim foi narrado pela delegada que investiga o caso que concedeu entrevista para o repórter do policialesco. Já para o apresentador este relacionamento teve este final trágico por outro motivo: “*E esse marginal acabou com a família, ele matou a ex-mulher que não queria mais nada com ele, isso é o brocha safado, isso é um brocha, ela não queria mais*”, dando a entender que o fim se deu em razão da impotência sexual do acusado, o que de certa forma minimiza a violência doméstica e tenta retirar a importância da discussão sobre o feminicídio, fator central da matéria, ou pelo menos deveria ser.

Em outra passagem Sikera Júnior muda totalmente o rumo do assunto quando atribui a atitude criminosa do acusado a utilização de entorpecentes, que diga-se de passagem, em nenhum momento foi mencionado pela equipe de reportagem ou pela autoridade policial entrevistada. Mais uma vez ele tira o foco do que é essencial para trazer um ar cômico ao telejornal:

*A mulher de hoje se agarra, não tô generalizando não, mas a maioria das meninas hoje se agarra com qualquer coisa, viu? As meninas se apaixonam por cada merda, por cada caba, ói..Os cara vagabundo, não dá um dia de serviço pra ninguém, tudo fumando maconha, não faz NADA e a menina se apaixonou, "meu boy magia", "boy magia"... Boy magia quando tu tiver apanhando dele.*

*Quando você tiver apanhando desse boy magia safado que você arrumou, você, moça, não se faça de surda não, PSIU!, eu tô falando com você moça que tá namorando esse boy magia! –*

E assim resta evidente o descompromisso ético do apresentador com a divulgação da notícia, com a memória da vítima e até com a dignidade do criminoso sob custódia da justiça, cuja imagem foi divulgada inúmeras vezes, bem a imagem das vítimas ensanguentadas e agonizando enquanto esperavam por socorro.

O segundo caso, que é o que motivou a escolha por este dia específico que deu margem a vários minutos de comentários de Sikêra Júnior fazendo desta a abordagem a mais longa a que tivemos oportunidade de analisar, foram doze minutos e dezoito segundos de matéria que foi parar nos assuntos mais comentados do *twitter* (Observatório da TV, 2020). a pedido do próprio apresentador que criou uma *hashtag*<sup>26</sup> no ar enquanto dava a solução para o problema em questão.

A reportagem era sobre uma mulher que confessou ter matado a própria filha de dois anos e ter jogado o cadáver em um rio próximo de sua residência, cuja manchete foi CORAÇÃO DE PEDRA: mãe confessou ter jogado corpo da filha dentro de um rio.

Ao vociferar sobre o ato criminoso e inaceitável daquela que, segundo Sikêra Junior, não merece sequer ser chamada de mãe, ele concluiu que ela fez o que fez para se vingar do pai da criança por quem ainda estaria apaixonada, mas não estaria sendo correspondida.

Foi neste momento que o apresentador começou a discursar sobre a legalização do aborto descredibilizando os movimentos que são a favor e reforçando estereótipos das mulheres que defendem que elas têm o direito de utilizar o seu corpo como bem entenderem, inclusive abortando gravidezes indesejadas:

*Você que fala em aborto é a primeira a proteger tartaruga, não quero nem conversa com você! Vá tomar banho, vá! Sai de perto de mim. Quando chegar esse papo perto de você, faça assim óh! (Ele abana o nariz). - Mande tomar banho! Vá raspar esse sovaco pra lá, vá!*

---

<sup>26</sup> Termo ou palavra antecedido do sinal de cerquilha # associado a assunto discutido que se deseja indexar na rede social digital.

Figura 6 - Apresentador faz gesto de que está sentindo mal cheiro



Fonte: captura de tela [https://www.youtube.com/watch?v=yeg20\\_EQvwY](https://www.youtube.com/watch?v=yeg20_EQvwY) (2020)

Em seguida Sikêra cria a hashtag que movimentou o twitter durante o feriado e causou indignação de muito movimentos feministas e das mulheres como um todo: #fecheaspernas. Segundo o apresentador a solução para evitar crimes como este que ele acabara de narrar era as mulheres deixarem de fazer sexo em inequívoca alusão ao fato de as mulheres só terem direito de ter relações sexuais para procriar.

Abaixo segue uma sequência de capturas de tela que reproduzem a campanha virtual criada pelo apresentador, considerada um descabro e um retrocesso sem precedentes para a luta e conquista de direitos das mulheres

Figura 7 - #fecheaspernas 1



Fonte: captura de tela [https://www.youtube.com/watch?v=yeg20\\_EQvwY](https://www.youtube.com/watch?v=yeg20_EQvwY) (2020)

Figura 8 - #fecheaspernas 2



Fonte: captura de tela [https://www.youtube.com/watch?v=yeg20\\_EQwvY](https://www.youtube.com/watch?v=yeg20_EQwvY) (2020)

Figura 9 - #fecheaspernas 3



Fonte: captura de tela [https://www.youtube.com/watch?v=yeg20\\_EQwvY](https://www.youtube.com/watch?v=yeg20_EQwvY) (2020)



Em resposta várias mulheres criticaram a atitude do apresentador, chamando-o de misógino e mandando-o calar a boca na mesma rede social digital. Apesar de ter conseguido alavancar a sua audiência em pleno feriado, a repercussão não foi positiva, fazendo do apresentador alvo de muitas críticas.

Apesar de tratarem dois casos completamente diferentes e as mulheres estarem exercendo papéis diversos também, enquanto em uma ela é vítima na outra ela é a criminosa, elas têm em comum o tratamento dado pelo Telegiornal Policial, em especial pelo apresentador, sem qualquer respeito às mulheres e suas lutas que se refletem não apenas nas personagens das histórias narradas por ele, mas nas mulheres no geral, o que só reforça a importância do discurso jornalístico que é veiculado na televisão e a função social que ele tem obrigação de cumprir para atingir a sua finalidade informativa.

## **5.6 Resultados da pesquisa**

Os resultados a que chegamos após a análise dos dados coletados já eram esperados partindo da premissa de que o Telegiornalismo Policial tem como característica principal o sensacionalismo, que se preocupa mais em entreter do que informar.

A postura do apresentador em ocasiões anteriores também já era indício do que iríamos encontrar, todavia, estivemos abertos a quaisquer resultados que adviessem de nossa observação.

Concluimos até aqui que o discurso empregado pelo Telegiornal Alerta Nacional de certa forma contribui para a perpetuação da discriminação entre homens e mulheres, descumprindo parâmetros éticos e se afastando cada vez mais de sua função social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos que admitir que ao iniciar esta pesquisa, ainda quando ela era um projeto, já tínhamos em mente o que poderíamos encontrar no decorrer dela, não apenas por discordar da forma de fazer jornalismo dos programas policiais, mas a experiência do estudo do tema adquirido ainda na graduação e a investigação de outros trabalhos com temática parecida já nos levava para a direção de que confirmaríamos a nossa hipótese: o telejornalismo policial, abrindo mão de padrões éticos e, portanto, de sua função social, colabora com a ratificação da discriminação das mulheres dentro da sociedade.

E por mais que tentássemos nos manter abertos para possíveis resultados diferentes mais a análise do objeto empírico nos aproximava do que já era esperado. Sendo assim, após a leitura das transcrições dos dez programas, um trabalho que nos rendeu mais de duzentas laudas, começamos a enxergar um mesmo padrão seguido não apenas pelo apresentador, mas também pelos repórteres, inclusive, mulheres que trabalham nas narrativas das notícias.

Foi possível observar através da leitura das transcrições que as mulheres são tratadas como objetos, seres humanos inferiores, frágeis, cuja principal função é a reprodução, diversas falas do apresentador revelaram isto. O que também era possível inferir através dos gestos e expressões faciais de Sikêra Júnior durante as reportagens, sempre tratando com humor assuntos que deveriam ser discutidos de forma séria de maneira a produzir a reflexão das pessoas e não para diverti-las.

Ao que parece existe um consenso ao se classificar o telejornalismo policial como sensacionalista e isto implica dizer que não há qualquer preocupação na apuração e no tratamento da notícia, o que por sua vez leva ao desprezo também pelos personagens que fazem parte dela. E quando esse personagem é uma mulher, a carga de preconceito que já existe na sociedade é descarregada sem quaisquer pudores e acabam por catalisar toda a discriminação latente ou mesmo explícita de volta para o seio social.

Podemos avaliar o problema da imprensa neste contexto ainda sob dois aspectos: mais nocivo do que não contribuir para a educação informal dos telespectadores, levando informações coerentes sobre a discriminação de gênero é distorcer o papel das mulheres

na sociedade e contribuir com este círculo vicioso de dominação e ratificação dela, como predisse Bourdieu (2012).

A atuação da mídia em sentido contrário ao da igualdade entre homens e mulheres é uma forma de invisibilizar estas últimas e descredibilizar uma luta de anos, cujos frutos ainda estamos começando a colher.

Apesar das muitas críticas feitas ao telejornalismo policial é necessário compreender que o equívoco não está no gênero sensacionalista, posto que até mesmo os telejornais tradicionais são capazes de transmitir informações desvirtuadas e repletas de preconceitos, mas sim na utilização que se faz dele. Assim acreditamos ser possível promover inclusão, respeito e igualdade até na divulgação da violência.

Já é possível observar um novo fluxo para a transformação, no que tange, pelo menos, à mídia alternativa, como os exemplos trazidos na pesquisa: catarinas, gênero e número e #umaporuma, todos projetos nascidos no âmbito do jornalismo para dar visibilidade ao debate da discriminação e da violência motivada na diferença entre os sexos. Isto não quer dizer que houve uma modificação geral de entendimento da imprensa, até porque esta pesquisa visa investigar justamente o contrário pelos indícios que o assunto já denota, muito menos uma mudança generalizada de cultura da sociedade, mas pode significar um oásis neste deserto de violações a que as mulheres estão acostumadas a sofrer em tantas esferas, pois o auxílio da imprensa pode ao longo do tempo trazer a mudança social tão desejada.

Partindo do princípio que esta pesquisa não tem um fim em si mesma e é só um primeiro passo nesta longa caminhada que nos aguarda nos estudos voltados para esta temática tão rica e tão complexa um fator nos chamou atenção durante nosso trabalho: o fato de que a sociedade não está inerte e apática a todos os sortilégios praticados pelo quarto poder (TRAQUINA, 2005) e nos dá indícios de que a movimentação que inspira mudanças pode estar começando de fora para dentro: da sociedade para a imprensa, o que nos dá um insight para a complementaridade desse estudo.

Antes de tudo, acreditamos que o Jornalismo ético é uma ferramenta de promoção do Estado Democrático de Direito, da cultura da paz e da legalidade. A mídia leviana, muitas vezes representada pelo Telejornalismo Policial, de outra banda, é um

instrumento de desrespeito aos Direitos Fundamentais, garantidos pela Constituição Federal, e pelo sistema normativo internacional, dentre eles a igualdade questão central que debatemos nesta pesquisa, desacatando de igual forma o Direito à Informação, premissa básica do exercício da cidadania.

O exercício pleno da profissão jornalística está intimamente ligado à sua independência total e irrestrita de quaisquer amarras, sejam elas de ordem econômica, de mercado ou ideológica e apenas a conduta ética do profissional é capaz de conferir tal autonomia.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gabriela; GUSTAFSON, Ana; PAES, Paula; RABAY. **Estudos feministas e de gênero em jornalismo: história, metodologia e epistemologia**. Revista Âncora., João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 10- 14, jul. 2019.
- ANDRADE, Lorena Borges de. **NÃO FOI POR AMOR: O Jornalismo multiplataforma e investigativo do projeto #UmaPorUma sobre as mulheres assassinadas em Pernambuco**. Mestrado em Jornalismo. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa.
- ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.
- ARAGÃO, Selma. **A vitimização da mulher**. In LEAL, César Barros & PIEDADE JÚNIOR, Heitor. *Violência e vitimização: a face sombria do cotidiano* (pp. 239-247). Belo Horizonte: Del Rei, 2001.
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BARDIN L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2014.
- BARROSO, Luís Roberto. **A Dignidade da Pessoa Humana no Direito Constitucional Contemporâneo: Natureza Jurídica, Conteúdos Mínimos e Critérios de Aplicação**. 2010. Disponível em: <[http://www.luisrobertobarroso.com.br/wpcontent/uploads/2010/12/Dignidade\\_texto-base\\_11dez2010.pdf](http://www.luisrobertobarroso.com.br/wpcontent/uploads/2010/12/Dignidade_texto-base_11dez2010.pdf)> Acesso em: 06 de out. de 2020.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação na psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUCCI, Eugênio. **O peixe morre pela boca**. São Paulo: Scritta, 1993.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.
- BUENO, Noemi Correa. **Jornalismo impresso e relações de gênero: enquadramentos da Folha de S.Paulo e do Estado de S.Paulo do caso de hostilização a uma estudante**. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Estadual.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru, São Paulo, 2010
- CHAUÍ, Marilena. *Filosofia*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORNELL, Drucilla. **Whats is ethical feminism?** IN: *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*. FRASER, Nancy (org). Routledge, 2017.
- COSTA, Tatiane Cruz Leal. **A Mulher Poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- DERRIDA, Jacques. **The law of genre: critical inquiry**. *Autum*. v.7, n. 8.1, 1980.
- DESLANDES S, GOMES R, MINAYO MCS (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: desafios teórico-metodológicos**. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p.227-248.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. **Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil**. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em: 25 jan. de 2020.
- FERGUSON, Roderick. *Aberrations in Black. Towards a Queer of Color Critique*. University of Minnesota Press, 2003.
- FERNANDES, Isis Cleide da Cunha. **Representação da violência de gênero contra a mulher nos jornais de Cabo Verde: uma análise de conteúdo de A Semana, A Nação e Expresso das Ilhas**. Mestrado em Comunicação e informação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FRANÇA, Vera. (ORG). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Autêntica: Belo Horizonte, 2006.
- FREIRE, Paulo. O Compromisso do profissional com a sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GERÔNIMO, Aderlon dos Santos. **O protagonismo dos apresentadores no contrato de comunicação de programas policiais na Paraíba**. Mestrado em Jornalismo. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2019
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GUIMARÃES, Valéria. **Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais**. ArtCultura, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 103-124, out-nov, 2020.

GOMES, Sérgio. **Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher**. Scielo, jun. 2011.

GROSHOLZ, Emily. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Editora Rosa dos tempos: Brasília, 1993.

HARDING, Sandra. Rethinking standpoint epistemology: what is strong objectivity? In: KELLER, E. F.; LONGINO, H. E. (Eds.) **Feminism and science**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p.235-248.

KAUFMAN, Michael. **Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres**, 1994. Disponível em: < <http://www.michaelkaufman.com/wp-content/uploads/2008> > Acesso em: 20 mai. 2020.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. Ed. São Paulo: Geração, 2004.

LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. São Paulo: Vozes, 2010.

LEURQUIN, Chloe Catarina Fraga. **Narrativas da violência sexual contra meninas em telejornais policiais**. Mestrado em Comunicação. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza, 2018.

LIMA, Fernanda Ribeiro de. **Apanhando duas vezes: Aspectos Relacionados à Cidadania das Mulheres Vítimas de Violência nos Telejornais Locais**. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia, 2014

MACHADO, Lia Zanotta. **Gênero um novo paradigma?** Cadernos Pagu: São Paulo, 1998.

MADRUGA, Larissa Angélica de Santana. **A violação dos Direitos Humanos pelo Telejornalismo Policial da Paraíba**. Monografia. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2013.

MALDONADO, Alberto E (2003). **Explorações sobre a Problemática Epistemológica no Campo das Ciências da Comunicação**. In: LOPES, Maria I. V. (org). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Editora Loyola, 2003 p. 205-225.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação & jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker editores, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C.R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTOS, Sérgio. **A evolução histórica da televisão brasileira**. In: VIZEU, A; PORCELLO, F; COUTINHO, I (orgs.). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

MENDONÇA, K. Em “Linha Direta” com os novos padrões para o telejornalismo. In: RIBEIRO, A. P. G, ROXO; M, SACRAMENTO, I (orgs.). **História da Televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

MELO, José Marques de. **Metodologia da pesquisa em comunicação: itinerário Brasileiro**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010, p. 1-14.

MODESTO, Celina Alice Carvalho. **MULHERES “SENSACIONAIS”: Uma Análise da Construção da Mulher no Jornal Já**. Mestrado em Jornalismo. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2016.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Barbara Nascimento de. **Além dos boletins de ocorrência: análise das narrativas midiáticas sobre a violência contra a mulher nos impressos Super Popular e Jornal da Cidade**. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão, 2016

PATIAS, Jaime Carlos. **O espetáculo no Telejornal Sensacionalista**. In: CASTRO, José Valdir de; PINTO, Cláudio Novais (orgs.). **Comunicação e Sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006. p.81-106.

PAES, Paula de Souza. **Fait divers e “imigrantes”: o papel da dimensão territorial e comercial da imprensa francesa**. Anais SBPJor, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi, São Paulo, Novembro de 2018. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/schedConf/presentations>.

PAZ, Pedro Henrique Gomes da. **Hoje, se espremer o espelho, sai sangue”: etnografia da produção de notícias de feminicídio para o telejornal JPB 1º edição (PB)**. Mestrado em Jornalismo. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2016.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. 2004. Disponível em :< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2020.



PERIAGO, F. R. **O Perfil do Repórter de Telejornal Policial no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a categoria mulher?. In: ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002. p. 7-42.

RIBEIRO, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor. **A renovação estética da TV**. In: GOULART, A.P.; RIBEIRO, I.S.; ROXO, M. (orgs.). História da televisão no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

ROMÃO, M. M. D. **Jornalismo policial: indústria, cultura e violência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANCHEZ, LILIANE. **A formação ética na antiguidade e na atualidade: as contribuições da filosofia**. Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 43, abr. 2017. ISSN 2236-3483. Disponível em: <<http://ufrj.br/SEER/index.php?journal=retta&page=article&op=view&path%5B%5D=3394>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTIAGO, Maria Laiany. FILGUEIRA, Thayonara Izabel. MARTINS, Júnia. **Sangue no Jornal: Jornalismo Policial e Sensacionalismo na Internet**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018.

SANTOS, Suely Porfirio dos. **ELA MULHER, ELE VÁRIOS Marcas de gênero nas notícias do Portal G1**. Mestrado em Jornalismo. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, João Pessoa, 2019.

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Revista Projeto História, São Paulo, v. 16, p. 297-325, 1998.

SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo**. 20. ed. São Paulo: Malheiros, 2001.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade mídia e violência**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. 2008. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>> . Acesso em: 15 set. 2021.

Souza, Fabíola Carolina de. **Marcelo Rezende, um apresentador performático: do telejornalismo policial à celebração**. Doutorado em Comunicação Social. Instituição de ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, 2018

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Gênero e análise de conteúdo**. In: Barbosa, Marialva; Morais, Osvando J. de (orgs). **Quem tem medo da pesquisa empírica?** São Paulo: Intercom, 2011, p.411-432.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 13ª ed. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLFE, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 2ª edição. Lisboa: Presença, 1992.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A****TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO NO DIA 28/01/2020****FIM TRÁGICO - JOVEM ATEIA FOGO EM NAMORADO (RJ)**

**SIKÊRA [15'32'']:** Um namoro de quase três anos, três anos, entre um casal de jovens teve um fim trágico. O rapaz de 20 anos teve o corpo queimado pela própria namorada (EITA!). Ela (e aponta para o telão). Brunoso foi até o Rio de Janeiro para buscar esta história para a gente. Com vocês: ele, o curupira da informação, o belzebu do jornalismo, Brunoso.

**REPÓRTER [16'04'']:** Sikerinha, nós agora vamos falar de um fato que chocou a Cidade Maravilhosa. 15 de janeiro de 2020. Daniel Jean e Kátia Cristina, ambos de 20 anos de idade, tinham um relacionamento de 3 anos, desde os 17. Só que o relacionamento já vinha sido saturado, estava conturbado, cheio de violência, teve um fim. Daniel então terminou com Katia Cristina. Só que ela Sikerinha não aceitava o fim do relacionamento e ameaçava fazer várias coisas com o Daniel, coisas essas que *poderia* (sic) dar um basta na vida do rapaz.

15 de janeiro, Daniel, que trabalha como motoboy, chega em uma oficina, aqui mesmo no bairro do Cachambi, para consertar o fio da motocicleta dele. Nesse momento, Sikêra, por volta das 11h da manhã, Katia Cristina chega com uma garrafa de gasolina joga em Daniel, ele ainda tentou segura-la, mas ela pegou um fósforo, acendeu o palito, e simplesmente jogou, ateou fogo no rapaz. Ele teve pelo menos, Sikerinha, 60 % do corpo queimado. Ele foi então levado para o hospital e em seguida transferido para o Centro de Tratamento de Queimados Souza Aguiar aqui do Rio. O estado dele é grave.

A polícia agora está a procura desta mulher que está aparecendo no seu vídeo e oferece uma recompensa. Ela é a principal suspeita de ter feito isso com o rapaz. A recompensa é de mil reais. Não se preocupe que a sua identidade será mantida em sigilo.

**SIKÊRA [19'45'']:** Pense numa menina bacana de se namorar, pense numa menina de família. Ela namorava com ele desde os 17 anos, não aceita que ele tenha outra. Não dá. Acabou. A fila andou, cada um para o seu canto. Mas ela não aceitou. Ciumenta. Mas uma mulher traída, eu digo uma coisa a você, meu querido. Mulher não esquece, mulher arquiva. Escreva o que eu tô (sic) te dizendo. Katia Cristina de Almeida da Silva, ateou fogo no namorado, sem dó e nem piedade. Ele está no pico do

urubu no Hospital, estado grave, gravíssimo, entre a vida e a morte e ela *tá* (sic) foragida. A recompensa mil reais, eu acho isso aqui... aumentava pelo menos cinco mil, vamos ser justos. Uns cinco mil reais para a achar essa menina.

Olha que sorriso bonitinho (apontando para o telão). É uma dessa que o *caba* (sic) se apaixona e compra a chave do inferno. Você vai cair Katia, você vai ser presa, você vai cair, você vai ser presa. Eu não tenho a mínima dúvida. Aí o chororô vai começar. Um juiz bom vai botar você no seu lugar, viu?

#### **16 - MULHER DA SERINGA (PA) 1 19' 06" – 1 22' 14"**

**SIKÊRA [1 19'06"]:** No estado do Pará, em Belém, as mães estão preocupadas com a mulher da seringa! A suspeita usa como arma uma seringa para ameaçar as mães e tenta sequestrar as crianças. Quem é o repórter? Quem é que *tá* (sic) lá? Quem é o repórter? Quem é a repórter? Por favor. Ricardo Santana, Belém, direto. Vamos ver!

**SIKÊRA [1 22'05"]:** Obrigado, querido! Olha, mostra o retrato falado mais uma vez. A mulher da seringa, eu achava que isso era lenda urbana, eu achava que isso era história, eu achava que isso era historinha. Mas *tá* (sic) aí o retrato falado divulgado pela polícia civil. Ela de óculos não precisa nem da seringa, ela assusta. Pois é, ela tenta tomar as crianças, tenta sequestrar as crianças, se você tem alguma informação pelo amor de Deus avisa à polícia.

#### **17 – DELIVERY NO PRESÍDIO (MG) 1 22' 16" – 1 28' 21"**

**SIKÊRA [1 22'16"]:** Vamos falar de coisa boa? (Vamos!) É não, é notícia ruim. “Alô? Vocês fazem entrega? ” “Isso claro que é no presídio.” “Volte sempre, a entregadora *tá* (sic) indo”. “Obrigado”. Parece conversa de doido, não parece? Você vai ver o que aconteceu lá em Minas Gerais. Uma dica: o presídio é de segurança máxima. Delivery do presídio! Celular, dinheiro, marreta *pra* (sic) viagem, serviço completo. Quem é o repórter ou a repórter? Patrícia Contaldi, de Minas Gerais, vai!

**REPÓRTER [1 22'52"]:** Sikêra, olha só essa história que aconteceu em Contagem-MG, aqui na região metropolitana de Belo Horizonte. Em um presídio de segurança máxima, onde estão os bandidos mais perigosos daqui de Minas Gerais. Neste domingo era dia de visitas. Uma mulher de 22 anos foi encontrar o namorado que está preso e decidiu levar alguns produtinhos *pra* (sic) ele, Sikêra. E ela só não contava que a revista feita pelas agentes da penitenciária revelasse todo o plano do casal. Era tanta

coisa que as agentes decidiram filmar a operação. As dezenas de produtos estavam por baixo de um macacão modelador e também amarrados por fitas ao corpo da mulher identificada por Tatiana Borba Chaves. E olha só, Sikêra, que era muita coisa mesmo! Foram encontrados 12 celulares, 14 fones de ouvido, 15 carregadores, 19 baterias para telefone, vários remédios, dinheiro. E conforme ela tirava o macacão, apareciam mais e mais coisas. Também tinha chicletes, e veja só, até uma marreta que estava amarrada na perna dela! Ainda segundo a Secretaria de Segurança Pública daqui de Minas Gerais, Tatiana tentou, na penitenciária Nelson Hungria, entrar usando uma identidade falsa. Ela que tentou agradar o namorado, acabou como ele, presa e encaminhada para o presídio feminino de Vespasiano, também aqui na região metropolitana de Belo Horizonte. E por causa do namorado bandido se deu mal, e vai ter que pagar pelo crime. Mas olha só, Sikêra, a pena por tentar entrar com celular e outros produtos em penitenciárias não é alta, não. A pessoa fica presa apenas de 3 meses a 1 ano. E o que não falta é criatividade *pra* (sic) esse pessoal. Por todo Brasil, agentes penitenciários já encontraram drogas escondidas em pães e bolos, dentro de casca de ovos, misturado no pó de café, e alguns casos ainda mais absurdos. No final do ano passado aqui em Minas Gerais, uma mãe foi presa ao tentar entrar com um celular aqui no presídio de Uberlândia. O detalhe, Sikêra, é que o aparelho estava preso com filme plástico ao corpo do próprio filho, um bebê de apenas 1 ano. A mulher de 34 anos que ia visitar o marido foi presa e a criança encaminhada para o conselho tutelar.

**SIKÊRA [1 27'10'']:** Num país sério, essa criança nunca mais ia ver essa mãe. Se é que eu posso chamar de mãe, né? Tira, dá a uma família que realmente quer criar, né? Adota, né? Agora, essa mulher que fez isso, ela se achou a mulher mais inteligente do mundo. Ela se achou a mulher mais inteligente. “Ninguém vai desconfiar. Eu vou passar”. Olha! É uma barraca ambulante, né? Parece uma barraca da 25 de março. Tem tudo: pendrive, cartão de crédito, telefone, celular, martelo, né? E tem umas coisas que ficaram escondidas ali, que você não vai conseguir ver. O pai deve chorar no chuveiro, o pai deve chorar muito no chuveiro! Sabe, essa aí se apaixonou por um vagabundo. Mulher que se apaixonou por vagabundo sofre. Sofre e não é pouco, não. E quer que eu diga mais um? Ela vai *pra* (sic) cadeia. Sabe quem vai visitar ela? Somente a mãe. Só a mãe, ninguém vai mais visita-la. Se você for na fila de um presídio feminino só tem lá mães e filhos, que são levados por alguém. Imagina só, se passar por um serviço desse por causa de namorado? Por causa de vagabundo? Moças do meu Brasil, se valorizem! Moças, se valorizem! Pelo amor de Deus, tanto homem bom aí,

trabalhador, honesto, querendo casar! E a mulher se agarra com a desgraça de um vagabundo, preguiçoso que não dá um dia de serviço, só vive na maconha! Pelo amor de Deus, rapaz. Oh *pra aí* (sic)! Oh que que ela estava no corpo dela! Meu Deus do Céu. Eu tenho pena do pai dela e da mãe, viu? Só eu tenho dó do pai e da mãe, somente isso. Oh martelo, é um martelo aquilo, né gente? É um martelo, é. Tinha um facão também enfiado do outro lado ali. Deixa *pra* (sic) lá, deixa *pra* (sic) lá. Uma moça tão bonita! Olha o corpo da moça! Isso é coisa que... a mulher que se passa por um negócio desse eu vou te falar! A mulher que se passa por um negócio desse. Isso é o que? Isso é falta de homem no mundo, é? *Tá* (sic) se acabando, é? É, só pode ser, desespero. Só pode ser desespero, porque a mulher agarrar um vagabundo, um bandido, que não dá um dia de serviço, não é? Mas é isso aí, vai *pra* (sic) cadeia pensar um pouquinho, vai chorar tanto quando chegar lá. “Minha mãe, meu filho, minha vida” Psiu, agora? Aaah.

**APÊNDICE B****TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO NO DIA 29/01/2020****CONFISSÃO DE UM MONSTRO (GO)**

**SIKÊRA [9'38'']:** Ela só tinha 17 anos quando se aventurou em nome do amor, o resultado: ela foi esquartejada e congelada em pedaços, num freezer na casa do namorado, que é açougueiro. O pai do criminoso foi quem denunciou o filho. Assassino! E a confissão desse crime aconteceu na cidade de Águas Lindas de Goiás. Uma exclusividade dos nossos parceiros do DF Alerta, da TV Brasília. Wagner Relâmpago! Na tela, direto, vai!

**REPÓRTER WAGNER [10'34'']:** Alerta Nacional mais uma vez em cima dos fatos. Ketlyn Stéfani, uma menina de 17 anos saiu da Bahia, da sua cidade natal, para vir morar aqui, em Águas Lindas de Goiás, Jardim Pérola 2. Ketlyn veio viver um relacionamento com Vanderson, um rapaz, um açougueiro, uma pessoa que ela conheceu através de amigas e começou a manter um contato telefônico e através de redes sociais e depois Ketlyn resolveu se envolver emocionalmente. Resolveu viver maritalmente com Vanderson, com o açougueiro, um rapaz que não tinha nenhum envolvimento no mundo do crime, que não tinha nenhuma passagem pela polícia. Ketlyn, então, pediu que ele a buscasse na Bahia.

**REPÓRTER WAGNER [11'37'']:** Agora me diga uma coisa: Como é que foi essa história sua aí?

**VANDERSON [11'38'']:** Foi assim: eu fui na Bahia, *começamo* (sic) a conversar por mensagem todo dia, aí ela querendo vir, né? Ela veio, eu falei que ia mandar o dinheiro, mandei 250 reais.

**REPÓRTER WAGNER [11'49'']:** Você mandou dinheiro *pra* (sic) ela vir *pra* (sic) cá, *pra* (sic) ficar com você?

**VANDERSON [11'52'']:** Correto, aí na hora ela topou, disse: “eu vou então”.

**REPÓRTER WAGNER [11'59'']:** A história de amor, do relacionamento, do sonho de viver um amor perfeito, de ser feliz ao lado do Vanderson terminou no último final de semana.

**VANDERSON [12'13'']:** Na primeira semana logo ela começou a ir na casa de outra amiga, direto, direto. Quando eu fui ver o celular dela cheio de conversa com os outros, marcando encontro, tudo, e ia direto na casa da amiga dela. E começou a dar em cima



de um, dar em cima de outro, aí eu falei: *fia* (sic) é o seguinte: peguei as malas dela, levei *pra* (sic) casa da amiga dela e...

**REPÓRTER WAGNER [12'38'']:** Queria que ela saísse da sua casa...

**VANDERSON [12'39'']:** Isso! Deixei as malas lá e peguei e disse: “aqui tome 200 reais, eu dei o dinheiro *pra* (sic) você vir, não posso largar na mão aqui”. Aí dei 200 reais a ela.

**SIKÊRA [12'51'']:** Coloca a foto do machão, essa é a vítima. Essa é a coitada. Veio lá da Bahia. Esse é o machão! É o machão, matou a companheira dele. Eu... imagina o pai entregar a filha *pra* (sic) uma coisa dessa. Isso é um monstro, isso é um covarde! Imagina o pai: “Vá, minha filha, vá”. Entregar na mão de um... nojento desse! Nós temos a fala dele. É ele falando o motivo, temos aí é? Eu não sei nem se deixo ele falar, esse cabra de peia. Eu não sei nem se deixo ele falar, sinceramente. *Pra* (sic) ouvir esse cara? Eu *tô* (sic) pensando, sinceramente. *Num* (sic) dá vontade. Eu *tô* (sic) dando voz a ele, eu *tô* (sic) dando valor a essa coisa ruim. Isso não entra nem no oitão do céu. Esse aí? Psiu. A justiça do homem falha, mas a divina não! Psiu! Vai *pro* (sic) inferno ou não vai? (Vai!) Tu *vai* (sic) pagar rapaz! Tu *vai* (sic) pagar, tu vai *pro* (sic) inferno de cabeça pra baixo. Psiu! Tu *vai* (sic) pro inferno de cabeça pra baixo. Eu boto ou não boto a fala desse, dessa coisa? (Não!) Eu não vou dar valor, não. Eu vou seguir o programa. Tira, tira essa desgraça!

## 1- RODÍZIO DE PADRASTOS (COMENTÁRIOS ALEATÓRIOS DO APRESENTADOR)

**SIKÊRA [48'17'']:** Senhoras e senhores do meu Brasil varonil, temos um problema muito sério nesse país hoje, nessas duas décadas *pra* (sic) cá, é o rodízio de padrastos, rodízio de padrastos. As mulheres colocam, estão colocando, as mulheres é um exagero, algumas mulheres que se separam começam a botar qualquer tipo de gente dentro de casa, botam um homem dentro de casa *pra* (sic) cuidar dos filhos dela e não sabe o perigo que *tá* (sic) colocando pra dentro de casa. “SIKÊRA, que é que tem a ver com esse caso aí?” Eu vou chegar lá, eu vou chegar. A ausência da presença masculina, *tá* (sic) levando pra um desacerto no final da história, a um desacerto, a falta do pai e da mãe. “Mas, SIKÊRA, meu vizinho é pai e mãe e o menino é problemático.” Pode ter certeza que o pai e a mãe estão correndo pra pagar conta. Sai

de manhã, se voltar pro almoço, porque não dá tempo, volta à noite, aí quando chega o menino: “Uééé!” (som de choro). “Psiu, toma o celular. Psiu, assiste o filme. *Tô* (sic) morrendo de cansado, peguei o ônibus lotado, cheguei, *tô* (sic) com dor de cabeça, fui assaltado. Psiu, celular, vá assistir! Netflix, vá assistir! Um tablet, toma!” E isso o menino, a menina vai crescendo ao Deus dará, tudo que ela aprende tá ali: na internet. Eu chamo de geração micro-ondas, o que é geração micro-ondas? É aquela que chega em casa, cada um esquenta um prato no forno micro-ondas, aí come um na sala, outro na mesa, outro no quarto, outro no corredor. Ninguém senta mais na mesa *pra* (sic) conversar com mãe e pai, com irmão, *pra* (sic) saber como é que foi teu dia! “E aí, como é que *tá* (sic)? E no colégio *tá* (sic) tudo certo? Na faculdade como é que *tá* (sic)?” Não! As pessoas esquentam o prato e vão cada um *pra* (sic) um lugar, a meninada chega em casa com o celular na cara aceso. A mãe e pai chega assim *tá* (sic) na sala, ele vai direto pro quarto assim, oh. Kkkkk, hahahahaha, kkkkK... A vida dele *tá* (sic) ali no smartphone, ele só lembra do pai e da mãe quando acaba o crédito, aí: “Mamãe, bote crédito!” Aí lembra de mamãe e papai, pronto dia 05 *tá* (sic) chegando, dia 05 agora tá chegando, o que vai ter de netinho visitando vovô e vovó! “Vovô, saudade vovô.” Não, vai buscar dinheiro, vovô pede empréstimo, vovó pede empréstimo, desmantelou a família. E o rodízio de padrastos *tá* (sic) acabando com o nosso país, o rodízio de padrastos. Eu não *tô* (sic) falando pra você ficar só pro resto da sua vida, não mulher. Oh mulher! (Oh mulher!) Eu não *tô* (sic) dizendo isso, não. Dá um tempinho. Você separou? Dá um tempinho. Namora, vá fazer as unhas lá fora, não precisa trazer *pra* (sic) dentro de casa não. Dê um tempo, conheça o cara, *pra* (sic) saber se ele tem filhos, porque ele se separou, se ele dá atenção aos filhos dele. Porque se não, meu amor, teus filhos vão sofrer nas mãos desse padrasto. E só Deus sabe, só Deus sabe o que ele vai fazer, e teu filho vai ter medo de dizer, sabia? “Meu Deus, que que eu vou dizer *pra* (sic) mamãe”. Vai por mim, analisa. Eu não *tô* (sic) dizendo pra você parar de fazer sexo (fala em tom de deboche). Não, não, não, não, não, não... Divirta-se, fora de casa. A casa é sua, é abençoada. É *pra* (sic) você e seus filhos. *Tá* (sic) bom? *Tá* (sic) dada a dica do velho.

## 2- CONFISSÃO DE UM MONSTRO, parte 2 (GO)

**SIKÊRA [1 05'14'']:** No começo, ai meu Deus, não queria tocar nesse assunto não. No começo do Alerta Nacional a gente exibiu a primeira parte da entrevista com

Cleiton de Almeida, o vagabundo que assassinou e esquartejou a namorada. Colocou dentro de um freezer, vocês lembram disso? (Sim) Lá em Brasília. Ele quer falar, ele quer falar, ele quer dizer o motivo. Ele conversou com Wagner Relâmpago, eu vou, eu quero ver mesmo, essa eu pago *pra* (sic) ver. Vamos ouvir que esse canalha tem a dizer, vai!

**ACUSADO: [1 05'55'']:** Ela ficou, ficou, ficou. Aí quando foi na outra semana a gente voltou. Aí ela foi lá *pra* (sic) casa de novo, tornou a acontecer do mesmo jeito. Eu fui olhar o celular dela de madrugada quando ela dormiu, cheio de conversa com *os carinha* (sic) da rua aí, que mexe com droga, tudo. Aí eu, beleza, *voltemo* (sic) de novo. Aí depois que a gente mudou de novo aí eu fui fazer um teste *pra* (sic) ver se ela tinha mudado. Eu chamei um amigo meu e disse: Tu só *dá* (sic) em cima dela que eu vi ela te dando mole, aí tu me conta o resultado. Aí de novo ela tornou, dar um beijo nele e tudo. Aí eu tenho um problema que eu bebo demais. Sou alcóolatra. Aí ela ficou assim toda diferente porque eu queria ficar com ela e ela não queria, não é? E ela vivia dizendo que queria se matar que queria morrer, que queria morrer, *tava* (sic) sem motivo de vida, *tava* (sic), tipo, como se tivesse sem solução. Aí, que que aconteceu? Aí na hora eu peguei a faca, digo : Ah você tá armando pra mim, ela: “Não, não, não, Cleiton! *Pra* (sic) quê essa faca pelo amor de Deus”. Aí eu esfaqueei ela [...] foi uma na barriga, uma no pescoço que eu queria que ela morresse bem rápido, *pra* (sic) nem fazer barulho, aí foi uma na barriga, uma no pescoço, uma na barriga e não lembro se dei alguma do outro lado.

**REPÓRTER WAGNER [1 07'18'']:** A polícia militar foi acionada *pra* (sic) vir até esse local, dentro de um freezer que era usado *pra* (sic) colocar carnes de churrasquinho, aquele churrasquinho que o pessoal vende nas esquinas, estaria as partes de um corpo de uma mulher. Quem abriu o freezer, quem viu, dentro daquele freezer foi o pai de Vanderson.

**SIKÊRA [1 08'35'']:** Obrigado, querido. Coloca a cara do vagabundo que é *pro* (sic) povo não esquecer. Coloca a cara do vagabundo. Essa é a Ketlyn, 17 anos. Foi buscar na Bahia, a família vai receber em pedaços o corpo dela. Esse é o criminoso safado, sem vergonha. Já *tá* (sic) dizendo que a menina é culpada, no mínimo fez suicídio, não é? Só faltou dizer isso *pro* (sic) repórter. Só faltou ele dizer que ela suicídio, cabra safado. “Não, ela *tava* (sic) me traindo, *tava* (sic) com as amigas, eu peguei o celular. É não, meu filho, é que você é louco! Você a sua vontade é de ser corno! Corno! A menina rapaz, ele foi buscar a menina na Bahia, rapaz. A menina acreditando nesse

canalha, foi pra Brasília, disse: “Não, é meu amor, *vamo* (sic) viver!”. A família, vai receber o corpo da menina esquartejado que ele matou, esquartejou e colocou dentro de um freezer, gente. Como um... Forte, né? Machão! *Pra* (sic) mulher. Não tem coragem de enfrentar um homem cara a cara, não tem. Covarde, frio e agora, achando pouco, *tá* (sic) jogando pra ela: “Não, *tava* (sic) me traindo, me enganando, muitas conversas eu peguei no celular” Mentiroso! Morto não se defende, não fala! Agora é fácil dizer o que quiser. Mas não cola, *né* (sic)? Não cola. Eu só fico pensando, de novo, no pai da moça, da jovem de 17 anos, eu fico pensando no pai, na mãe, que criou bem criado, *né* (sic)? Alimentou, vestiu, levou na escolinha, viu o primeiro dente cair, levou *pra* (sic) tomar vacina e vem um canalha desse, do outro lado do país, *pra* (sic) levar, *pra* (sic) viver com ele e ele faz o que fez, matou, esquartejou, botou num freezer e disse: “É, eu ia dar um jeito, *né* (sic)? De jogar fora, que eu cortei os pedaços”. Imagina a frieza. Tem gente que *tá* (sic) me assistindo agora que não tem coragem de matar uma galinha, essa coisa ruim do satanás, que isso aí é o satanás em pessoa, ele esquartejou a namorada, o amor da vida dele. Meu Deus, onde que nós vamos parar? Aonde é que nós vamos parar? Pelo amor de Deus, tira! Onde é que nós vamos parar, minha gente? Se briga por qualquer coisa, se mata no trânsito, é tome dedo, é palavrão, desce do carro já.... Basta encostar um carro no outro o cara já desce querendo matar! A que ponto nós estamos chegando? Acabou mesmo. Respeito? Já era! Eita, que esculhambaram meu querido e amado Brasil! De uma forma que eu vou te falar, viu? Esculhambaram, mas esculhambaram mesmo. E querem que a gente engula, a força, que é tudo normal, que é tudo.... Não! Psiu, o certo é o errado, e a gente tem que dizer: “Não, realmente. É, então a gente pode errar” fizeram a gente engolir a força tudo isso, por isso que o mundo *tá* (sic) desse jeito. Pegaram a cabeça dessa juventude bacana e olha o que fizeram. E começaram devagar, foram minando, minando, minando. Onde vamos parar, meu Deus do Céu? Só o Senhor olhando por essa moçada! Filho não respeita pai, pai não respeita filho, aluno não respeita professor, não respeita diretor. Acabou-se o tempo, aí se um professor reprovar um aluno rebelde, ela morre, a professora morre, o diretor é ameaçado. Olha que ponto nós chegamos! Mas é *pra* (sic) achar correto, é *pra* (sic) dizer que é normal. Normal o que, rapaz? Que normal, o que, rapaz? Isso é covardia que fizeram com nossa criançada, com a nossa meninada, na cabeça deles, aqui oh, e começaram devagarinho. Foi muito bem planejado, foi muito bem planejado. Mas Deus é pai e Ele *tá* (sic) olhando pelo Brasil!

## APÊNDICE C

### TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO NO DIA 30/01/2020

#### CASOS DE FEMINICÍDIO (PE)

**SIKÊRA [33'38'']:** Em Pernambuco os casos de monstruosidade contra a mulher não param, uma mulher grávida foi assassinada depois de ser atraída para uma emboscada em Olinda, a ordem veio de dentro da cadeia, segundo a polícia o próprio namorado da vítima seria o mandante do crime. Motivo: a jovem estava grávida e o detento não queria que ela tivesse o bebê. Olha que casal bacana. Veja, *né* (sic)? Esse não foi o único caso registrado. Uma outra jovem de apenas 22 anos morreu após ser queimada, o namorado não aceitava o fim do relacionamento. KAROLINE Fernandes, direto de Recife, fala minha filha.

**SIKÊRA [36'36'']:** Obrigado, KAROLINE. Obrigado, KAROLINE de Recife. Antes de falar desse caso, desse casal aqui (apontando para o telão), eu vou falar do primeiro caso. O cara mandou matar a namorada porque ela *tava* (sic) grávida e ele não queria o filho, mentira! Ele é corno, comigo, ele é corno! (CORNO, repete o coro formado pelo elenco) Psiu, não era dele! Não era dele? (Não! Repete o coro formado pelo elenco). Tem mais: ele ligou de dentro da cadeia, eu não sabia, não. Tem celular dentro da cadeia? Tem um *mói* (sic). Será? Isso é conversa, isso não existe, não. Celular na cadeia? Psiu, funciona melhor que na minha e na sua casa. Tem até wifi. Cala boca! Psiu, eu não entendo como é que na cadeia, no presídio, o sinal do celular é melhor que na minha casa. Precise do celular na rua que você fica: “Oi, cortou o sinal, pera que picotou, hein? Ui, oi!” Mas na cadeia é uma beleza, funciona que é uma beleza! No presídio o sinal de celular é perfeito! É *whatsapp, facebook, instagram, orkut*, a peste, tudo lá dentro! Na minha casa ele não pega, ele picota, eu tenho que escolher um lugar da casa. “Não ele picota, só falo dali, de cima do tanque de lavar roupa, suba”! Voltando *pra* (sic) esse casal aqui, olha que beleza, olha que beleza, olha a lindeza! Bota tela cheia *pra* (sic) eu ver a cara desse vagabundo, coisa linda! A mulher chegava, e ela é bonita, era bonita, morreu queimada, a bichinha! Toda queimada! Oh a cara do vagabundo! Olha que beleza, a mãe e o pai entregar *pra* (sic) um vagabundo desse! A filha amada, bem-criada entregar *pra* (sic) um nojento desse! E sabe por que

ele ateou fogo nela, volta *pra* (sic) mim, sabe por quê? *Pra* (sic) cá! Sabe por quê? Porque ela não queria mais ele. E ele não aceitou. Um cara feio desses, vagabundo, preguiçoso, marginal, não dá um dia de serviço pra Jesus, não entra nem no oitão do céu, se agarrar com uma moça bonita dessas. Tem foto dela sozinha, mostra ela sozinha! Cada foto linda, a moça, linda! Eu não sei o que que essas moças, bonita, *oia* (sic) que sorriso! Agora, sabe o que é? Moça bonita se agarrando com cabra safado, vagabundo, preguiçoso, maconheiro! É isso que *tá* (sic) dando, olha como ele ateou fogo na casa, com a pobre dentro, que moça linda, rapaz. Que moça bonita, que moça bonita, se agarrou com uma desgraça daquela! Mulheres do meu Brasil se valorizem! Moças do meu Brasil se valorizem! Psiu, eu sei que homem *tá* (sic) em extinção nesse país, *tá* (sic) em extinção, *tá* (sic) acabando, mas não *tá* (sic) assim também, não. Olha, escolha direitinho. Tem mulher que se agarra com vagabundo, eu não sei que prazer é esse! A menina nova se agarrar com vagabundo! Vagabundo! Preguiçoso, não dá um dia de serviço, passa o dia inteiro de bermuda, não dá um dia de serviço pra Jesus Cristo! Pendurado *num* (sic) cigarro de maconha, o cigarro segura ele, maconheiro desde menino! Uma corrente no pescoço, *pra* (sic) dizer que é ouro, não é! O gostosão! Não tem nada na vida! Não tem como levar a namorada *pra* (sic) comer uma pizza! Só vive liso e fedendo e devendo a traficante! Aí essas meninas bonitas se encantam com essas desgraças, olha, uma moça dessas! Uma moça dessas era *pra* (sic) tá trabalhando num shopping, não é? Numa loja de roupas bacana, sendo uma modelo! Mas se agarrou com quem? Com um vagabundo! Mulheres, moças do meu Brasil, se valorizem, pelo amor de Deus, se valorizem! Comigo: se valorizem! (Se valorizem, repete o coro formado pelo elenco). Não se agarre com qualquer um não, moça! (Não se agarre com qualquer um não, repete o coro formado pelo elenco) *Tá* (sic) bom, não é pra repetir, não, que eu não mandei repetir. *Oia* (sic), psiu! Escreva o que eu vou te dizer: homem é igual a guarda-chuva! Um dia você esquece ele em algum lugar! Eu vou além: homem é igual a ônibus, perdeu um aqui, pode demorar, mas uma hora chega outro! Depende da cidade. Depende da cidade, né? Mas 1 hora ou 2 horas vem! Uma hora vem!

**APÊNDICE D****TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO NO DIA 31/01/2020****COCAÍNA NA MALA: ACREANA É PRESA TENTANDO DESEMBARCAR NO AEROPORTO DE RECIFE**

**REPÓRTER [52':50'']:** Sikêra, uma mulher de 28 anos, natural de Rio Branco, no Acre foi pega no Aeroporto Internacional de Recife, quando foi presa com uma mala cheia de cocaína, a Polícia Federal de Pernambuco interceptou essa bagagem e dentro dela havia 9 tabletes de pasta base para droga, o equivalente a 10 quilos de cocaína. O assessor de comunicação da Polícia Federal daqui de Pernambuco, Geovani Santoro, informou que ela já tem antecedentes criminais, já foi presa por roubo e também por tentar entrar em um presídio portando documentos falsos

**AUTORIDADE ENTREVISTADA [53:24]:** Geralmente quando se transporta essas drogas, esses traficantes costumam fazer um fundo falso, costumam colocar nas laterais, mas nesse caso em específico a gente vê que é uma pessoa totalmente inexperiente, porque ela colocou os nove invólucros somente cobertos pelo edredom, então em qualquer raio-x que a mala passasse ia identificar a droga com facilidade. Ela já tem passagem pela polícia, já foi presa por furtar um supermercado em Rio Branco, no Acre, já foi presa também por tentar entrar no presídio para tentar fazer uma visita a um detento usando documento falso e ela disse que foi aliciada em Rio Branco, no Acre, para vir aqui para Pernambuco para trazer esse cocaína

**REPÓRTER [53:57]:** Sikêra, e em depoimento esta mulher contou à Polícia que foi aliciada por outra mulher lá no Acre e que aqui no Recife ela ficaria hospedada no bairro de Boa Viagem, área nobre no Recife e que alguém que ela desconhece iria receber essa cocaína. Pelo transporte dessa droga ela iria receber 5 mil reais, esta é a segunda apreensão de cocaína este ano no Aeroporto Internacional do Recife.

**SIKÊRA [54':23'']:** Obrigado Karoline, obrigado. Óh, moça, moça, o que vai ter de gente de oferecendo essa facilidade para ganhar direito é muita e tem muita besta que cai. Você vai ser usada como mula, é muito boa a oferta, olha, é simples: você vai levar esse pacote, vai descer lá no aeroporto, fica tranquila que eu conheço lá todo mundo, ninguém vai te parar, vai revistar e você vai ganhar 5 mil, 6 mil reais, se você conseguir burlar, driblar, se você sair do aeroporto, o traficante vai te dar 3, "toma depois eu te dou o resto", "mas não era 5?" "psiu, presta queixa a polícia, vá lá, toma aí, presta queixa a polícia". Moças,

não caíam nessa história não, a tecnologia está muito avançada, são cães farejadores, é raio-x, é gente preparada, os policiais federais, o pessoal da receita federal, *num (sic)* vá nessa onda que tem amizade, mas não que vai passar, isso é mentira. Se você for, você vai presa, você vai ser processada, e sabe quem vai visitar você? Somente sua mãe. Somente sua mãe. O macho que te botou nessa parada aí, ele não pode passar na frente do presídio que quem fica preso é ele, vai por mim. Tira essa desgraça! – (SIKÊRA fala sobre o telão que está passando imagens da mulher sendo ouvida pela polícia). Meninos do meu Brasil! Meninas do meu Brasil! Não cheirem cocaína, cheirem pescoço de menina, vamos repetir igreja! (Elenco: Não cheire cocaína, cheire pescoço de menina!). Repita comigo, só o povo de casa! Não cheire cocaína, cheire pescoço de menina. Não tem coisa melhor! Se você não gosta de menina, aí você cheira o pescoço do menino, pescoço de uma girafa, do que você quiser, mas não cheire cocaína, você vai morrer, você vai morrer. Atenção Brasil varonil, atenção Brasil Varonil! Eu já tenho imagens do nosso pátio para o desafio de hoje. (Elenco: ÊÊHH!). A catapulta da morte! Imagens por favor, olha a preparação! (No telão passa a exibir imagens de um grupo de pessoal em volta de uma estrutura de metal com uma espécie de colchão de ar). - Olha lá o time *tá (sic)* todo! Meu Deus do céu, sensacional! É desta vez! Os nossos heróis daqui a pouco irão, irão, pela audiência da televisão, pela ciência, pelo programa aeroespacial brasileiro, irão colocar à disposição suas vidas, vão desafiar a gravidade! Senhoras e senhores, é daqui a pouco, a equipe *tá (sic)* lá fora aprontando, *já já* teremos o nosso desafio, muito bacana, nosso estúdio 39, é o estacionamento, mentira, é o estacionamento da casa, viu? Embaixo da antena. Então, é lá, olha, o pessoal preparando, olha! Quantos efeitos especiais, um refletor, né? Entendeu? Vai ser muito bacana, daqui a pouquinho, daqui a pouquinho. Psiu, nessa prova de hoje, pode morrer? (Elenco: pode!). Pode sair alguém aleijado? (Elenco: pode!). Paralítico? (Elenco: Pode!). Mas tudo pela audiência da TV brasileira! (Elenco: Uhu! ÊÊ!). Eu tenho um link? Tenho aqui? Mayara Rocha? Coloca a Mayara Rocha no telão, coloca a Mayara, coloca a Mayara!



## APÊNDICE E

## TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO EM 21/04/2020

**NÃO ACEITAVA O FIM: Homem mata ex-companheira e padrasto dela (DF)**

**REPÓRTER [40':00'']:** Francisco Herbet, 25 anos, aqui na 6ª Delegacia do Paranoá, na tarde da última sexta-feira, acompanhado de um advogado, ele foi para Minas Gerais depois de cometer o crime, segundo ele, para esfriar a cabeça. Contudo, era mentira, queria mesmo era sair do flagrante. Então, se apresentou aqui na DP, mas não imaginava que o mandado de prisão já tinha sido expedido pela justiça

**REPÓRTER [41':55'']:** Assim que tomou conhecimento do crime, a delegada responsável pelo caso, já pediu para a justiça um mandado de prisão preventiva, isso fez com que o principal suspeito, ao se apresentar com o advogado, não saísse pela porta da frente como se nada tivesse acontecido

**SIKÊRA [43':15'']:** Doutora Jane Klébia, parabéns Doutora Jane Klébia, o trabalho da senhora é excelente, respeitado em todo o Brasil. O meu respeito e meu carinho a senhora. E esse marginal acabou com a família, ele matou a ex-mulher que não queria mais nada com ele, isso é um brocha safado, isso é um brocha, ela não queria mais. E ainda matou o padrasto dela, é isso Elias? O padrasto. Ele foi defender... O padrasto viu a moça sendo ferida por esse vagabundo, olha que cena terrível. (Na tela volta a passar o vídeo da amiga socorrendo o padrasto depois das facadas). Cena de filme daqueles de causar pesadelos para o resto da vida. Alí *tá* (sic) caído o padrasto e a moça, que não queria mais ele, esse vagabundo. (Param de mostrar o vídeo e mostram uma foto da vítima com o assassino e a imagem de uma criança embaçada). – *Óh* a cara, *num* (sic) tem cara de doido já, *num* (sic) tem? (Elenco responde: Tem!) Mas eu quero ver essa brabeza dele é no presídio, essa brabeza dele no presídio. Isso é um giletão enrustido olha que mulher linda. (A imagem volta para Sikêra). - Mas sabe o que é? A mulher de hoje se agarra, não tô generalizando não, mas a maioria das meninas hoje se agarra com qualquer coisa, viu? As meninas se apaixonam por cada merda, por cada caba. Os *cara* (sic) vagabundo, não dá um dia de serviço pra ninguém, tudo fumando maconha, não faz NADA e a menina se apaixonou, "meu boy magia", "boy magia". Boy magia quando tu tiver apanhando dele! Quando ele começar a raspar tua cabeça, quando ele começar a cortar teu cabelo e dá na tua cara, tu vai lembrar primeiro da tua mãe e depois vai lembrar desse velho. Vai passar um filmezinho na sua cabeça, e você vai dizer: "Será que eu vou morrer agora? Será que vai ser nesse momento?". Quando você tiver apanhando desse boy magia safado que

você arrumou, você, moça, não se faça de surda não, PSIU!, eu *tô* (sic) falando com você moça que tá namorando esse boy magia! Essa coisa fedorenta! Essa coisa nojenta que não dá um dia de serviço pra Jesus. Não respeita pai, não respeita mãe, *tá* (sic) com esse short desde a semana passada, fedendo, diz que é quarentena. Quarentena de rabo? Cabra safado! Moça, não se agarre com qualquer coisa, se valorize moça, moças do meu Brasil, se valorizem! Se valorizem enquanto é tempo, depois vocês ficam jogadas e ninguém quer mais *pra* (sic) nada. “Essa moça, essa daí namorava com aquele vagabundo, maconheiro”, queira isso *pra* (sic) você não, meu amor. Queira não, viu? Se cuide, se afaste. Goste de homem que trabalhe, que estude de noite, que não tenha tempo para quase nada! Esse que é o homem decente! Esse vai que lhe dar longos anos de vida, vai lhe dar um sobrenome, vai lhe dar filhos, casa, família e respeito na sociedade. Esse sim! Mas esse vagabundo que você está agarrada com ele, uma bermuda de veludo, é um nylon né? É um bumbum de nylon, é o tactel, aquilo fede feito o cão! (O apresentador começa a se afastar do enquadramento da câmera e interagir com os assistentes de produção). Aquilo fede! Por isso que maconheiro, ele anda assim: - ele faz um andar exagerado do quadril para frente e os braços balançando para trás. - É ou não é? (Elenco: É!) *Pra* (sic) abanar a catinga de rabo. Maconheiro, raça do cão, *come on* (vamos)? (Elenco: Maconheiro raça do cão!). Maconheiro raça do cão! (Elenco repete: Maconheiro raça do cão!). PSIU! Moça, moça, o que é que faço para entrar na sua cabeça, moça? Sua mãe até já desistiu, coitada. Seu pai chora no chuveiro. Não namore esse cabra safado não, moça! MOÇA! Você pode *botar* tatuagem do nome dele até na sua testa, ele não vai mudar! "Ah, eu vou dar um filho a ele!" ELE NÃO VAI MUDAR! Ele vai é dar um chute na sua bunda, ele vai arrumar outro! OUTRO! (Elenco: OUTRO!) Primeiro que o cara que fuma maconha ele é giletão, *GILETÃO!* Quando ele fuma, moça, quando ele fuma ele endoida! Óia (sic), psiu, de noite, "Aí, mão na parede, mão na parede". (em tom de deboche, fazendo a voz mais fina) - Psiu, psiu, psiu, e o cachorrinho? E o cachorrinho? Como é o nome da raça? (Elenco: Shih-tzu!) É o Shih-tzu, hum, meu filho! E o gatinho? Meu gatinho caramelo! Venha caramelo, venha, meu filho caramelo! Psiu-psiu, caramelo... AHHH, vá te lascar, maconheiro safado!! Primeiro sinal de gente ruim é um coque, uma barba, uma camisa de Che Guevara e a foto do instagram ou é o um gato ou é um shih-tzu, pode olhar naquela fotinho do instagram! *Um shih-tzuim, branquim* e ele: "meu filhinho". Teu pai chora no chuveiro, cabra safado! Teu pai chora, ele está decepcionado! Seu pai chora, seu pai chora decepcionado com você!

## **CORAÇÃO DE PEDRA: MÃE CONFESSOU TER JOGADO CORPO DA FILHA DENTRO DE UM RIO (SP)**

**REPÓRTER [56':48'']:** Oi Sikêra, muito boa noite. Boa noite para você, boa noite para todos que assistem a gente nesse feriado. Então, a Polícia Civil descobriu esse caso que tem dado repercussão aqui no Estado, viu? Há mais ou menos 50 dias, a bebê Isis, tinha desaparecido. A mãe, desde o início do registro na polícia civil, havia contado uma versão, o nome dela é Jennifer Natália Pedro, ela tinha dito que tinha saído pela manhã para fazer alguns afazeres, tinha deixado a bebê com a avó, quando voltou para casa a bebê já tinha desaparecido, disse que a avó sofria de alguns problemas mentais. Depois que a polícia civil começou a investigar a fundo esse caso, Sikêra, descobriram algumas inconsistências no depoimento dessa mãe, foi aí que depois que aconteceu toda a investigação, na última sexta-feira, dia 17, ela foi presa temporariamente e foi, então, na Delegacia que ela confessou a morte da filha. Em novo relato ela contou que, na verdade, tinha saído de casa durante a noite e quando voltou para casa a filha estava com fome, com febre e deu uma mamadeira para ela e deixou a criança da barriga *pra* (sic) cima, quando foi no outro dia, ela já tinha morrido asfisiada sozinha, se desesperou e então planejou, *né* (sic)? Colocou o corpo da criança dentro de uma mochila, foi até ao rio no interior de São Paulo, próximo à casa dela e despejou o corpo. A polícia diz também, SIKÊRA, que durante o depoimento, ouve só essa história: que usou entorpecentes, ela então é usuária de drogas, e usou drogas minutos após ter se livrado do corpo da própria filha. Enfim, ela agora está presa e a polícia continua as buscas pelo corpo dessa bebê para identificar se realmente Isis sofria maus tratos por conta da mãe. Olha a situação, que história triste, Sikêra Júnior, é com você aí.

**SIKÊRA [58:48]:** Muito obrigado, Rodrigo. Olha, me desculpa, chamei de Rodrigo, é Danilo. Esta é a que chamam de mãe, eu não chamo de mãe, isso é a desgraça. Isso aqui é a desgraça. E tudo leva a crer, pelas escutas telefônicas, que a Polícia Civil estava acompanhando porque ninguém acreditou na história dessa coisa desde o princípio, desde o princípio ninguém acreditava nessa história. E Sikêra, como é fofoqueiro e falador da vida dos outros, eu *tava* (sic) aqui já comentando com meus colegas, *eita* que tem mais capítulos nessa novela, talvez vocês não lembrem. Essa coisa imunda, fez tudo isso, sabe por quê? (sic) Por causa do ex. *Pra* (sic) provocar o ex, que não queria mais saber dela. O ex! Coloca aí a foto da criança. (É exibida no telão a foto da criança) - O que essa pobre? Qual é a culpa? Qual é a culpa que essa pobre criança tem de ter uma mãe, uma mãe não, de ter uma doente mental como cuidadora, uma vagabunda preguiçosa dessas

(sic), usuária de drogas, viciada em maconha? Me diga mesmo! Olha: “Eu não quero não, pega a criança”, você que abriu as pernas e se arrependeu, pegue a bebê, vá na Igreja do seu bairro, Bispo, Pastor, Conselho Tutelar, senhor Juiz, senhor Delegado, alguém vai te dar uma orientação! "Olhe, eu não quero não, eu não vou ter cabeça para criar, sou uma mãe muito jovem, eu quero curtir a vida, eu não quero criar". Vai se arrumar um jeito! Precisava matar? Tem outra foto linda, meu Deus, dessa menina, a coisa mais linda do mundo, e independente da beleza, é de fazer dó, quem era para proteger, quem era *pra* (sic) cuidar, matou a criança! Jogou no rio, dentro de um saco plástico! A ruindade dessa desgraça é tanta, tanta! Mas dentro do presídio ela vai se dar bem! Dentro do presídio ela vai se dar bem! Aí eu te digo agora, quando mulheres querem ter um filho e não podem? Quantas mulheres desse meu Brasil querem engravidar e não conseguem? Já fizeram de tudo, de tudo! E até agora, nada! Não conseguem engravidar. Aí vem uma coisa daquela. (É retirada a imagem da criança do telão e colocam a imagem da mãe). - Ainda vem umas preguiçosas aí, "Não, porque a legislação do aborto...". Olhe, você deu sorte porque sua mãe não lhe abortou! Porque falar "não, porque nesse momento a legislação, o aborto...". Você deu sorte que sua mãe não lhe abortou! Você teve sorte! Você que fala em aborto é a primeira a proteger tartaruga, não quero nem conversa com você! Vá tomar banho, vá! Sai de perto de mim. Quando chegar esse papo perto de você, faça assim *óh*: (fazendo careta, o apresentador abana o nariz). - Mande tomar banho! Vá raspar esse sovaco *pra lá, vá!* (sic) Faça assim, vá por mim, não tenha medo não. *Psiiu*, Brasil perca o medo, viu? Pecar o medo, acabou isso, viu Brasil? Acabou! Não tem mais, hein Brasil, não tem mais, acabou esse medo. “É um grupo, é um núcleo, é um movimento...”. Movimento é um cacete! Se me respeitar recebe respeito, se me respeitar recebe respeito! Não me respeitou? Vai a merda. Essa desgraça aqui, quem quer? Quem quer levar *pra* (sic) casa? Ninguém! Quem quer fazer uma visita? Ninguém! Ninguém! E escrevam a data de hoje! Daqui a no máximo 6 anos, ela vai ser liberada para o dia das mães, escrevam o que eu estou dizendo! Ela vai ser liberada em seis anos, escreva o que eu estou dizendo. Seis anos! Ela vai sair pela porta da frente, *pra* (sic) passar o dia das mães em casa. Casos e casos temos aí: Nardoni, Richthofen e outros e outros, Anna Carolina Jatobá e outras! Mas tu *vai* (sic) pagar caro viu coisinha? *Psiiu*, tu *vai* (sic) pagar tão caro, coisinha! Tão caro! O castigo *pra* (sic) tu é tão pesado, tão pesado que você não tem ideia! Que Deus lhe deu o dom de ser mãe e você jogou fora, você matou a sua filha! Isso é uma covarde, rapaz. Tanta gente querendo engravidar, o que tem de amiga da minha esposa. “Rapaz, eu não sei o quê que eu faço”! Já pagou o tanto de exame, já foi *pra* (sic) médico em São

Paulo, foi para fora do País e nada! Trocou, pegou o marido dos outros e nada! Não tem e não consegue! Não consegue! Aí vem uma desgraça dessas, na primeira vez que abre as pernas, *tá* (sic) aí! O que é que ela fez? Matou a bebê! Tira essa desgraça. (Retiram a imagem da acusada do telão). Psiu! Feche as pernas! Vamos criar a campanha, a hashtag feche as pernas! (Elenco repete: #Fecheaspernas) é a melhor maneira para você não engravidar, viu? #Fecheaspernas. Peça *pro* (sic) pessoal todinho da internet, atenção YouTube, o Brasil todo agora, por favor, vamos criar a #Fecheaspernas, mande aí pra sua amiga, vá! #Fecheaspernas fulana! Não quer ter filho? Não quer engravidar? Agora, se quiser abrir as pernas tem camisinha, é de graça, no posto de saúde. Camisinha, tem anticoncepcional é de graça também, tem ginecologista pelo SUS, demora um pouquinho *né*, lógico, porque hospital no Brasil a gente não precisa, a gente precisa de estádio, *né*? Então, #Fecheaspernas! Vamos bater o *trendtopics*, como é o nome que diz quando vai? *TrendTopics*? O *top* aí no *orkut*? No *twitter*! *Vamo* (sic) bater nessa hashtag hoje!. O Brasil todo, quem não escrever vai morrer amanhã! #Fecheaspernas! Eu duvido, eu duvido, você abortar um filho do Neymar! Do Roberto Justus! Do Luciano Huck!

## APÊNDICE F

## TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO EM 13/08/2020

**BRIGA DE VIZINHOS TERMINA EM TRAGÉDIA: PERSONAL TRAINER FOI ASSASSINADA A FACADAS**

**REPÓRTER [56':16"]:** Oi Sikêra, boa noite para você, para todo mundo que acompanha o Alerta Nacional! Pois é essa história triste aconteceu no bairro Jardim Anchieta, lá a 470 km, na verdade, daqui do centro de São Paulo, uma coisa absurda! Essa *personal trainer*, ela foi até a casa da mãe dela, porque a mãe pediu para ela colocar comida pro (sic) cachorro porque a mãe não *tava* (sic) em casa, tinha saído, não ia chegar a tempo, ela pediu para a filha ir até lá. Quando a filha chegou, ela passou em frente a casa desse débil mental, desse maníaco sexual, que não se conformou em ver a garota bonita por que Andressa, o nome dela, Andressa Serantoni, 28 anos, *personal trainer*, muito conhecida ali na região de São José do Rio Preto, ela trabalha bastante, faz aulas, agora com a pandemia, fazia né? Aulas virtuais. E aí o cara ficou louco, começou a gravar pelo celular e falar palavras de baixo calão, tipo: “ó isso aí lá em casa”, sabe? Aqueles caras doentes! Ela se sentiu invadida na sua privacidade e foi falar “Que absurdo é esse? Você aí me gravar? Então é o seguinte: eu vou te gravar e entregar imagem para a polícia porque você está me assediando e tal”. E o cara: “Pode gravar à vontade, porque você é gostosa”. Começou! Ela ficou inconformada, chamou a mulher dele: “Vou falar para sua mulher, agora, já que você é tarado desse jeito, você não respeita as mulheres!”. A Sidileide Normanha da Paixão Santos, 41 anos, em vez de ir lá e dar um safã no marido, quê que ela fez? Começou a xingar a garota, a *personal trainer*! Começou uma briga, inconformada, ficou achando que ela tinha dado em cima do marido dela, começou a xingar, o marido vendo que a situação estava ficando fora de controle e ela realmente ia mostrar as imagens para polícia, pegou uma faca, deu uma facada nela, e segundo testemunhas, a mulher pegou a faca da mão dele e completou o serviço, Sikêra. Umás imagens chocantes, ela morreu na calçada entre a porta do casal de vagabundos e da mãe dela. E o mais triste, se é que dá para ficar mais triste do que isso, mas tão triste quanto a morte da garota, é a imagem depois que a polícia viu os vagabundos se escondendo em casa, a polícia entrou na casa e tinha, lá na casa, os 4 filhos, de 4 a 12 anos, que não têm família na região, a polícia não encontrou a família deles, foi obrigada a chamar o conselho tutelar e levar as crianças para o abrigo. Olha que tragédia que esses vagabundos fizeram! Mataram uma profissional, uma menina com o futuro pela frente, porque ela foi

lá entregar a comida para o cachorro e foi assediada. E agora vão responder por homicídio qualificado por motivo torpe, fútil e podem pegar até 40 anos de prisão. Valeu a pena tudo isso? Chora agora a morte, a mãe né? Que hoje deu uma entrevista falando que *tava* (sic). Se soubesse deixaria ela, ela não teria saído, ou seja, a mãe agora tá com culpa! E esses dois vagabundos já estão presos, já estão aqui no DEM, vieram aqui para São Paulo, a disposição da justiça. É triste né Sikêra? A gente tem filho, você cria o filho, depois vem um vagabundo, desse faz isso com sua filha. Se der tempo a gente volta com outra história interessante, obrigada aí!

**SIKÊRA [59':28'']:** *Brigado* (sic) Edie! Daqui a pouco você volta! Senhoras e senhores, mostra a moça! Olha que moça bonita, gente! Ela dava aulas em casa, online. (No telão aparece a imagem da moça fazendo exercícios) - Ela dava aulas online devido à pandemia, uma moça muito bonita, muito bonita! E o cara enlouqueceu por ela, o vizinho enlouqueceu por ela, apaixonou! E começou a mandar mensagens para ela, começou a assediar, ela ficou preocupada! Ela ficou preocupada! “Ihh, tá estranho” porque o cara dá uma de doido, doido não é isso é um tarado, tarado sexual, e ele acabou matando essa moça a facadas com a ajuda da própria esposa. Ele matou essa moça tão bonita! Esse cara vai pagar tão caro quando ele chegar no presídio, ele vai pagar tão caro, vai pagar mais tão caro! Tem uma foto dela, Elis! Em vez de imagens em movimento, tem uma foto dela que é muito bonita! Essa moça é uma profissional, olha que bonita, gente! Ele se apaixonou, até aí tudo bem, ficou fã até aí tudo bem, só que ele virou tara! Tara! Tara! Ele queria ela de todo jeito, ela achou estranho disse: “óh, você pare com isso ou eu vou avisar a polícia que estou sendo assediada por você” e ele atacou! E ninguém a acreditava que ia acontecer uma tragédia! E ele falou para a esposa dele... Sim, desculpa, a moça, essa moça chegou a relatar para a esposa do assassino e ela disse que era o contrário, a menina que dava em cima do marido dela. Óh, deve ser uma coisa bela, deve ser um rapaz muito bonito deve ser um galã, cabra safado! Aí pronto, a coitada, morreu de graça!

### **13.AMOR EM CHAMAS: IMAGENS FLAGRAM BRIGA DE CASAL ANTES DA MODELO SER QUEIMADA**

**REPÓRTER [01:08:27]:** Oi Sikêra, novos vídeos do condomínio onde a modelo capixaba, que mora aqui no Espírito Santo, vazaram nas redes sociais. Nas imagens é possível ver brigas dela e da namorada, momentos antes que ela aparece já em chamadas na portaria do prédio. O vídeo que vazou mais recente, mostra a modelo e a namorada brigando no condomínio antes dela aparecer em chamadas. Em uma das imagens Katiuscia

parece tentar pegar algo no bolso da namorada e depois aponta para a câmera. Depois, a briga se estende para o estacionamento do condomínio, elas parecem bater boca e depois se separam. A namorada de Katiúscia conversou com nossa equipe, ela confirmou que as duas tiveram uma discussão antes do ocorrido, mas negou que ela tenha culpa. Ela disse que a modelo estava sob efeito de medicamentos e que teria entornado produto inflamável no apartamento.

**NAMORADA COM A IMAGEM EMBAÇADA E A VOZ DISTORCIDA**

**[01:09:28]:** Eu trabalho com essências, eu estava conversando até inclusive, e quando a pessoa quer, sabe, e tá nervosa e quer destruir com tudo, entendeu? Acaba acontecendo isso. E ela acabou jogando líquido no chão, o isqueiro eu peguei o isqueiro lá e disse a ela “você não vai tacar com o fogo da gente não, né?”. Ela me olhou com uma cara assim né, super né, com raiva, muita raiva. Eu o joguei o isqueiro pela janela, o isqueiro bateu, caiu e voltou no meu pé, eu peguei o isqueiro, consegui pegar o esquerdo e joguei ele debaixo da geladeira, isso eu vi que ela foi atrás e pegou o isqueiro, e eu pensei “pronto, agora ela vai tacar fogo na gente”. Aí eu peguei e saí correndo, nisso eu vi um menino, eu parei e continuei andando, porque tem muita gente que mora no condomínio eu não queria causar tumulto

**REPÓRTER [01:10:11]:** Nas imagens da modelo em chamas, a namorada aparece tentando ajudar a apagar o fogo. Apesar da versão contada pela namorada, a mãe da modelo não acredita que o fogo tenha sido provocado pela filha.

**MÃE DA VÍTIMA [01:10:25]:** Minha filha não colocaria fogo não, ela não faria isso não.

**REPÓRTER [01:10:29]:** A polícia civil informou, por meio de nota, que a Delegacia especializada de homicídios e proteção a mulher instaurou procedimento para apurar as circunstâncias do fato e detalhes não serão divulgados

**NAMORADA DA VÍTIMA [01:10:42]:** Eu concordo em questão da investigação para também não me culparem, mas eu vou estar com ela independente se a gente vai estar junto ou não. Eu vou estar dando total apoio para ela, entendeu?

**SIKÊRA [01:10:54]:** Para que você entenda melhor a história, essa moça que aparece aí em chamas, ela é modelo. Ela namora essa outra, ela companheira dessa outra moça aí. Essas imagens chegaram logo após, logo após, a edição. Elas aparecem brigando, ela dá um ok para a câmera. (Enquanto o apresentador fala, no telão estão passando as imagens das câmeras de segurança do condomínio). Ela sabe que a câmera está aí, e aí a companheira dela tentando calar ela, eu acho que ela estava gritando com ela, não sei. É



uma briga, é uma briga entre parceiras que acabou em tragédia. Agora, vamos seguir o raciocínio, senhoras e senhores, óh elas duas brigam. Eu acredito que a modelo queria que ela voltasse para casa óh óh óh! Ela sabia que a câmera estava pegando tudo direitinho. Essa parte, já no estacionamento elas brigam e aí o que que acontece? Coloca agora a cena da tragédia, por favor. (no telão começa a passar o vídeo correspondente à entrada do condomínio). Esse é o momento que ela atea fogo no próprio corpo, eu acho que isso aí foi intencional. Eu acho! Achar todo mundo acha! Eu acho que isso aí foi para chamar atenção da companheira dela, já que estavam brigando ela disse: “Quer ver? eu vou morrer”. Ela está com 40% do corpo queimado, ela está no hospital a companheira dela foi quem falou com a gente há pouco tempo, há poucos instantes. Ela está sendo massacrada nas redes sociais, está sendo massacrada. Está todo mundo botando na conta da moça, da companheira dela. A mãe não acredita que ela tenha feito isso com o próprio corpo, a polícia já está com essas imagens. Vai ter capítulos nessa novela? Vai! Vai, vai ter mais capítulos e vocês vão saber a verdade logo, logo. E outra: quem quer se suicidar não manda recado, não espera fazer cena não, tá? Perceba que moça, depois que ela cai, percebam que a porta só pode ser aberta por dentro, para a sorte dela, ela conseguiu abrir a porta e olha praí! Êêh, o que não se faz por amor!

## APÊNDICE G

### TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO EM 08/12/2020

#### **CORRENDO DA MORTE: MULHER É AGREDIDA COM GOLPES DE FACÃO NA CABEÇA (PR)**

**REPÓRTER [30:29]:** É Sikêra, uma mulher sofreu vários cortes e perfurações provocados por um facão. Esse caso aconteceu em Cascavel, região oeste do Paraná. Imagens de câmera de monitoramento de uma residência no bairro Esmeralda, flagraram o momento em que a vítima, que tem 25 anos, é perseguida e atacada pelo agressor em posse de um facão. Foram vários golpes que atingiram todo o corpo, inclusive a cabeça da mulher, isso porque ela ainda conseguiu correr por várias ruas do bairro como mostram as imagens. Após ser socorrida, ela foi encaminhada ao hospital em estado grave, a PM foi acionada e de imediato um boletim de ocorrência foi registrado. O agressor, conhecido pelo apelido de Toco, fugiu do local, mas foi identificado, localizado e preso por policiais civis, e a motivação do crime seria um desentendimento por causa de um aparelho celular. Então, mais uma mulher vítima de violência só que dessa vez, o agressor acabou preso por policiais da Delegacia de Homicídios de Cascavel. O homem foi autuado em flagrante por lesão corporal grave, com pena que varia de 1 a 5 anos de prisão. Com imagens de Allan Gabriel, direto do Paraná, Fernanda Batistela para o Alerta Nacional.

**SIKÊRA [31':46'']:** *Brigado* (sic). Fernanda Batistela! O que fazer com o um cara desses? Mostra a cena. Mostra a cena! - Passam a reprisar as imagens da câmera de segurança. A mulher pedindo socorro e ele com um facão. Fazer o quê com um cara desse? Me fala! São dois facões, será? São dois facões? *Deixa eu* ver a cena (sic). *Deixa eu* ver ali (sic). Será, meu deus? - A filmagem rebobina e volta a passar do começo. - Gente! Pode ser a bainha do facão! Mas essa bainha eu ia enfiar no-no-no sovaco dele. Isso é um cabra safado! Isso é um cabra... *Óia* (sic), isso num presídio, chora que a mamãe não vê. Isso mais tarde no presídio, seis horas da tarde, chora que a mamãe não vê. Se arrepende tanto, aí pensa nos filhos, na mamãe, no emprego... "Meu deus, o que foi que eu fiz?". Aí os amiguinhos de cela: "Senta aqui! Não tenha pressa, senta aqui" Aí começa um negócio bacana, é "Senta aqui"... Não solta uma lágrima não, viu"? *Você num* (sic) é macho? Agora você vai ver o que é bom agora. É por isso que *lugar pra* (sic) esse tipo de gente é no presídio, não tem outro remédio não, é presídio, presídio!

**SIKÊRA [33:01]:** Vamos para Belo Horizonte, no interior de Minas Gerais imagens impressionantes, mostra o momento que uma mulher usa o carro para atropelar e matar o namorado! (Elenco: Êêhh!) Ele tentou fugir em uma moto. Patrícia, que violência é essa Patrícia, da mulher mineira? Boa noite!

## 6. MIROU, ATROPELOU E MATOU: Mulher usa carro para assassinar o namorado em MG

**REPÓRTER [33:26]:** Pois é, Sikêra, boa noite *pra* (sic) você e *pro* (sic) pessoal de casa. Infelizmente, mais uma vez, o ciúme, *né* Sikêra, transformou uma história que deveria ser de amor em tragédia. Segundo as investigações, esse casal tinha um relacionamento de apenas seis meses, mas era um relacionamento muito complicado, principalmente por causa dos ciúmes da mulher, que está presa. Dá uma olhada nas imagens, são impressionantes, esse flagrante foi em Uberaba, durante o final de semana. (É transmitido no telão o vídeo em preto e branco de uma câmera de segurança). - E envolveu o casal de namorados, Dayse Christina Silva dos Santos, de 30 anos, e Ezequiel Borges, de 32 anos. Sikêra, testemunhas disseram à polícia que na noite da ocorrência o casal passou por vários bares, sempre discutindo, e que a Dayse chamou muito a atenção das pessoas porque ela parecia estar fora de controle, tendo até um ataque de fúria contra o namorado. O Ezequiel decidiu então terminar a discussão e então subiu na moto para ir embora, mas foi perseguido pela namorada. Em uma avenida, ele desviou a moto para a contramão, mas a Dayse jogou o carro para cima dele e provocou o atropelamento. O Ezequiel e a moto foram arrastados por cerca de 15 metros, a batida foi tão violenta que o carro e a moto só foram parar dentro de um bar. O Ezequiel morreu na hora e as imagens mostram que a Dayse conseguiu fugir do local correndo, mas foi presa pouco depois. Bom, Sikêra, a polícia localizou uma ocorrência de setembro deste ano, onde o Ezequiel já tinha registrado um boletim de ocorrência contra a namorada após ele ser agredido e ameaçado por ela e durante uma crise de ciúmes. Um relacionamento, lembrando, que só tinha seis meses. Bom, Ezequiel deixa uma filha pequena e nas redes sociais dele, ele ainda mantinha as fotos da família com a ex-mulher com quem ele estava separado desde o ano passado. A Dayse está presa em uma cadeia de Uberaba e a delegacia de homicídios investiga agora se esse atropelamento foi mesmo intencional, Sikêra.

Ao vivo aqui de Belo Horizonte, Patrícia Contaldi para o Alerta Nacional.

**SIKÊRA [35:44]:** Obrigado, Patrícia, boa noite e até amanhã! Olha, a Delegacia investiga se realmente foi culposo ou não. É doloso! Intenção de matar total! – Sai da

imagem de Sikêra e volta a passar o vídeo. - *Óh!* Lá vem o rapaz, fugindo da ex-namorada, ela não teve dó e quase que acertava de frente o ônibus. Ela quase que partia dessa também *pra (sic)* melhor. Ela, a Dayse, é Dayse o nome dela? Bota a foto dela, parece uma alma. (Retira o vídeo e foca em uma imagem da acusada no telão). - Coisa feia, *num (sic)* é? Olha que coisa feia! Ela não quis ser deixada, o rapaz não queria mais. É muito feia, *tu* é feia visse. (são colocadas as imagens dela e do falecido lado a lado). - *Óia (sic)*, Dayse, *tu* é feia, viu? (Elenco: risadas altas) Dayse, *tu* é muito feia. Olha a testa da bubônica. Dayse! Mostra ela fugindo, ela passou que parecia uma alma. Ela parecia uma alma! - (novamente começa a passar o vídeo em preto e branco das filmagens de segurança). - Mostra aquele momento da fuga. Olha o quê que ela fez, isso é uma *mizeravi (sic)*, meu Deus, matou um pai de família. Só porque não queria mais ela, porque ela é feia, ela é muito feia. E vejam que ela passa feito uma alma, *óia (sic)*! Só a vizinha que é sensitiva que viu! (Elenco: gargalhadas altas) *Ói (sic)*, essa vê tudo, essa vizinha. Sabe aquela vizinha? Você deve ter uma na sua rua aí. Não tem câmera, sabe aquelas top? Não tem uma melhor do que vizinha! E a vizinha fofoqueira é o cão, se ela *ver (sic)* algo anormal a primeira coisa que ela pega é o quê? É uma vassoura! Você pode tirar já, viu? (Ele fala para o assistente de produção parar de reproduzir no fundo as imagens do telão). A vassoura que é para... (o apresentador finge que está varrendo). *Psiu*, quer ver uma coisa? Sua vizinha aparecer? Chegue um caminhão baú na sua porta. Perceba! Vá por mim! Chegar um caminhão baú na sua porta, ela já arruma o que varrer. "Vai simhora? Já tá de mudança?" (*sic*). Aí começa: o pensamento dela sozinha: "Eita, bem não pagou o aluguel e foi despejado!... É não, é móvel novo, menino! Vixe, finalmente trocou o sofá, o sofá todo mijado, furado de cigarro, o gato cagou em cima, vixe, *óia (sic)*", né? "Agora, pagar o que me deve, fez as unhas comigo e *tá (sic)* devendo, *óia (sic)*, sofá novo, é filho, tudo no cartão". Ei, pode ver, é a primeira coisa que sua vizinha faz é buscar a vassoura. E tem aquelas que é boazinha danada, já tudo viúva, bota uma mesinha no final de semana, uma mesinha na calçada, reúne as *véias pra (sic)* beber, cada uma com uma latinha, já começa a rir, com uma latinha! Aí começa a rir, começa a contar... Lembra da Gata Comeu, uma novela de 82. Aí começa a conversar, aí depois começa a olhar e "*Óia*, o filho de dona Maria fuma maconha!", aí começa pau nos outros, sabe? "*Óia óia óia psiu*, olha a filha de Cláudia chegando, rapariga! *Psiu*, *tá (sic)* dizendo pra mãe que é secretária, é não, recepcionista! É mentira! Ela vende Avon de dia e de noite *óia (sic)*..." (o apresentador faz gestos obscenos com a mão). - "*ÉH!*" (Elenco: gargalhadas ecoam pelo estúdio). Lembrou de alguém? - Sikêra pergunta para os assistentes de produção que estão rindo.

**SIKÊRA [39':18'']:** Em Roraima, um homem foi preso por matar a namorada com 27 facadas. A jovem foi encontrada morta dentro de casa e teve as partes íntimas rasgadas com alicate. Ranielly Carvalho, vamos ver.

## **7. ASSASSINADA POR CIÚME DOENTIO: MULHER É MORTA A FACADAS PELO NAMORADO (RR)**

**REPÓRTER [39':33'']:** O corpo da jovem Taluany da Silva Rocha, de 19 anos, foi encontrado pela mãe, todo ensanguentado e com 27 facadas, no chão da casa em que morava com o namorado no município de Alto Alegre, localizado na região norte de Roraima. A faca utilizada pelo assassino foi uma peixeira de 30cm que estava cravada no pescoço da vítima.

Os vizinhos contaram para a polícia que ouviram Taluany gritando e pedindo por socorro, por volta de 9 horas da noite, mas eles falaram que como as brigas entre o casal eram constantes eles acharam que era mais uma discussão normal e ninguém ligou para a polícia. E o que mais chama atenção nesse caso, Sikêra, é que a perícia confirmou que ele dilacerou a parte íntima dela com alicate e ainda fez um corte, no formato de X em uma das pernas dela. No outro dia, os vizinhos perceberam que a caixa d'água estava vazando e estava alagando o terreno da casa em que morava o casal, foi nesse momento que eles ligaram para a mãe de Taluany ir até o local. Quando a mulher chegou lá, se deparou com a cena do crime. O principal suspeito é José Antônio de Souza Melo, de 28 anos, namorado da vítima. Ele estava foragido há quase dois dias e foi encontrado e preso pela Polícia Civil na casa do irmão em Boa Vista. Para os policiais ele confessou ter cometido o crime e disse que fez isso em um momento de fúria e raiva, e que foi motivado por ciúmes, ele contou ainda que o casal estava em um processo de reconciliação e que na noite do crime ele teria decorado a casa toda, teria comprado champanhe e chocolate para comemorar com a namorada, mas acabou que houve uma discussão entre os dois e como ele estava muito alcoolizado, ele acabou matando a vítima, logo depois, ele fugiu do Município de Alto Alegre aqui para Boa Vista, e foi preso ontem na casa do irmão dele, que mora no Bairro Santa Teresa que ,inclusive, é um advogado, ele então foi levado para o terceiro Distrito Policial, passou por audiência de custódia e hoje será encaminhado para o sistema prisional. Com imagens de Maicon Amaral, Ranielly Carvalho de Boa Vista, Roraima, para o Alerta Nacional.

**SIKÊRA [41':56"]:** Uma moça tão bonita, uma moça tão.... Se agarra a uma peste dessas, feia! Uma coisa dessa! Isso é uma coisa desgraçada! Coisa feia dessa! Aí ele vivia morrendo de ciúmes, ela é linda *pra* (sic) ele! Linda! Uma mulher linda essa moça! Bela! A menina é bela! Aí se agarra com uma peste dessas. Uma coisa feia dessas! Ele morre de ciúmes, o quê que ele fez? Ele dilacerou as partes íntimas dele com um alicate. Com um alicate! Ele disse que estava estressado. E por que ele não pegou o alicate e arrancou o pinto dele? Arrancado os ovos, *num* (sic). Era?! (Elenco: Era!). Mas no presídio, eu tenho certeza absoluta que ele vai sentir o gostinho. Que o cara que faz isso com uma moça, tira a foto... - Ele aponta para o telão que começa a exibir a foto da vítima. - Linda, linda, linda a moça! Ela é daqui da Manaus, *num* (sic) *é isso?* Elis *tá* (sic) aí ainda? Já foi? Ela é daqui de Manaus. Moça linda! Aí se agarra.... Bota agora só a foto desse canalha. (No telão é exibida a imagem do acusado). Olha que coisa feia! Olhe, me diga mesmo, essa moça, merecia um canalha desse? Uma coisa dessa? (Elenco: Não!) A cabeça dele é amassada, *num* (sic) *é?* *Ei, psiu*, coisa feia! Isso é um... O pai e a mãe vendo uma filha linda nas mãos de uma coisa... *Óia* (sic) que coisa linda! E a moça vê o que numa desgraça dessas? O que é que a moça viu nessa desgraça? Nesse macho desgraçado. O que é que a moça viu? Esse desespero por causa de macho? Esse aqui? A mulher se agarrar com *a merda* dessas (sic). Ele arrancou as partes íntimas dela com um alicate! *Oh* rapaz, boa sorte, viu? Boa sorte *pra* (sic) você no presídio. Cabra safado, cabra safado. Correu *pra* (sic) casa do irmão advogado, é o besta! "Aqui ninguém me pega, qualquer coisa estou acobertado pela lei". Lei *tá* (sic) no presídio *vêi* (sic), *tá* provado que lá dentro funciona! Lá dentro funciona! Porque o cara que faz isso com um ser humano.... Sabe o que é isso? Ela não queria mais. A realidade é essa. No mínimo é brocha, brocha! Aí a moça: "*Quero mais não*". Aí: "*Não! Se não é mais minha, não é de mais ninguém*". Isso é um cabra safado, rapaz. Moça! Moças do meu Brasil! Pelo amor de Deus, moças! Vocês se apaixonam por qualquer coisa! Moças do meu Brasil, vocês são bonitas e inteligentes, vaidosas! Mas aparece uma peste de um *boy* magia, futuro nenhum, sem gestos, por favor gente. (Sikêra fala para produção) - Sem futuro nenhum! E a mulher se agarra com uma peste dessas! A mãe já viu que não presta, a mãe já sacou, já leu, que mãe sabe! Mãe sabe! Mãe olhou *pra* (sic) figura e fez: "Minha Nossa Senhora da Conceição! Que hoje é seu dia, minha mãe, minha rainha, dai-me a vossa proteção, minha querida madrinha!" A mãe já viu! E chega *pra* (sic) filha e diz: "Minha filha, vá não, esse cara não..." - Sikêra altera o tom de voz. - "Não, mamãe! Ele é o meu boy, meu boy magia, mamãe! É ele!". "Minha filha, não vai dar certo". "Também mamãe, a senhora...". Sua mãe sabe o que *tá*

(*sic*) dizendo. Sua mãe sabe a experiência e você vai saber disso quando tiver filhos. Uma filha! Você vai saber! Você, quando passar a primeira madrugada esperando teu filho ou tua filha chegar da balada, você vai ver o que é bom *pra* (*sic*) tosse, você vai ver o que é bom pra gripe. Você, três/quatro da manhã ligando para sua filha, seu filho e o celular desligado, e você doida querendo dormir e "cadê minha filha? Cadê meu filho? Só dorme quando ele chega! Aí a menina chega e faz "Ôh, mãe, vai dormir!". *Tá* (*sic*) nem aí! "Ôh pai, que isso pai! Que isso, velho?" Eu só desejo que você tenha filho bem cedo e que eles sejam *igualzinho* (*sic*) a você, goste de uma balada, se apaixone por um qualquer coisa! Mulher, se valorize! Mulher! (Elenco: Mulher!) Se valoriza, mulher! Não se pega com qualquer coisa não! Eu mulher, eu era mulher luxenta, eu se fosse mulher? *Oxe*, eu? *Psiu*, primeira coisa, quer ver o erro número 1 da mulher? Atenção moças, eu vou dar a receita: primeiro defeito que a mulher tem, que você pode cometer, é o cara começar a namorar com você e querer te pegar dentro do carro. "Oxe, a gente não vai para um motel bacana, não? Uma hidro? Umas espumazinhas, um champanhe?". "Ah não, aqui dentro mesmo", se você topar uma vez, *cabôsse!* (*sic*). Você não tem valor nenhum não? Dentro de um carro? E é uma marmita, é? É uma quentinha? Você diga não! *Psiu!* Quer ver a periquita? *vamo pro* (*sic*)zoológico, lugar bacana! Moça, se dê valor, tem gente fazendo amor debaixo das pontes, dentro do mato, (Elenco: Mas dentro do mato é ótimo!) *Pra* (*sic*) você, cabra safado! Moça, se valorize, moça! Se valorize, moça! Feche essas pernas! Segura! Teu grande amor vai acontecer! Vai por mim! Isso tudo é chuva, é? (Elenco: É!) Menino, Manaus *tá* (*sic*) se acabando de chuva! Meu Jesus, mandai *pro* (*sic*) Sertão! Oi? E *num* (*sic*) é? Mas todo dia chove, benza Deus! Mas hoje *tá* (*sic*) chovendo mais que ontem! *Ói!* Graças a Deus aqui não tem uma goteira, nenhuma *pingueira* (*sic*), nem nada, graças a Deus! Porque se pingar, pinga *nim mim* (*sic*), *né* cachaceiro?

## APÊNDICE H

### TRACHO DO PROGRAMA EXIBIDO EM 17/02/2021

#### ASSASSINA E INTERESSEIRA: EX-FUNCIONÁRIA É PRESA SUSPEITA DE TORTURAR E MATAR IDOSO (MT)

**REPÓRTER [20':35"]:** Sikêra Júnior, esse crime chocou não só a cidade de Tangará da Serra, mas todo o estado de Mato Grosso e aconteceu aqui nesse lugar em que nós estamos. Esta casa era o local de trabalho do senhor José Raizeiro, ele produzia remédios naturais. No dia que ele completou 81 anos de idade, ele foi morto brutalmente neste local. O detalhe é que a mentora deste crime trabalhou com ele. Logo após o corpo de Seu Zé ter sido encontrado por aqui, começou o trabalho investigativo das polícias civil e militar, um dos envolvidos foi preso pela força tática.

**SIKÊRA [23':23"]:** Obrigado Isaías, mostra aí a *chupa-fardo* aí, isso é homem o um *mulé?* (SIC). (No telão apareceu a foto da acusada, que é uma mulher com roupas masculinas e com cabelo curto). - Que peste é isso? É uma *mulé?* (Elenco: É uma mulher!) Esse é o coitado de 81 anos, pera aí vamos devagar.... Esse é o assassino, essa é o assassino, sei lá que peste é isso! Essa mutação genética, é uma mulher? Eu não sei, aí é problema dela e do bonde que ela anda. Psiu, ela, ela, ela, ela, ela, torturou até a morte um senhor de 81 anos de idade, ela foi contratada para cuidar dele, essa coisa ruim aí. Essa raça do cão. Ela foi contratada para cuidar dele. Ela mentia para a família: “Olha, qualquer coisa me ligue, eu estou à disposição 24 horas, tá? ”. E o senhor já estava morto! Morto! Esta coisa ruim, esta raça do inferno, botou um saco na cabeça do velhinho, no dia do aniversário dele, hein! No dia do aniversário dele, olhe que presente do cão! Essa coisa dentro da casa dele, essa coisa dentro da casa dele! Essa coisa do inferno! Oh rapaz, pelo menos 5 anos na cadeia, pelo menos 5 anos, se a lei nesse país funcionasse. Lei a gente tem demais! Mas bastava 5 anos, coisa ruim! Olha que beleza! *Ói* (sic) que coisa... – *Ói* (sic)!

**SIKÊRA [36':52"]:** Em Brasília, um vagabundo estuprou e roubou o celular de um atendente de um bar, mas como todo bandido, achou que era esperto, ele caiu em uma armadilha armada pela patroa dela! Sensacional! (Elenco: sensacional!) Olha que *lordeza* (sic)! Olha, *as mina pira, as mina pira* (sic)! Olha a pose! (O apresentador aponta para a foto do acusado no telão). Não precisa nem de carro, dinheiro, nada.... Chegar: “*E aê gata? E aê gata! É pôh, é o que? (sic)*”. O Abutre da notícia foi para lá!



## 7. ACHOU QUE ERA MUITO ESPERTO: ESTUPRADOR CAI EM ARMADILHA E VAI PARA A CADEIA (DF)

**REPÓRTER [37':42"]:** O crime aconteceu em um bar, o local estava fechado e só tinha uma única mulher atendente que estava fazendo os preparativos para abrir o estabelecimento. Nisso, chega o autor em um carro um Fiat Siena grafite e para no local, e a princípio pede uma água. Ele começa a observar e ver que a mulher está sozinha e pede uma dose de cachaça. Quando a atendente vai servi-lo, mesmo o bar estando fechado, ele então pula do balcão e começa a ameaçar essa mulher com uma faca. Ele rende ela e ali acaba cometendo o estupro. Antes de fugir, o bandido pega 70 reais e o celular da vítima e vai embora. A jovem, desesperada, consegue fazer contato com a patroa, com a chefe, com a dona do bar e ela então teve uma brilhante ideia: ela ligou para o telefone da funcionária, o telefone da vítima, e quem atendeu foi o bandido, e ela disse que precisava falar com ela porque ela tinha um dinheiro para pagar, uma dívida no valor inclusive considerável. Bom, o bandido achou que tinha conseguido cometer o estupro que não tinha ninguém que sabia do crime e ele não ia ficar só com 70 reais, e começou a negociar com essa mulher um ponto de encontro. Quando tudo foi acertado e o indivíduo já estava esperando no local, quem chegou foram os policiais militares do GTOP 34, os policiais militares daqui de Planaltina, que fizeram a prisão desse elemento pelos crimes de estupro e roubo. Os policiais militares encaminharam o indivíduo identificado como Agnaldo Bispo para a 16ª Delegacia de Polícia onde foi autuado e reconhecido pela vítima como sendo o autor do crime de estupro e roubo. A mulher foi atendida na Delegacia e registrou a ocorrência, depois foi encaminhada ao hospital onde recebeu todos os atendimentos de praxe e recebeu aquele coquetel para evitar doenças sexualmente transmissíveis.

**SIKÊRA [39':53"]:** É ladrão porque quer, é estuprador porque quer, tinha tudo para ganhar dinheiro: modelo! (Risos ecoam pelo estúdio). - ÓH! *Tá* (sic) vendo? Em piso de calçada! (O apresentador se refere à uma das fotos no telão em que o autor estava deitado no chão, fazendo pose). Olha, confortável! Deite você também! Tem outra, vai passando outra foto dele, desse rapaz, dessa coisa lord! *As mina pira! As mina pira* (sic)! Olha, olha! (é mostrada outra foto do acusado em que ele aparece deitado de costas sobre uma moto). Detalhe: a moto não é dele! Detalhe! Esta moto não é dele, esse é o sonho que ele tem: ele não quer trabalhar, mas quer ganhar no descuido, na facilidade! Tem outra foto melhor, vamos mostrar, vamos mostrando, vamos mostrando.... Esse é o carro da vítima

vai adiantando, por favor. Tem mais fotos, por favor. Cada foto mais linda do que a outra! ÓH! – (É exibida uma foto do acusado de perfil com óculos estilo *Juliette*, segurando a gola de uma camisa polo). (Elenco: ÊÊHH!). - Essa foto até Laura caía, minha mulher, é a minha mulher ia se apaixonar! Olha, olha, psiu! Que coisa mais linda! Tem um bem bacana Elis, ele está encostado na moto, não deitado, olha que Satanás! O Satanás está passando do limite! - (Elenco: ÊÊHH!). - Isso não é o Curupira não, isso é o Satanás, isso é o filho do demo! Isso é um *caramunhãozinho*, *caranunhãozinho* (sic)! Você acredita que tem mulher que se apaixona? *As mina pira, as blindada* (sic)! Lembra muito Zé Ressaca, é seu irmão? Mas que lembra, lembra! Não é? Olha que coisa linda gente, o cabelo dele parece um ninho de rola, aquele passarinho.... Olha cabra safado! Psiu, ele estuprou a coitada da garçonete e ele está onde agora? Aonde? Aonde? (Elenco: No remédio!). E o remédio dele está onde? (Elenco: No presídio!). Ele está no lugar certo, senhoras e senhores! Não precisa bater, não precisa torturar, é entregar onde deve ficar: no presídio! Agora imagina essa coisa gostosa, linda e maravilhosa, tomando um banho de sol! Um banho de sol, 9h da manhã, com os colegas de cela? E disseram: “Olha, é esse que estupra!”. Psiu, eu já estou com dó! O microfone amarelo, o microfone amarelo! Falei nele logo para não dar errado, ei psiu, eu já estou com pena do... Do quê, Michelle? (Voz de fundo de um dos integrantes do elenco: “Do orifício rugoso!”). Eu já *tô* (sic) com dó dele, 9h da manhã... (O apresentador faz um sinal para o mesmo integrante do elenco se aproximar dele). Banho de sol no presídio, eu já estou com dó de quê? (o integrante do elenco chamado de Michelle Obama fica ao lado de SIKÊRA e diz: “Eu estou com inveja!”. Um sonoro “Eita!” ecoa pelo estúdio). Saia (responde o apresentador)!

**SIKÊRA: [42’:29”]:** Vamos ao *Hell de Janeiro*, cantor Belo está preso! Está preso! (Elenco: ÊÊH!). Belo foi preso, eita! Gracyanne, vamos ver a Gracyanne!

### **POSSIVEL BRIGA POR HERANÇA: ADVOGADA É ASSASSINADA A FACADAS DENTRO DE CASA (PI)**

**REPÓTER [01:22:42]:** Boa noite, Sikêra. A história que eu vou contar agora é macabra. Tudo começou lá na cidade de Pedro II, lá na região norte do estado do Piauí, a 200 km aqui de Teresina, Sikêra. Na noite de sábado, dia 13 de fevereiro, uma advogada identificada como Izadora Mourão, 41 anos, foi assassinada na sua casa, dentro do seu quarto. De acordo com as primeiras informações, até mesmo da família da Izadora, ela

teria recebido uma visita de uma cliente, minutos depois a Izadora foi encontrada morta, com várias perfurações de arma branca. A polícia começou a fazer diligências na tentativa de encontrar essa cliente, até porque ninguém tinha visto essa mulher entrar na casa da Izadora. Aí a Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa foi até a cidade de Pedro II para começar a montar esse quebra-cabeça, foi, aí, viu Sikêra, que foi identificado que o irmão da Izadora, o jornalista e bacharel em direito, João Paulo Morão, é o principal suspeito da morte da Izadora. A Izadora foi velada aqui, ainda no sábado, em Teresina. O João Paulo, que é irmão dela, deu até entrevista, frio, ele disse que acreditava na justiça divina e na da os homens para que o verdadeiro assassino da própria irmã fosse descoberto.

**SIKÊRA [01:26:42]:** Francisco, muito obrigado. O João Paulo, o irmão, que matou a coitada da advogada, uma moça muito bem sucedida e ele atrasado no tempo, *né (sic)*? Ele atrasado no tempo, isso é inveja, isso é inveja, isso é o Caim matando o Abel. Mostra a cara dele, ele... E o assassino é muito frio, né? Da família e ele "não, é o crime organizado" e era ele que *tava (sic)* falando. E a mãe também! A mãe também! Mostra o João Paulo aí, quando ele chega. (no telão passam as imagens do acusado sendo levado pela polícia). E o policial parece *tá (sic)* com cuidado, *né (sic)*? Mão na cabecinha... mostra aquele momento na entrevista dele, Elis, por favor. Aquele momento que ele fala do crime organizado, com cada olho deste tamanho. É um giletão safado! Isso é um giletão! Invejoso da irmã, sabe? Com inveja da irmã, uma advogada muito nem sucedida, bonita, e ele ficou para trás, atrasou no tempo e quis matar a irmã, isso é um nojento! Nojento!

## APÊNDICE I

## TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO EM 15/03/2021

**LOCKDOWN NO CEARÁ!: MULHER SAI DE CASA SEM MÁSCARA E DISCUTE COM POLICIAIS (CE)**

**REPÓRTER [59'39"]:** Boa noite, Sikeirinha. Boa noite a você que tá (sic) ligado no Alerta Nacional. Essa foi uma grande polêmica no fim de semana aqui no Ceará, viu, SIKÊRA? Essa imagem que viralizou de uma abordagem policial a uma pessoa, uma mulher, que caminhava na beira mar de fortaleza, lembrando que a cidade, que, aliás, o Estado todo, o Ceara, está em *lockdown*. Ninguém pode sair nas ruas, só em extrema necessidade, né? Segundo o governo e a pessoa também tava (sic) usando máscara e o decreto aqui também obriga que todos que estejam na rua usem máscaras, a polícia disse, Sikêra, exatamente que essa mulher, ela não estava seguindo duas determinações, primeiro que ela estava na rua, deveria tá (sic) em casa, segundo o decreto e segundo que ela tava (sic) sem máscara, também descumprindo aí o decreto, tem as imagens aí, viu, Sikêra? Alguns populares gravaram essa abordagem policial, e a gente tem um trechinho agora pra (sic) mostrar pra (sic) quem tá acompanhando o Alerta Nacional. Solta aí, diretora, por favor.

**REPÓRTER:** É, Sikerinha, as imagens mostram aí o que aconteceu. A polícia diz que a mulher não seguiu a orientação, que ela foi orientada a usar a máscara e voltar pra (sic) casa, que ela não seguiu, que ela teria se exaltado, né? Como mostram aí as imagens e acabou empurrando ali um policial e ela foi então levada pra (sic) Delegacia, foi autuada, viu, Sikêra? No artigo 268 do Código Penal por infringir determinação do poder público para propagação de doença contagiosa, assinou um TCO e foi liberada. Essa, Sikêra, foi a grande polêmica do fim de semana aqui nesse *lockdown* que vive o Ceará, as pessoas são é... proibidas de ir pra rua só em caso de necessidade e também quando for pra rua tem que usar máscara, acabou acontecendo essa situação. As pessoas se dividem, né? Cada um, é claro, tem a sua opinião. Mas é isso, não é, Sikêra? A gente tá (sic) vivendo esse *lockdown* e tá bem difícil pra muitas e muitas pessoas. A gente tentou localizar essa mulher pra (sic) conversar com ela, saber a opinião dela sobre isso também, mas ela não foi localizada. É isso, Sikerinha. Eu volto com você. Com o apoio técnico de Rodrigues Tufão e Marcelo Talento. Emerson Tchalian ao vivo de Fortaleza para o Alerta Nacional.

**APÊNDICE J****TRECHO DO PROGRAMA EXIBIDO EM 26/03/2021****7-MORTA E SEMINUA: MULHER DESAPARECE POR 16 DIAS E É ENCONTRADA MORTA (DF)**

[38'23"] **REPÓRTER:** O corpo de Manuella Martins Pires, de 26 anos, foi encontrado no começo da tarde, próximo a uma bica, numa mata que fica no perímetro Sul em Ceilândia. A mulher estava desaparecida há cerca de 16 dias e foi localizada já em estado avançado de decomposição, e, também, sem parte das roupas. Uma pessoa que passava pelo local encontrou o corpo e acionou a Polícia Militar, por volta das doze horas e trinta minutos desta quinta-feira. Mãe de uma menina de 3 anos de idade, Manuella saiu de casa na noite do último dia 10, por volta das vinte e três horas, e não foi mais vista. De acordo com a família, ela fazia uso de medicamento controlado. Naquela noite ela pegou a mochila e saiu sem dizer para onde estava indo, foi a última vez que ela foi vista com vida pela família. A perícia acredita que ela tenha sido morta há cerca de seis dias. O namorado esteve no IML e reconheceu parte das roupas que foram encontradas. A polícia agora trabalha para saber quem estava com Manuella. Quem é o responsável por ter levado essa mulher para o mato e depois ter cometido o homicídio. E se além de matar ele abusou dessa vítima. Qualquer informação que possa ajudar na elucidação da morte dessa mulher pode ser passada para polícia, mesmo que de forma anônima, por enquanto ninguém foi identificado como suspeito deste homicídio.

[40'07"] **SIKÊRA:** Que coisa estranha, minha gente. Que coisa estranha. Uma moça tão bonita teve uma crise e saiu de casa, apareceu morta... (Êêh, reage o elenco). Será que (inaudível) encontrar alguém? Será? Pode ser, *né* (sic)? Pode ser. daqui a pouco você vai ver neste programa: No Alerta Paranormal. (AHHHH, reage o elenco) deixe de palhaçada, isso é um negócio sério! *Vamo parar, perai* (sic)! Depois atrapalha até a narração.

**A ALGEMA É MENOS CONFORTÁVEL QUE A MÁSCARA: MULHER ATACA PMS COM FACA AO SER ABORDADA EM MERCADO (GO)**

[1:09:33] **REPORTER:** Esse vídeo foi gravado pelo sistema de monitoramento do supermercado, que fica no bairro Araguari, em Cidade Ocidental. Por ele, é possível ver

que os policiais tentam convencer a mulher a utilizar a máscara de proteção, só que além de desobedecer aos pedidos dos policiais, ela tenta pegar uma faca na bolsa.

**[1:10:01] POLICIAL:** A mulher bastante alterada, *né* (sic)? Conversamos com ela várias vezes. Demos a oportunidade para ela colocar máscara, para ela terminar de fazer as compras dela, *né* (sic)? E fazer as obrigações que tinha para fazer. Ela agiu de uma forma muito ignorante com a equipe, de uma forma muito mal-educada. Ela se opôs ao uso da máscara, inclusive, a criança que estava com ela, de aproximadamente uns 5 anos de idade, pediu: “mamãe, usa a máscara” e mesmo assim ela não quis utilizar a máscara. De repente eu verifiquei que ela estava mexendo demais na bolsa dela. De repente olhei para o lado, também, aí voltei. Pisquei o olho e ela já *tava* (sic) com a mão dentro da bolsa. Foi quando eu tive atitude, *né* (sic)? De puxar bolsa, arrancar a bolsa dela. É onde realmente constava uma arma branca. Eu me surpreendi com o tamanho da faca que a essa altura andava na bolsa.

**[1:12:27] SIKÊRA:** Imagina se não tem essa imagem, hein? Desta faca caindo? Ia sobrar para os policiais, não ia? A arrogância, a truculência. Pegaram uma mulher. Dois homens contra uma mulher. A pobre com a criança fazendo feira, *né* (sic)? Nas compras do mercado. Olha, não subestime uma mulher, não. Ei, essa faca aí. Veja uma faca... o momento... *Óia... Óia...*(sic) Uma lapa... Aquelas de açougueiro. Essas facas, elas cortam antes de chegar na carne. Ela já corta. Ela é tão afiada, ela já sangra, ela já... Se você pegar nela, *né* (sic)? Veja a faca! Olha a faca! (Êêê, reage o elenco). Olha! (Olha a faca, grita alguém do elenco) De novo! (Olha a faca, grita mais uma vez alguém do elenco, o que se repete mais uma três vezes). Cadê a imagem? A Imagem! A Imagem! A Imagem! A imagem da faca! Lá vai! Lá vai! (Olha a faca!) Danou-se! Levaram a faca. Olha aí. *Ói*. Minha nossa senhora. Mistério na Bahia. E essa mulher deve tá na Bahia. Essa mulher aí *tava* (sic) com o Caboclo, não é possível.